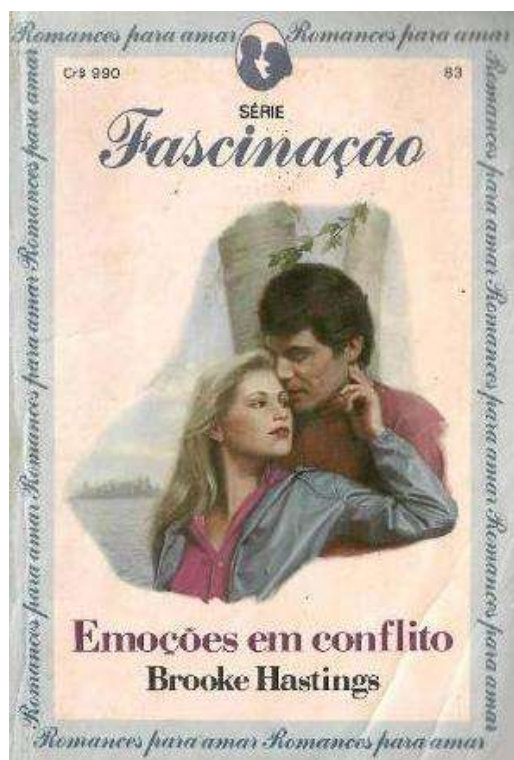


Emoções em conflito
Winner Take All
Brooke Hastings



A jovem e bem-sucedida empresária Carrie Spencer achou que estava vivendo um terrível pesadelo: por alguma razão obscura e incompreensível, o magnata Matthew Lyle queria tomar posse de sua empresa, como já havia feito com tantas outras. E, para desistir de seus planos, só impunha uma condição: que ela passasse com ele um fim de semana em sua ilha particular! Carrie jurou resistir àquele homem bonito e imoral com todas as suas forças, mas foi impossível. Alternando frieza e ternura, ódio e paixão, Matthew minou sua resistência e provocou em seu íntimo uma explosão de emoções perigosamente deliciosas...

Doação: Alessandra Ramos
Digitalização: Rita Cunha
Revisão: Talissa
Apoio: Livros Corações





Copyright: © 1981 by Brooke Hastings
Título original: "Winner Take All"
Silhouette Books, a Simon & Schuster
Division of Gulf & Western Corporation,
New York, N.Y., USA
Tradução: Dulce de Andrade
Copyright para a língua portuguesa: 1984
Abril S.A. Cultural — São Paulo
Composto na Tipolino Artes Gráficas Ltda. e
impresso nas oficinas do Círculo do Livro S.A.
Capa: Ilustração Silhouette

CAPÍTULO I

Estava fazendo um ano que Caroline McKay Spencer era presidente da Indústria de Aparelhos Eletrônicos Elliot Bay.

"E, a essa altura", pensou ela, vendo Sam Hanover, o superintendente da firma, entrar em seu escritório, "eu já deveria estar acostumada com a mania de Sam de vir até minha sala, sempre que tem alguma coisa para me dizer".

Mas Sam vinha agindo como seu guia e conselheiro, desde a morte de seu marido, há um ano, e Caroline ainda se achava muito inexperiente, comparada a ele. Além disso, ela se sentia em débito para com o velho amigo, pois ele havia convencido o Conselho Diretor da firma a nomeá-la presidente, quando tinha muito mais capacidade para ocupar o cargo.

— Você está com uma expressão tão fria quanto o tempo de hoje, Sam — ela comentou, quando ambos já estavam acomodados em confortáveis poltronas de couro. — Algo errado?

Através dos anos, Caroline tinha aprendido que era melhor não demonstrar seus verdadeiros sentimentos mas, como conhecia Sam desde a infância, era menos reservada com ele do que com os outros empregados da firma.

— Recebi um telefonema de Adam, ontem à noite.

O modo como Sam falou fez Caroline se lembrar do tom que Clay Spencer, seu marido, costumava usar, sempre que se referia ao irmão mais velho, Adam. Há muito tempo, os dois irmãos tinham sido sócios e fundado a Indústria de Aparelhos Eletrônicos Elliot Bay, alcançando sucesso quase imediato, graças à capacidade de Clay como engenheiro eletrônico, e à habilidade de Adam, como administrador.

No entanto, quando a firma estava com quatro anos e já tinha desenvolvido e fabricado inúmeros aparelhos eletrônicos para aviões e navios, os dois irmãos haviam se desentendido e rompido a sociedade. Depois de vender metade de suas ações para o pai de Caroline, o falecido Alex McKay, Adam tinha se mudado para a Califórnia, onde se juntara a um enorme complexo industrial. Clay, então, havia entregado a Alex a

direção da firma e continuado com as pesquisas de que tanto gostava, terminando por inventar um aparelho que tornava navios, aviões e mísseis invisíveis ao radar inimigo. Isso havia proporcionado à indústria inúmeros contratos lucrativos, tanto com o governo quanto com fabricantes de armas.

Adam Spencer ainda retinha nove por cento das ações da Elliot Bay, da qual Caroline era a maior proprietária, por ter herdado as ações que pertenciam ao pai e ao falecido marido. O resto das ações fora vendido ao público e, com isso, a firma deixara de ser particular, tornando-se sujeita às leis e regulamentos do governo federal.

Esquecendo-se do passado, Caroline concentrou-se no presente. Apesar de não demonstrar, estava ansiosa para saber a causa do telefonema de Adam. Não ouvia falar dele desde o falecimento de Clay.

— Seu querido cunhado me informou que, hoje de manhã, venderia todas as ações que ainda tem da firma para Matthew Lyle — Sam continuou, sem esconder a raiva que estava sentindo.

— Matthew Lyle?! Mas o que esse sujeito pode querer conosco?

— Ele quer tomar posse da nossa firma, é claro! Desde os vinte e cinco anos, Matthew Lyle se diverte anexando a seu complexo industrial companhias que não querem ser anexadas. Em dez anos, anexou mais de doze companhias às Indústrias Olympia, e pelo menos metade delas lutou contra isso com unhas e dentes. Em vão, é claro.

Caroline não estava gostando da idéia de ter que se envolver com o famoso Matthew Lyle, mas disfarçou e foi com ar confiante que respondeu a Sam.

— Nove por cento das ações darão a ele o direito de sentar-se no Conselho Diretor, não o controle da firma. Além disso, os lucros esperados para o ano que vem são excelentes, e os acionistas confiam em nós. Não há razão para pensarmos que eles venderiam as ações que possuem a Matthew Lyle.

— Não se engane, Carrie. Você tem dezoito por cento das ações; os outros membros do Conselho têm doze. Isso dá trinta por cento das ações, se é que podemos contar com eles. No mercado, nossas ações estão sendo vendidas a dezenove dólares, quando seu valor real é trinta dólares. Se Lyle quiser mesmo tomar conta da firma, vai propor sua própria chapa de diretores, na eleição do novo Conselho, em maio. E prometerá aos acionistas que, assim que estiver no controle de tudo, votará pela liquidação da firma, com a venda de todas as ações no mercado aberto. Nesse caso, cada ação pode alcançar até quarenta dólares, e a maioria dos acionistas vai embolsar seu dinheiro e sumir. Lyle poderá, então, usar o dinheiro conseguido para financiar outros investimentos de seu interesse.

— Mas ele não costuma liquidar as companhias que assume — argumentou Caroline.

— Não, e se ele estiver atrás da firma em si, provavelmente prometerá aos acionistas que as Indústrias Olympia comprarão a Indústria Elliot Bay,

assim que sua chapa de diretores for eleita. Nossos acionistas passarão então a ser acionistas dele, o que é uma troca e tanto. A companhia de Lyle é um fenômeno, Carrie, especialmente se levarmos em conta a economia atual. A maior parte dos acionistas vai aceitar a troca sem pensar duas vezes.

— A maior parte, talvez, mas não todos. Para tomar a companhia, Matthew Lyle precisa de cinquenta e um por cento das ações, e só tem nove. Faltam quatro meses para a reunião anual e não creio que, nesse tempo, ele consiga procurações para agir em nome dos milhares de acionistas que sempre nos deram apoio.

— Invejo o seu otimismo, Carrie, mas não concordo com seu ponto de vista. Se Lyle quiser a companhia, dará um jeito de conseguir as procurações. Às vezes, acho que ele não será feliz, enquanto não possuir todas as firmas de navegação, fabricação de armamentos, madeiras e não sei mais o quê, que existem nessa região do país. — Sam suspirou e fixou os olhos azuis em Caroline. Sua careca brilhava de suor. — Pretendo lutar contra ele, Carrie. Se depender de mim, Matthew Lyle não porá as mãos na Indústria de Aparelhos Eletrônicos Elliot Bay.

— Vamos esperar mais uma ou duas semanas, Sam. Não sabemos ao certo o que Lyle pretende, e portanto não podemos fazer nada. Diga-me uma coisa: agora que ele tem mais que cinco por cento de nosso estoque de ações, não precisa comunicar à Comissão de Apólices e Títulos toda nova compra?

— Precisa sim, o que é uma sorte para nós. Seremos avisados pela Comissão, todas as vezes que ele comprar mais ações.

— Ótimo! Vou telefonar para alguns de nossos maiores acionistas e tentar descobrir o que eles pensam a respeito disso tudo. Talvez possamos deter Lyle, antes que ele comece a usar o poder que tem, para nos engolir.

— Ele já começou a usar, Carrie — declarou Sam com rudeza, levantando-se da poltrona. — Agora, cabe a você detê-lo.

Sem ligar para a ordem áspera do superintendente, Caroline acompanhou-o até a porta externa do escritório. Era a primeira vez que o via tão agitado, o que não era de se admirar, levando-se em conta que ele poderia perder a aposentadoria que estava prestes a conseguir, depois de vinte anos de trabalho, se Matthew Lyle tomasse conta da firma e resolvesse pô-lo para fora.

De volta ao escritório, Caroline pôs-se a pensar em tudo que ouvira. Antes da morte de Clay, ela havia trabalhado no departamento de vendas da firma, e uma vez tentara vender à Lyle Construções Marítimas um novo sistema de navegação, destinado a barcos de pequeno porte. Não chegara, no entanto, a entrar em contato com Matthew Lyle, pois, apesar de ser um grande iatista e ter um interesse especial por essa parte de sua indústria, Matthew passava a maior parte de seu tempo correndo de um lado para outro, atrás de novas companhias para anexar às Indústrias Olympia.

De tempos em tempos, fotografias do dinâmico Lyle apareciam nas seções de esportes ou negócios dos jornais de Tacoma e Seattle, geralmente na companhia de uma bela mulher, que o fitava com ar de adoração, enquanto era ignorada por completo. Matthew Lyle personificava, às mil maravilhas, o homem de negócios poderoso e "durão", e Caroline, apesar de admitir que o achava bastante atraente, o tinha na conta de pessoa insensível, incapaz de emoções profundas. A notícia de que ele era dono de nove por cento das ações da Elliot Bay causou-lhe, por isso mesmo, profundo desgosto, e ela passou o resto da semana sondando os acionistas.

Para seu horror, ficou sabendo que Matthew Lyle vinha comprando ações da firma há quase um ano e que, agora, era dono de doze e meio por cento do estoque. Além disso, Lyle e seu primo e braço direito, Joseph Symington, tinham falado pessoalmente com vários dos maiores acionistas, insinuando que as ações da Elliot Bay valiam bem mais do que o preço pelo qual estavam sendo vendidas. Numa conversa recente, Lyle havia mesmo mencionado a possibilidade de trocar ações da Elliot Bay por ações das Indústrias Olympia. Diante disso, a maior parte dos acionistas estava disposta a aceitar sua oferta.

— É melhor prepararmos uma carta para nossos acionistas, Sam — disse Caroline ao superintendente, depois de lhe contar o que havia descoberto, com sua pesquisa. — Precisamos convencê-los de que, a longo prazo, terão mais lucro se forem fiéis a nós. Dá para você fazer um resumo das vendas, lucros e dividendos programados para o ano que vem?

Por um momento, o rosto de Sam expressou incerteza.

— O que foi, Sam? Nossa programação não é boa? Não conseguimos dois ótimos contratos para o ano que vem?

— Claro que conseguimos, Carrie! — Sam deu alguns passos em direção à porta, antes de virar-se e perguntar, o rosto agora tão impassível quanto o de um jogador de pôquer: — Você vai convocar uma reunião extraordinária do Conselho Diretor?

— Não tenho outra escolha, tenho? Vou pedir a Maggie que entre em contato com os membros do Conselho hoje mesmo, dizendo-lhes para estarem aqui sexta-feira, às dez da manhã.

Depois de acompanhar Sam até o corredor, Caroline procurou Maggie O'Connell, a secretária que tinha herdado do marido. Maggie, uma mulher inteligente e competente, era sua maior aliada na firma, e sabia tanto a respeito da Elliot Bay quanto ela e Sam.

Mas o que Caroline mais gostava em Maggie era o temperamento caloroso e alegre que, junto com um sorriso simpático, voz rouca e longos cabelos ruivos, conquistava a confiança de todos que dela se aproximavam. Caroline, ao contrário, sendo fechada e avessa a confidências, fazia as pessoas se sentirem pouco à vontade em sua presença, principalmente porque, para a maioria, falar da vida pessoal era algo sem a menor importância. O que as pessoas não sabiam era que ela fora muito infeliz

com o marido, e não comentar os anos que passara com ele ajudava-a a afastar da mente as lembranças dolorosas. Além disso, ela ainda tinha um forte sentimento de lealdade por Clay e temia que, se revelasse o quanto sofrera, as pessoas comesçassem a pensar nele apenas como o homem cruel e obsessivo dos últimos tempos, esquecendo-se do quanto ele fora bom durante os outros cinquenta e dois anos de sua vida.

Maggie, no entanto, tinha sido secretária particular de Clay e testemunhado o sofrimento de Caroline. Sua pena da moça fora tanta, que havia feito o possível para ajudá-la, e isso criara entre as duas um forte laço de amizade e confiança. Atualmente, Caroline considerava Maggie sua única amiga verdadeira, e foi sem reservas que ela lhe contou tudo a respeito das manobras que Matthew Lyle vinha fazendo, para tomar posse da Elliot Bay.

— Não estou gostando nem um pouco desta história, Maggie — Caroline admitiu, no final. — Matthew Lyle tem uma ficha com sucessos demais. Sabe que, nos últimos dez anos, só uma companhia conseguiu escapar dele? Seus diretores preferiram se associar a uma terceira corporação, em vez de ceder a Lyle, mas eu não gostaria de ter que fazer isso.

Maggie sorriu.

— Então, dentro de pouco tempo Matthew Lyle terá uma desagradável surpresa: a Elliot Bay será a segunda empresa a escapar de suas garras!

Caroline riu e, de novo bem-humorada, voltou ao trabalho.

Mas, na sexta-feira, na reunião com o Conselho Diretor, ela foi forçada a admitir que o futuro da Elliot Bay como empresa independente estava em perigo. Durante a semana, várias notas tinham aparecido nos jornais locais, falando sobre a possibilidade de Matthew Lyle tomar posse da Elliot Bay. Matthew mesmo havia dado inúmeras entrevistas a respeito do assunto sem, no entanto, comprometer-se com uma informação definitiva. Caroline, por sua vez, também fora assediada pelos repórteres, mas limitara-se a responder a todas as perguntas com um sorriso encantador e um polido "sem comentários".

A reunião do Conselho durou até depois do meio-dia e, nesse tempo, Caroline e Sam descobriram que eram os únicos dispostos a lutar contra Lyle. Os outros membros do Conselho achavam que uma luta dessas envolveria muito dinheiro, além de ser muito arriscada, e que o melhor seria ceder de uma forma amigável e entregar a Elliot Bay às Indústrias Olympia.

Depois de muita discussão, Caroline acabou aceitando a sugestão de tentar negociar com Lyle. Uma carta seria escrita aos acionistas, explicando o que estava acontecendo e pedindo-lhes para não tomar qualquer atitude, pelo menos durante um mês. Enquanto isso, ela teria uma entrevista pessoal com Lyle e tentaria fazer com que ele desistisse de assumir a Elliot Bay. Caso ele não concordasse, ficou decidido que ela poderia lhe oferecer duas cadeiras no Conselho Diretor, para evitar uma

aquisição forçada.

Na segunda-feira, as cartas foram enviadas aos acionistas e, pouco depois, começaram a chegar as respostas. Quase todos concordaram em esperar, antes de tomar uma atitude definitiva. Marcar uma entrevista com o arrogante Lyle mostrou-se, no entanto, uma tarefa bem mais difícil.

— Lyle está fazendo isso de propósito — Caroline queixou-se a Maggie, na quarta-feira à tarde, fumegando de raiva. — Se ele tem tanto tempo livre para dedicar aos repórteres, é impossível que não disponha de pelo menos meia hora para me receber.

— Não sei, Caroline. Segunda-feira eu falei com a secretária dele e ela me disse que telefonaria no dia seguinte, dando a hora da entrevista. No entanto, quando ela me telefonou foi para dizer que o patrão estaria ocupado por várias semanas e que a entrevista teria que ficar para outra época. Eu estranhei e lhe perguntei se Lyle pretendia sair da cidade e ela me respondeu que, na verdade, ele só tinha uma viagem programada, durante as próximas duas semanas. Não sei o que pensar disso tudo.

— Às vezes, tenho vontade de entrar à força naquele escritório elegante que Lyle tem na Quarta Avenida e exigir que ele me receba!

— Ah, isso seria uma coisa digna de ser vista! — Com ar dramático, Maggie examinou Caroline de alto a baixo. — Imaginem, a sempre fria Caroline McKay Spencer perdendo a cabeça em público! Pensando bem, Caroline, Matthew Lyle não se esconde numa caverna, e um encontro... ahn... accidental, poderia ser arrumado.

— É claro que sim! Tudo que tenho a fazer é procurar o jornal mais próximo! O único senão é: o que eu ganharia com isso?

— Lyle é humano, não é? E muito homem, pelo que ouvi dizer. Além disso, a julgar pelas mulheres maravilhosas com quem é sempre fotografado, está longe de ser cego.

Caroline estava ciente de que os outros a consideravam uma moça bonita, mas ainda não se esquecera de seus dias de adolescente desajeitada e não conseguia acreditar nisso. É verdade que tinha pele perfeita, olhos verdes, nariz pequeno, uma boca deliciosa e uma estrutura facial exótica, realçada pelos longos cabelos loiros, mas a impressão geral era fria e intimidante.

No entanto, alguns homens pareciam gostar dessa beleza fria e encaravam sua personalidade reservada como uma espécie de desafio. Sendo quase todos de natureza agressiva, eles não haviam se contentado em esperar por um período respeitável de luto, antes de tentar conquistá-la, certos de que, como Clay estivera acamado por quase um ano, antes de falecer, sua viúva deveria estar louca pela companhia de um homem sadio e viril. Caroline havia deixado claro que esse não era bem o caso.

Como presidente de uma importante empresa, ela não podia deixar de comparecer a certas reuniões sociais, mas sempre tinha o cuidado de escolher, como seus pares, homens mais velhos e capazes de entender o

papel que estavam desempenhando. Não era sua intenção colocar sua independência e seu coração nas mãos de um sujeito qualquer, mandão e convencido de ser um presente de Deus para as mulheres.

— Matthew Lyle, convencido por uma carinha bonita a desistir de tomar posse da Elliot Bay?! — comentou, Caroline, erguendo uma das sobrelanceiras com ar incrédulo. — Duvido muito, Maggie. Ele é um duro homem de negócios, não um adolescente impressionável.

— Eu tenho visto o modo como os homens olham para você, Caroline. Matthew Lyle não precisa da Elliot Bay, e tanto isso é verdade que ele ainda nem se deu ao trabalho de registrar sua intenção de compra na Comissão Federal do Títulos e Apólices. Na minha opinião, ele ainda não decidiu se vai ou não tomar posse da Elliot Bay, e não faria mal nenhum você tentar amansá-lo com um dos seus sorrisos. É impossível que o seu charme não o atinja.

— Pois eu prefiro sorrir para uma cobra do que para esse sujeito!

Maggie suspirou, exasperada.

— Escute aqui, Caroline Spencer! A exposição de barcos abre na sexta-feira e, segundo o jornal, a Lyle Construções Marítimas deverá receber um prêmio especial por um de seus modelos. Pelo que sei, Matthew gosta muito da divisão naval de suas indústrias, e é quase certo que ele esteja lá, para receber esse prêmio.

— E o que você quer que eu faça, Maggie? Que eu me esconda atrás de uma árvore e pule sobre Lyle, quando ele aparecer? — Um riso deliciado escapou dos lábios de Caroline. — Você está perdendo tempo como minha secretária, Maggie. Deveria estar escrevendo roteiros para filmes!

— De qualquer modo, Caroline, vou telefonar para a Lyle Construções Marítimas e descobrir a que horas esse prêmio vai ser entregue e quem vai recebê-lo. Depois, a decisão de ir ou não será sua.

— Pode ser que eu resolva mandar você em meu lugar. Se Matthew Lyle tiver um fraco por ruivas, estaremos feitos!

— O único problema é que Jerry jamais me deixaria ir.

Sorrindo, Maggie juntou uns papéis e deixou o escritório tia presidência.

Quando a porta se fechou, Caroline pegou a correspondência que deveria assinar e começou a colocá-la em ordem. Na sua opinião, se Jerry Carlisle fosse um homem possessivo, daria um jeito de convencer Maggie a se casar com ele, em vez de simplesmente viverem juntos. Maggie havia sido muito infeliz com o primeiro marido e, depois de conseguir o divórcio, tinha medo de se envolver em novo casamento.

De qualquer modo, Caroline não se achava no direito de julgar a vida particular dos outros. Maggie só começara a sair com Jerry depois de se divorciar do primeiro marido, e estava longe de ser uma mulher promíscua, como muitas de suas amigas de escola, que costumavam pular da cama de um rapaz para a de outro, sem a menor preocupação. Por que elas faziam

isso, Caroline jamais fora capaz de entender, pois nenhuma delas parecia feliz com esse tipo de vida.

Mas talvez ela não fosse capaz de entender, por não ter experiência com esse tipo de relacionamento. Nunca encontrara um homem capaz de fazer seu pulso se acelerar, e muitas vezes já havia chegado a imaginar se não havia algo de errado com seu corpo. Esse tipo de preocupação, no entanto, teria que ficar para mais tarde. No momento, tinha muito trabalho a fazer.

CAPÍTULO II

Na segunda-feira seguinte, Maggie entrou no escritório de Caroline com um sorriso matreiro nos lábios.

— Adivinhe com quem estive falando? — perguntou. E, sem esperar resposta, prosseguiu: — Com a relações públicas das Indústrias Olympia! O prêmio à Lyle Construções Marítimas será entregue amanhã, às duas da tarde, e sabe quem estará lá para recebê-lo? Nada mais, nada menos que nosso homem de negócios favorito!

Depois de mais alguns segundos olhando para os papéis que tinha sobre a mesa, Caroline levantou os gelados olhos verdes e fixou-os na secretária.

— Tenho trabalho a fazer, Maggie. Há alguma coisa importante que você queira me dizer?

Mas Maggie não havia trabalhado tantos anos para Clay Spencer, sem desenvolver uma espécie de sexto sentido a respeito dos patrões.

— Você não me engana, Caroline Spencer. Tenho certeza que está louca de vontade de ir à entrega desse prêmio — disse, rindo, enquanto se dirigia para a porta.

Depois que ela saiu, Caroline girou a cadeira até ficar de frente para a janela, de onde podia ver o estádio de esportes da cidade, o Kingdome. Há vários dias preocupada coro. Matthew Lyle, vinha tendo muita dificuldade para se concentrar no trabalho. O que haveria por trás da recusa dele em lhe conceder alguns minutos de seu precioso tempo? Estaria ele se fazendo de difícil? Ou apenas se divertindo em deixá-los aflitos?

Essas perguntas continuaram a atormentá-la o resto do dia e, na manhã seguinte, quando chamou Maggie e pediu-lhe para arranjar um táxi, ainda estava preocupada. No entanto, não era sua intenção ir falar com Lyle, quando deu ao motorista o endereço do Kingdome, onde estava sendo realizada a exposição de barcos. Sua idéia era apenas ver Matthew Lyle, em carne e osso. Afinal de contas, espionar os movimentos do inimigo era uma estratégia sensata, em qualquer tipo de guerra.

O Kingdome, uma enorme estrutura de aço e concreto, ocupava uma área de trinta e seis acres, a poucos quarteirões dos escritórios administrativos da Elliot Bay, e abrigava jogos profissionais e amadores, feiras e exposições dos mais variados tipos. Naquele dia, centenas de barcos

a vela e a motor alinhavam-se sobre seu chão de cimento, e Caroline andou bastante, antes de encontrar o *stand* da Lyle Construções Marítimas. O iate premiado da companhia, o LM 40, ocupava um lugar de destaque entre os outros barcos, e um folheto colorido relatava as vitórias que havia obtido em inúmeras competições, muitas vezes disputando contra iates mais caros e maiores.

Mas Caroline não se entusiasmou com a descrição técnica dos méritos do LM 40, pois, apesar de a navegação ser uma verdadeira obsessão para a maioria dos habitantes de Seattle, ela nunca tivera um barco. Nem seu pai, nem seu marido gostavam de navegar.

Ainda faltava quase uma hora para a entrega dos prêmios, e ela se distraiu caminhando pelo estádio e admirando os modelos em exposição. Alguns eram tão bonitos e luxuosos que Caroline quase lamentou o fato de enjoar com facilidade, em barcos pequenos. Seria delicioso fazer um cruzeiro ao longo da costa, num daqueles modelos maravilhosos. A sensação de solidão e independência deveria ser fantástica!

Depois de caminhar mais alguns minutos, Caroline tirou o casaco e pendurou-o num dos braços, revelando o vestido *chemisier* de mangas longas, que estava usando por baixo. A malha cinza-prateada colava-se a seu corpo, acentuando sua altura e curvas bem-feitas. Ela sempre fora alta e, agora, com botas pretas de cano longo e salto médio, destacava-se entre as outras mulheres de uma forma extraordinária.

Quando voltou para o *stand* da Lyle, um grupo considerável de pessoas já estava reunido em volta do LM 40. Dois homens logo surgiram no convés do barco, ambos sorrindo abertamente. Os olhos do mais alto examinaram rapidamente a multidão, sem se deter em ninguém, muito menos na loira platinada a alguns metros de distância. O mais baixo parecia ser o editor da revista esportiva que concedera o prêmio ao LM 40 e, quando alguém lhe estendeu um microfone, ele começou um longo e efusivo elogio ao barco. *Flashes* eletrônicos espocaram por todos os lados, quando Lyle recebeu o prêmio.

— Obrigado, Roger — disse ele, com um sorriso. — Todos nós, da Lyle Construções Marítimas, estamos orgulhosos por termos merecido este prêmio.

Os dois homens trocaram um aperto de mão e, com ar simpático, posaram para os fotógrafos.

Olhando-os, Caroline não pôde deixar de pensar que as fotos dos jornais não faziam justiça a Matthew Lyle. Nem mesmo o terno com colete, que ele estava usando, era capaz de esconder o dinamismo do homem. Era fácil imaginá-lo no convés de um barco de corrida, o vento soprando seus cabelos escuros, um pouco longos, o corpo rijo e forte pronto para a ação, enquanto as ondas explodiam de ambos os lados, respingando-o da cabeça aos pés. Se algum dia um homem já pudera ser chamado de atraente, esse homem era Matthew Lyle! Não era de admirar que tantas mulheres se apaixonassem

por ele.

"Mas não eu", Caroline pensou. Se estava com os olhos fixos em Matthew Lyle era apenas para avaliá-lo, mais nada. Finalmente, embaraçada pelo longo tempo que tinha gasto examinando-o, ela se virou e saiu do estúdio.

Caroline voltou para o escritório a pé, pois estava precisando pensar. A simples presença física de Matthew Lyle era intimidante e, em pessoa, ele parecia bem mais impiedoso do que nas fotos dos jornais. Lembrando-se da reputação dele como homem de negócios, ela começou a duvidar que pudesse manejá-lo.

Quando chegou ao escritório, estava aborrecidíssima com a própria falta de confiança. É claro que poderia manejar Matthew Lyle!

— Como foi? — Maggie perguntou, assim que ela entrou.

— Eu não falei com Lyle — disse Caroline, com ar despreocupado. — Ele é um homem bonito e atraente, com cara de ser muito convencido. Só que, se ele pensa que vai me vencer usando apenas charme, está muito enganado!

— Não há dúvida — Maggie concordou, os olhos brilhantes de malícia.

Ignorando o comentário da secretária, Caroline foi para sua sala. Tinha muitos problemas a resolver e era melhor se dedicar a eles do que perder tempo pensando em Matthew Lyle.

Uma semana depois, ela pediu de novo a Maggie para marcar uma entrevista com ele. Já tinha conseguido se livrar da impressão que Lyle lhe causara, na exposição de barcos, e estava certa de que poderia tratá-lo com a habitual frieza e confiança, caso se encontrassem. Mas, mais uma vez, a secretária dele recusou-se a marcar a entrevista, alegando que "o sr. Lyle não tinha tempo disponível para falar com a sra. Spencer".

Quando Maggie lhe transmitiu a resposta, Caroline estava tão ocupada com outros assuntos que só riu. Além das responsabilidades habituais, ela estava preparando os relatórios que seriam apresentados aos acionistas, na reunião de maio, e isso era mais importante que qualquer entrevista com Lyle.

A exposição anual dos produtos da Elliot Bay estava marcada para a última semana de fevereiro, no Hall de Exposições de Seattle Center, o centro cívico e cultural da cidade. Ansiosa para tirar disso a máxima vantagem possível, Caroline supervisionou, pessoalmente, a montagem do *stand*, dando especial atenção à qualidade dos produtos que seriam expostos.

Naquela quinta-feira, ela deixou o escritório no fim da manhã e para lá se dirigiu, muito elegante num conjunto de saia e *blaser* azul, de lã, com um suéter cinza, de gola olímpica, por baixo. O tempo estava lindo, com o sol brilhando alegremente no céu azul e, assim que chegou ao Center, uma vontade incrível de visitar de novo a Torre Espacial invadiu-a.

Desde os tempos de estudante não pisava na enorme estrutura de aço, que se transformara no símbolo de Seattle, durante a Feira Mundial de 1962, e foi com encanto que contemplou a vista espetacular que as janelas de vidro proporcionavam aos visitantes. De um lado, erguiam-se os picos nevados das Montanhas Cascata e, do outro, os das Montanhas Olímpicas; a leste, viam-se as águas do Lago Washington e, a oeste, a Baía Elliot e Puget Sound. Acima de cada janela haviam sido colocadas fotos ampliadas dos arredores, com os nomes dos edifícios e acidentes geográficos, para que todos pudessem identificar o que estavam vendo.

Descendo da Torre Espacial, Caroline percebeu que estava com fome e dirigiu-se ao Circo dos Alimentos. Lá, comidas dos mais variados tipos e nacionalidades eram oferecidas, e ela escolheu um pedaço de pizza e um refrigerante, que levou para comer do lado de fora. A música vinda da Fonte Internacional logo chegou-lhe aos ouvidos, e ela pôs-se a caminhar devagarinho para lá.

"Mas que dia lindo!", pensou, fascinada com o arco-íris que o sol formava nas gotinhas de água que a fonte lançava para cima. Finalmente, com uma certa relutância, virou-se para voltar para o Hall de Exposições, só percebendo que havia alguém atrás dela quando se chocou com uma forma humana, encharcando-a de refrigerante.

— Oh, desculpe! — exclamou, levantando os olhos para o homem.

Caroline nunca havia perdido a compostura em público, mas naquele momento ela sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Tinha acabado de encharcar de refrigerante o casaco do terno de Matthew Lyle.

— Não foi nada — ele disse, sorrindo e tentando enxugar-se com um lenço. — Não é todo dia que uma moça tão linda derruba refrigerante na minha roupa.

Para seu horror, Caroline percebeu que estava corando, uma coisa que não fazia desde a adolescência. Se Matthew Lyle era atraente de longe, de perto era de tirar o fôlego, e não havia como negar o efeito que ele estava exercendo sobre ela. Um simples sorriso bastara para deixá-la arrepiada da cabeça aos pés. No entanto, logo seu sistema de autodefesa começou a funcionar, e foi num tom frio e controlado que ela respondeu:

— Por favor, mande-me a conta do seu tintureiro. A culpa foi minha, eu deveria ter olhado para onde estava indo.

O sorriso dele, largo e divertido, confundiu-a. Não era sempre que espécimes de um metro e noventa e oito centímetros de pura atração masculina olhavam-na com tanta indulgência, e ela se sentiu completamente perdida. Deveria apresentar-se e iniciar uma conversa a respeito dos planos dele, para a Elliot Bay? Ou seria melhor entregar-lhe um cartão com seu endereço e partir? Enquanto se debatia nesta dúvida cruel, ele disse:

— Não se preocupe com a conta do tintureiro; eu mesmo a pagarei. Mas a senhorita me deve alguma coisa para compensar a inconveniência, e

espero recebê-la, senhorita...?

Lyle ergueu uma das sobrancelhas escuras, com ar interrogativo, e Caroline foi tomada pelo impulso irresistível de não lhe dizer quem era. Ele não a reconhecera, e ela não estava usando a aliança de casamento. Depois da morte de Clay, tinha feito questão de se descartar de tudo que pudesse fazê-la lembrar aquele período doloroso.

— McKay — ouviu-se dizer. — Carrie McKay. — E prendeu a respiração, à espera de que ele ligasse seu nome à Elliot Bay.

Mas nenhum sinal de reconhecimento surgiu nos olhos castanhos de Lyle. Sorrindo, ele repetiu:

— Não vou deixar que vá embora sem acertarmos a questão do que me deve, Carrie. E só a perdoarei por ter manchado meu terno se aceitar ir à ópera e jantar comigo, sábado à noite.

Caroline ficou horrorizada com a vontade que sentiu de concordar. Sua reação não tinha nada a ver com os planos de Maggie de usar seus encantos para dominar Matthew Lyle e fazê-lo desistir da Elliot Bay. Na verdade, ela é que estava começando a ser dominada pelos encantos dele.

— Sinto muito, mas não posso aceitar. Nós nem nos conhecemos — murmurou, num tom frio e distante. E já havia dado dois passos em direção ao Hall de Exibições, quando as mãos dele se fecharam em torno de seus braços e puxaram-na para trás, obrigando-a a encará-lo novamente.

— Meu nome é Matthew Lyle, e lhe garanto que sou razoavelmente respeitável.

Caroline, o coração batendo como um tambor, forçou-se a retribuir o olhar dele com indiferença, como se o nome que acabara de ouvir não significasse nada para ela.

— Sou o presidente das Indústrias Olympia — Matthew acrescentou, soltando-a.

Ele parecia estar se divertindo com alguma coisa. A ignorância dela? Ou sua resistência?

Caroline nem tentou resistir à vontade que a invadiu de se divertir um pouco às custas dele.

— Ah, eu vi o seu retrato nos jornais! Você é o sujeito que construiu o barco que ganhou aquele prêmio — exclamou, fingindo estar maravilhada. E depois acrescentou, desconfiada: — Você não é casado, é?

Matthew riu, um riso grave e sonoro que ela achou cativante. Quando ele ria, perdia o ar de homem de negócios impiedoso e ganhava uma aparência quase infantil.

— Não, não sou casado. Mas, se fosse, você me faria esquecer da existência dela.

Caroline percebeu que estava corando de novo. Por que não era capaz de pensar numa resposta inteligente, em vez de ficar ali parada, como uma adolescente desajeitada?

— Quer ver minha carteira de motorista e dois dos meus melhores

cartões de crédito? — ele continuou, com uma franqueza assustadora.

Recuperando, finalmente, a presença de espírito, ela respondeu:

— Não é preciso, sr. Lyle. Não estou lhe emprestando dinheiro nem recebendo um cheque seu. E também não pretendo sair com o senhor.

— Dê-me o seu endereço. Passarei para pegá-la às cinco e meia.

Caroline fez que não e, num gesto inesperado, Matthew Lyle tirou a bolsa de suas mãos e abriu-a, obviamente pensando em ver seu endereço na carteira de motorista. Mas todos os documentos de Caroline estavam em seu nome de casada e ela não queria que ele descobrisse quem era, pelo menos por enquanto.

— Você não desiste fácil, hem? — comentou, tomando a bolsa de volta.

— Sábado. Às cinco e meia. Onde você mora, Carrie?

Fingindo relutância, ela lhe disse que morava na ilha Mercer e deu o número da rua e da casa.

— É uma casa que avança sobre o lago — explicou —, mas não precisa ir até lá. A rua é muito íngreme; é melhor eu esperar você no topo da colina.

— Está bem. Até amanhã então, Carrie. — Inclinando-se, Matthew beijou-a de leve nos lábios e acrescentou, baixinho: — Não me faça esperar. — Depois, desapareceu no meio da multidão.

Com as emoções num verdadeiro caos, Caroline dirigiu-se para o Hall de Exibições. Nunca encontrara alguém como Matthew Lyle; se outro homem tivesse feito aquele comentário idiota, a respeito de esquecer a existência da esposa por sua causa, teria rido na cara dele. Mas Matthew Lyle tinha um jeito tão sedutor de olhar para uma mulher, com um meio sorriso e olhos brilhantes de admiração, como se estivesse dizendo: "Você me enfeitiçou. Estou louco para fazer amor com você!"

Caroline censurou-se por estar sendo tão boba. Matthew na certa olhava do mesmo modo para todas as mulheres. Mesmo assim, estaria esperando por ele no sábado à noite.

Ela achou difícil não pensar em Matthew Lyle, enquanto examinava o *stand* da Elliot Bay. Não que o *stand* não estivesse bom; ele era o melhor, mas isso não impediu que os pensamentos se atropelassem em sua mente. Teria sido mesmo uma simples coincidência, o fato de ter se chocado justamente com Matthew Lyle, entre as milhares de pessoas que estavam visitando o Seattle Center? Por que ele não estava no escritório, naquele horário? Teria tirado algumas horas de folga, para inspecionar a exposição, ou havia pura e simplesmente saído para passear, seduzido pela beleza do dia? Essa foi a explicação que mais lhe agradou.

Para Caroline, a sexta-feira arrastou-se. A lembrança de Matthew Lyle não a deixou em paz um só minuto, e ela começou a se sentir apavorada. Se havia uma coisa que tinha aprendido, durante os últimos anos, fora não se envolver emocionalmente com ninguém. É muito fácil a gente sofrer, quando ama uma pessoa.

Ingrid, a mãe de Caroline, tinha morrido quando ela estava com seis

anos. Dois anos depois, Alex McKay havia comprado as ações de Adam Spencer, na Elliot Bay, tornando-se o novo sócio de Clay Spencer.

Caroline achava que seu pai tinha sido o exemplo típico do homem viciado pelo trabalho. Ele só pensava na firma, sem nunca encontrar um minuto que fosse para dedicar à filha, que deixava a cargo de governantas. Clay Spencer lhe dera mais carinho que o próprio pai.

Ela sempre achara irônico que, apesar de toda a dedicação de Alex ao trabalho, ele nunca tivesse alcançado sucesso financeiro ou social. Talvez o sucesso social não tivesse valor para ele, mas o sucesso financeiro teria sido um símbolo de sua importância no mundo. Além disso, com dinheiro eles poderiam ter se mudado da casa modesta em que moravam, e da qual Alex estava sempre se queixando, e adquirido roupas melhores.

Se bem que, naquela época, teria sido um desperdício comprar roupas caras para Caroline. Ela era uma adolescente comprida e desengonçada, que andava o tempo todo atrás dos garotos da vizinhança e que aprendera a jogar basquetebol no time deles.

Algumas das governantas contratadas por Alex tinham tentado fazer com que ela abandonasse os jeans e passasse a se vestir com mais cuidado, mas Caroline havia ignorado os conselhos de todas elas. Afinal, era capaz de jogar basquetebol tão bem quanto qualquer garoto da vizinhança, e se calças rasgadas e joelhos arranhados eram o preço que teria que pagar para ser aceita no time deles pagaria com satisfação.

Alex McKay morrera de um ataque cardíaco, quando Caroline estava com dezesseis anos. Ela havia chorado uma vez, durante o funeral, e se sentido culpada por não estar tão triste com a morte dele quanto deveria. Porque a verdade é que estava mais preocupada com seu futuro incerto, sem nenhum parente próximo que pudesse ajudá-la, do que com a morte de um homem que sempre havia ignorado sua existência.

Quando Clay Spencer convidou-a para morar com ele, Caroline sentiu-se feliz e aliviada. Clay era bom e fácil de conviver, e ela aceitou a oferta sem pensar duas vezes. Os dois anos que se seguiram foram os mais felizes de sua vida. Clay inventara o aparelho que tornava aviões, navios e mísseis invisíveis ao radar inimigo e, para financiar sua produção em massa, a Elliot Bay foi transformada numa corporação pública. Como resultado, a firma prosperou de um modo fantástico, deixando Caroline e Clay em ótima situação financeira.

Esse dinheiro, no entanto, não fez diferença para Caroline. Ela não se entusiasmou com os presentes caros que Clay lhe deu nem com a casa maravilhosa que ele comprou na ilha Mercer, em frente ao lago Washington. Só se sentiu feliz por ver a felicidade, dele.

Ao contrário de Alex McKay, Clay gostava de Caroline. Para ele, ela era a filha que nunca tivera e juntos, os dois costumavam passar muitas horas felizes. Nessa altura, Caroline já tinha firmado sua posição como "um dos garotos da vizinhança", e sua figura alta e desajeitada adquiria uma graça

inesperada, quando pisava numa quadra de basquetebol.

Então, quando Caroline estava no último ano do segundo grau, seu corpo começou a amadurecer e ela se transformou numa criatura esbelta e graciosa, cheia de charme. Seus colegas não notaram essa transformação e continuaram a tratá-la do mesmo modo, mas o resto do mundo não foi tão cego. Logo, uma série de boatos a respeito de sua posição na casa de Clay Spencer se espalharam pela cidade, e alguns chegaram aos seus ouvidos.

Sua primeira reação foi tachar o que estavam dizendo de um verdadeiro absurdo. Clay era um homem simpático e viril, que gostava da companhia de mulheres, mas estava com cinquenta e cinco anos. A idéia de um romance entre eles era absurda. No entanto, como já estava com dezoito anos, ela decidiu mudar para um apartamento e falou a esse respeito com Clay. Para sua surpresa, ele a pediu em casamento.

Apesar de Clay ter deixado claro que aquele seria um casamento de conveniência, realizado apenas para protegê-la, Caroline não teve dúvidas de que ele pretendia ser seu marido em todos os sentidos. Por isso, rejeitou o pedido sem hesitar. Ficara honrada com o pedido e reconhecia que gostava muito dele, mas, como a maioria das garotas de sua idade, sonhava com passeios ao luar, na companhia de homens dinâmicos e atraentes.

Clay tentou fazê-la mudar de idéia, insistindo que ela era muito ingênua para viver sozinha, mas Caroline não cedeu. Decidida, saiu à procura de um apartamento próximo à Universidade de Washington, em Seattle, onde pretendia estudar.

Nos quatro anos e meio que se seguiram, Caroline imaginou, muitas vezes, o que poderia ter acontecido, se Clay não tivesse ficado tão doente. Mesmo os médicos mais otimistas não lhe deram mais que dezoito meses de vida, e ela não conseguiu resistir quando, pegando sua mão, ele lhe disse que precisava dela e a pediu de novo em casamento.

A extensa cirurgia a que Clay fora submetido deixara-o incapaz de ser um marido normal, mas só ele, Caroline e os médicos sabiam disso. Sua principal intenção, com o casamento, foi proteger Caroline e manter a Elliot Bay a salvo do irmão. A inimizade entre os dois havia aumentado, com o passar dos anos, e ele tinha medo de que Adam contestasse seu testamento, se suas ações ficassem para Caroline, sem estarem casados. Como sua viúva, no entanto, Caroline estaria segura e o controle da firma passaria, legalmente, às mãos dela.

Mas Caroline não se casou com Clay por causa disso, e sim porque ele estava amedrontado e parecia mesmo precisar dela. Ele lhe dera os únicos momentos de felicidade de que podia se lembrar, e dezoito meses de dedicação eram pouca coisa para oferecer em troca. Ignorando os comentários maldosos sobre a diferença de idade entre eles e os motivos que a tinham levado a aceitar esse casamento, ela se casou com Clay. Por razões de negócios, a doença dele foi mantida em segredo, e Caroline procurou não pensar no falatório malicioso de que seria vítima, quando ele

morresse.

Com a aprovação de Clay, ela entrou na universidade, de acordo com os planos que fizera. A vida deles não mudou muito, com o casamento, a não ser pelo fato de Clay ter sido obrigado a deixar o cargo de presidente da firma, embora continuasse com a parte de pesquisas. Sam Hanover assumiu então a administração da Elliot Bay, encarregando-se de todas as decisões mais importantes.

Enquanto cursava o segundo grau, Caroline pensou em fazer a Faculdade de Educação Física e arrumar um emprego numa escola infantil, pois amava os esportes e as crianças. Mas Clay tinha outros planos: ele queria que ela se formasse em Administração de Empresas. E, apesar de não ter muito interesse por esse curso, Caroline concordou. Ele ficaria feliz com isso e, dentro de um ou dois anos, no máximo, ela poderia mudar para a Educação Física.

No entanto, os dois anos se transformaram em três e depois quatro. No início, Caroline mal notou a transformação de Clay, aceitando a petulância e as exigências dele como consequência da doença. Com o passar do tempo, no entanto, ele foi se tornando cada vez mais obcecado com ela e a Elliot Bay, trabalhando e obrigando-a a trabalhar de um modo exaustivo, sem o menor descanso.

Tendo decidido que Caroline deveria assumir a presidência da firma, quando ele morresse, Clay não só esperava que ela tirasse as melhores notas de sua turma, como também que passasse todas as horas vagas na companhia de Sam, aprendendo tudo que o superintendente pudesse lhe ensinar. Felizmente, Caroline aprendeu a gostar de administrar empresas, mas, mesmo que isso não tivesse acontecido, ela jamais teria tido coragem de se rebelar. Clay tinha sido bom demais para ela, e seu dever era fazer o possível para alegrá-lo. Além disso, ele era um homem doente, que havia deixado de ser responsável pelas próprias ações.

Durante o ano que antecedeu a morte de Clay, a vida de Caroline se tornou quase insuportável. Meio enlouquecido pela dor, ele tratava mal todos que o rodeavam, principalmente ela. Caroline agüentou tudo com coragem, sem nunca se revoltar e descarregando as tensões praticando esporte. Depois de uma rápida demonstração de sua capacidade numa quadra de basquetebol, quando era caloura, ela passara a ser aceita no time de seus colegas do sexo masculino e era sempre bem recebida, quando aparecia para jogar.

Com quase um metro e oitenta de altura, Caroline era mais baixa que seus companheiros de jogo, mas compensava essa desvantagem com agilidade e uma ótima pontaria. Ela fingia não perceber os olhares de admiração que recebia, quando estava de shorts e camiseta, e recusava os convites para sair alegando ser casada. A maioria de seus adversários costumava tratá-la com uma certa consideração, na quadra, mas quando isso não acontecia seus companheiros de time partiam, de imediato, em sua

defesa.

Durante um jogo de basquetebol, ela se esquecia de que era Caroline Spencer e voltava a ser Carrie McKay. Embora Clay não aprovasse esses jogos, dizendo sempre que eram impróprios para uma mulher casada, Caroline se recusou a desistir deles. O exercício físico era sua válvula de escape, e o companheirismo dos rapazes do time ajudava-a a suportar a vida em casa. Mesmo depois de sua formatura e da morte de Clay, ela continuou a participar desses jogos, não só por gostar de basquetebol como também para poder descarregar, na quadra, as emoções que tinha aprendido a não manifestar.

Logo depois de formada, Caroline foi trabalhar no departamento de vendas da Elliot Bay. Três meses mais tarde, no entanto, o estado de Clay piorou e ela se sentiu na obrigação de parar de trabalhar para cuidar dele. Sua vida, então, suportando os ataques temperamentais e as críticas injustas de Clay, se transformou num verdadeiro inferno.

Caroline não se sentiu triste com a morte dele, depois de um mês em coma. Durante aqueles quatro anos e meio, o Clay simples e bondoso que ela conhecia havia se transformado numa criatura fria e insensível, incapaz de uma palavra ou gesto delicado. Na verdade, ela se sentiu aliviada com a morte dele e prometeu a si mesma nunca mais deixar que alguém a dominasse como ele tinha feito.

Quatro dias depois do funeral, o Conselho Diretor da Elliot Bay se reuniu e elegeu Caroline para o cargo de presidente da firma. Ela era inteligente o bastante para entender que, se tinha pontos fortes, também tinha muitos pontos fracos, e o melhor era escondê-los por trás de uma aparência fria e controlada. Seu talento para administração seria de grande ajuda, na direção da firma, e Sam Hanover poderia cuidar da parte financeira, que era seu maior ponto fraco. Com o tempo, aprenderia tudo que lhe faltava, para ficar à altura do cargo que estava exercendo.

Decidida a não ser uma marionete nas mãos do Conselho Diretor da Elliot Bay, Caroline consolidou sua posição logo de início. Agora, aos vinte e quatro anos, era uma mulher de negócios firme e resoluta, que tratava os empregados de modo formal mas amigável. Só Sam ainda a chamava pelo apelido de infância, Carrie. Para os outros, ela era Caroline ou sra. Spencer.

Maggie uma vez lhe dissera que seus pretendentes rejeitados costumavam chamá-la de "Monte Carrie", comparando-a com um dos montes de pico gelado, que ficavam a oeste da cidade, e ela achara que o apelido fora bem dado. Afinal, ela era alta e ninguém poderia adivinhar que, por trás de sua aparência fria e distante, escondia-se um coração caloroso e muito vulnerável.

CAPÍTULO III

Por alguns minutos, durante a conversa que tivera com Matthew Lyle, na quinta-feira, Caroline havia se sentido de novo a Carrie McKay de cinco anos atrás. Naqueles momentos, ela tinha vivido seu velho sonho de ser encantada por um príncipe do século XX. A Caroline Spencer de hoje era cautelosa demais para se envolver com um homem, mas, no dia anterior, suas defesas haviam fraquejado, como se os anos infernais com Clay nunca tivessem existido.

Caroline estava ciente de que tinha enganado Matthew Lyle a respeito de sua identidade, não por causa da Elliot Bay, e sim porque, como Caroline McKay Spencer, reagia sempre de um modo frio e sofisticado. Ela não se sentira fria e sofisticada quando estava perto dele, e não gostaria que uma disputa de negócios interferisse num possível relacionamento entre ambos.

Sexta-feira à noite, enquanto se preparava para dormir, ela pôs-se a zombar dos próprios pensamentos. Onde estava a mulher que havia jurado jamais se envolver com um homem? Provavelmente estava sendo uma tola, concordando em sair com alguém como Lyle, um homem de negócios impiedoso, que havia se apossado de inúmeras companhias... e inúmeras mulheres.

Mas a verdade era que, no fundo, Caroline não estava conseguindo acreditar que o homem charmoso que conhecera, no dia anterior, fosse a mesma criatura fria que os jornais costumavam descrever. Esse sentimento acabou por deixá-la confusa e perturbada e, no sábado de manhã, ela procurou se livrar da tensão que estava sentindo com um pouco de exercício. Duas horas de basquetebol e uma longa caminhada aliviaram-na bastante, e ela passou a encarar o encontro daquela tarde com uma mistura de prazer e nervosismo. Fingiria para si mesma que era, de novo, apenas Carrie McKay e tentaria se lembrar de que Matthew Lyle era tão perigoso quanto fascinante.

Sua vaidade feminina levou-a a escolher um vestido glamouroso, de organza de seda, estampado em tons de azul e verde. Depois de aplicar uma maquilagem leve, Caroline começou, automaticamente, a prender os cabelos, mas logo parou. Clay sempre insistira que ficava com uma aparência jovem e frívola demais, com os cabelos loiros cascadeando sobre os ombros. Mas Clay estava morto, e agora poderia usar os cabelos como achasse melhor. Num gesto decidido, ela removeu os grampos que já havia colocado.

Pouco depois, usando um casaco de lã azul e luvas combinando, Caroline dirigiu-se ao topo da colina. Matthew não demorou a chegar, num carro que, para sua surpresa, nada tinha de caro ou luxuoso. Ele desceu, e deu a volta, para ajudá-la à entrar, segurando-lhe o cotovelo por alguns momentos além do necessário.

— Com todo o seu dinheiro, eu estava esperando pelo menos um

Mercedes — Caroline brincou, quando já estavam sentados.

Matthew deu de ombros.

— Carros não me interessam. Barcos sim! Tenho três. Companhias com bons lucros também me interessam. Para dizer a verdade, faço coleção de companhias desse tipo. — Sorrindo, ele examinou-a da cabeça aos pés e acrescentou baixinho: — Mulheres bonitas também estão na minha lista de interesses, Carrie.

— E você as coleciona também? — ela perguntou, aborrecida com a implicação machista da última frase.

— Não. — O sorriso dele alargou-se. — Elas é que gostariam de me colecionar.

Caroline perdoou o comentário arrogante. Nenhuma resposta inteligente lhe veio à cabeça, e seu corpo estava exigindo que parasse de resistir à atração de Matthew Lyle. Daí em diante, a conversa entre eles foi bastante impessoal. Matthew quis saber o que ela fazia na vida, e ela disse-lhe que trabalhava como secretária e morava com os pais, que, no momento, estavam visitando uns amigos.

Durante o jantar, eles concordaram que aquela região era a mais linda do país, que a última exposição de objetos de arte no Pavilhão de Arte Moderna do Museu de Seattle tinha sido fascinante, e que o teatro era um dos melhores meios de diversão. Caroline comeu toda a sua lagosta, sentindo-se bem à vontade na companhia de Matthew, apesar da resposta estranha que a virilidade dele estava despertando em seu corpo. Ela nunca tivera oportunidade de conviver daquele modo despreocupado com o sexo oposto e não estava com pressa de revelar sua verdadeira identidade. Era atordoante observar os olhos castanhos do homem à sua frente encherem-se de calor, quando fitavam seu rosto, e tinha medo de que eles se tornassem frios e duros, assim que seu nome real fosse citado.

A ópera, encenada por uma companhia visitante, foi a deliciosa "O casamento de Fígaro", de Mozart. Quando eles deixaram o teatro e atravessaram a rua, para pegar o carro no estacionamento, Caroline cantarolou o tema de abertura para si mesma. Há anos que não se sentia tão feliz, fora de uma quadra de basquete! E quando Matthew fez-lhe sinal para se sentar mais perto, deslizou para junto dele sem hesitar e não protestou quando ele passou o braço por sua cintura.

"Enquanto ele estiver dirigindo, nada poderá acontecer", disse para si mesma.

Matthew parou o carro em frente à casa dela e desligou o motor. Assustada com a súbita intimidade da situação, Caroline endireitou o corpo e murmurou:

— Foi uma noite maravilhosa, Matthew. Muito obrigada. Agora tenho...

— A noite ainda não acabou. Não vai me convidar para um café?

Caroline sentiu-se tentada a concordar, na esperança de ser beijada por ele, mas o bom senso impediu-a. Seria perigoso demais.

— Acho que não...

Matthew, no entanto, já havia descido do carro e estava dando a volta para ajudá-la a sair.

— Vou acompanhar você até a porta. — A voz dele soou fria e indiferente, o que a desapontou.

A entrada da fantástica casa de Clay Spencer, em estilo contemporâneo, avançava vários metros colina abaixo, até alcançar a porta da frente. Caroline permitiu que Matthew segurasse seu braço, para ajudá-la a descer, e, contrariando todas as suas idéias feministas, sentiu-se contente por ele ser tão mais alto que ela. Lá embaixo, ele tirou a chave de sua mão, abriu a porta, esperou que ela entrasse e entrou também, sem lhe dar a mínima chance de protestar.

Matthew fechou a porta e Caroline acendeu depressa a luz do hall, consciente de que estava a sós com um afamado *don-juan*, a poucos metros de uma cama de casal. Depois da camaradagem que haviam partilhado a noite inteira, a atitude agressiva dele pegara-a de surpresa.

— Vou fazer o café — ela murmurou, dando um passo para a escada.

O andar inferior da casa fora construído quase no mesmo nível do lago e continha uma cozinha, uma sala de estar e sala de jantar conjugadas, e dois quartos. O hall de entrada, onde eles agora estavam, ficava bem acima da sala e dava para uma escada de madeira e corrimão de ferro rendilhado. Janelas que iam do chão ao teto proporcionavam uma vista espetacular do lago. No andar de cima, havia apenas uma saleta de estar, à esquerda do hall de entrada.

Passando o braço pela cintura de Caroline, Matthew obrigou-a a parar.

— Não se incomode com isso. Nenhum de nós está querendo café.

Então, num gesto inesperado, pousou a boca sobre a de Caroline, numa carícia leve e sedutora que a fez arrepiar-se da cabeça aos pés. Logo em seguida, deslizou os lábios pelo rosto dela, enquanto, com a mão livre, desabotoava o casaco de lã azul que ela estava usando.

Caroline permaneceu absolutamente imóvel, sem cooperar mas também sem protestar. Permitiu que Matthew tirasse seu casaco e observou-o tirar o dele. Com um ar ressabiado e apertando as mãos para esconder seu tremor, seguiu-o com os olhos quando ele entrou na saleta de estar e jogou os dois casacos sobre uma poltrona, voltando depois para junto dela.

A experiência de Caroline com homens era praticamente nula. Os encontros que tivera, quando estava no segundo grau, não tinham passado de tentativas fracassadas de um relacionamento adulto, terminando sempre com um desajeitado beijo de boa-noite. Durante seu casamento, nunca lhe ocorrera ser infiel a Clay, embora entre ambos não houvesse um compromisso do tipo físico. E a convivência de quatro anos e meio com o marido deixara-a apavorada demais, para querer se envolver com outro homem.

Mas Matthew Lyle havia despertado uma parte adormecida de seu ser, e

Caroline agora não tinha meios para conter a explosão de emoções que estava abalando seu íntimo. Vendo-o aproximar-se, ela virou-se e agarrou com força o corrimão de ferro rendilhado. No entanto, no momento em que ele colocou as mãos em sua cintura, voltou-se de um salto, rígida de tensão.

Matthew empurrou-a de encontro ao corrimão, o corpo muito perto, mas sem tocar o dela. Então, empurrando os cabelos de Caroline para trás das orelhas, inclinou a cabeça e pôs-se a beijá-la no pescoço.

Ela estremeceu, embaraçada por estar deixando que ele percebesse seu nervosismo.

— Você está nervosa — ouviu Matthew sussurrar, junto a seu ouvido. — Quanto tempo faz, Carrie?

Matthew fez a pergunta apenas por fazer. Se ele tivesse interesse em saber a resposta, não teria erguido o rosto de Caroline e esfregado os lábios nos dela, de um modo persuasivo que intensificou ainda mais a chama de desejo que a estava consumindo.

Num impulso, Caroline passou os braços pela cintura de Matthew e, quando deu por si, estava sendo pressionada com firmeza de encontro ao corpo dele. Ao mesmo tempo, seus lábios foram forçados a se entreabrirem, e sua boca foi explorada com uma apaixonada impaciência.

Era a primeira vez que Caroline se via numa situação daquelas com um homem experiente e, a princípio, ela se apavorou. Matthew estava indo depressa demais, exigindo mais do que ela poderia dar, e seu corpo rejeitou-o, rígido de choque, enquanto suas mãos tentavam empurrá-lo para longe, a fim de livrar sua boca da invasão forçada que estava sofrendo.

No entanto, apesar de diminuir a força do abraço, Matthew recusou-se a soltá-la. De um modo gentil e persuasivo, recomeçou a seduzi-la com os lábios, acariciando, mordiscando e provocando sem cessar.

Caroline ouviu os próprios gemidos e percebeu que estava retribuindo a carícia. Quando, mais uma vez, seus lábios foram forçados a se entreabrirem e a língua de Matthew tocou a sua, sentiu prazer e não medo. E, quando ele aprofundou o beijo numa conquista apaixonada, ela estava pronta e ansiosa para se render.

Então, no momento em que seu corpo arqueou-se de encontro ao dele e seus braços enlaçaram-no pelo pescoço, Matthew ergueu a cabeça e interrompeu o abraço. Confusa, Caroline soltou-o e levantou os olhos para ele, já na defensiva, imaginando se não o tinha desapontado com sua inexperiência.

— Não vou fazer amor com você no meio de um hall de entrada, Carrie. Vamos para o seu quarto.

Essa declaração, feita num tom de voz rouco de desejo, fez Caroline voltar bruscamente à realidade. "Meu Deus", ela pensou, "ele deve estar achando que faço este tipo de coisa o tempo todo! Eu deveria ter adivinhado que, quando Matthew Lyle toma uma mulher nos braços, não é com a

intenção de parar depois de alguns beijos".

— Nós... nós mal nos conhecemos — gaguejou, dando alguns passos para o lado.

— Dê-me uma hora e não poderá mais dizer isso — Matthew respondeu, divertido com a resistência dela.

— Matthew, eu não... Eu não sou do tipo que... Não sou uma garota...

— ...de programa. Eu também não gosto desse tipo de relacionamento, Carrie.

Ele correu os dedos pelos cabelos dela e, segurando-a pelos ombros, puxou-a de novo para junto de si. Seus lábios recomeçaram, de imediato, a explorar, descendo pela face, passando pelo pescoço e indo parar na pele sensível, logo abaixo da orelha de Caroline.

— Não vou machucar você, Carrie. Hoje, amanhã, daqui a uma semana... Não há sentido em adiar uma coisa que nós dois queremos.

Os lábios dele procuraram os dela novamente, mas o bom senso de Caroline conseguiu vencer a batalha que estava travando com seus sentidos inflamados. Num gesto brusco, ela virou a cabeça para o lado, imaginando por que razão aquele homem era capaz de despertar uma resposta tão ardente em seu corpo. E pensar que, até aquele momento, ela havia se considerado incapaz de tais sentimentos!

— Meus pais... — murmurou. — Eles vão chegar logo.

— Não, não vão.

Matthew soltou-a e olhou-a com tanta intensidade, que Caroline corou e, para fugir à situação desagradável, foi para a saleta. Frio, sem nada em sua aparência que lembrasse o homem apaixonado de alguns momentos atrás, ele seguiu-a, acendendo as luzes que ficavam nas mesinhas ao lado do sofá.

Confusa, sem saber que atitude tomar, Caroline observou-o caminhar até a estante que cobria uma das paredes e pegar um dos troféus que ela havia ganho, num campeonato de basquete.

— Basquetebol?! Não parece o seu tipo de esporte. Eu seria capaz de apostar que você não sabe a diferença entre uma cesta de compra e uma cesta de basquete.

Havia um tom irônico na voz dele, que assustou Caroline.

— Eu sou muito boa. Jogo com homens... num time de homens.

A correção apressada não impediu o riso desagradável de Matthew, e ela teve a horrível impressão de estar sendo acuada. Aquele homem estava pretendendo atacá-la como uma fera ataca a presa, e a hostilidade dele era alarmante.

— Posso dar uma olhada na sua casa? É impressionante... para quem gosta de arquitetura contemporânea.

Cada vez mais nervosa, Caroline levou-o para a sala de estar. Matthew parou na frente das enormes janelas e, por vários minutos, contemplou o lago Washington.

— Seu pai deve ganhar bem. O que ele faz para viver?

— Trabalha com aparelhos eletrônicos — ela respondeu com voz estrangulada, muito vermelha.

Matthew Lyle já deveria estar a par de sua verdadeira identidade. Essa era a única explicação para aquela mudança brusca de atitude. O que ele disse, em seguida, confirmou sua desconfiança.

— Sabe de uma coisa? Você é uma mentirosa e tanto, "Monte Carrie". É assim que seus admiradores frustrados costumam se referir a você, não é?

De repente, o lago Washington tornou-se uma vista fascinante para Caroline. Com os olhos fixos na janela, ela lutou para adquirir um ar frio e seguro de si. Já tinha se feito de tola na frente daquele homem, e a única maneira de salvar a situação era fingir que tudo não passara de um joguinho divertido,

— É — disse com um sorriso —, é assim que eles me chamam. Mas foi divertido ser Carrie McKay de novo, por uma noite.

Matthew caminhou até o sofá e sentou-se, com as pernas esticadas para a frente. Caroline sentiu uma vontade louca de botá-lo para fora, pois ele não tinha o direito de ficar tão à vontade naquela casa. Mas nem um traço de zanga era visível em seu rosto, quando sentou-se numa poltrona.

— Você não estava fingindo, agora há pouco. Estava nervosa, Carrie, e retribui meu beijo como uma mulher que está gostando do que faz.

"Como ele é perspicaz", Caroline pensou. Mas jamais daria o braço a torcer.

— Sou melhor atriz do que pensa. Você não é o único capaz de brincar de gato e rato, com os outros.

— Ainda acha que nos encontramos por acidente, na quinta-feira? — Matthew perguntou, com um sorriso que mostrou a Caroline o quanto ele a considerava ingênua. — Se acha, é melhor parar de se iludir, Carrie. Eu sabia que você iria à exposição e coloquei um dos meus homens de vigia, na porta do seu escritório. Ele seguiu-a até o Seattle Center, depois me chamou. Cheguei lá antes de você descer da Torre Espacial.

— Por quê?

— Você queria se encontrar comigo, não queria? A sua secretária telefonou pelo menos duas vezes, para marcar uma entrevista. — Ele fez uma ligeira pausa. — Por que não foi falar comigo no Kingdome, Carrie? Você ficou me olhando tanto tempo!

O tom dele foi impiedoso e provocante, e Caroline teve que se controlar para não gritar de vergonha e frustração. Matthew Lyle brincara com ela durante semanas, recusando-se a vê-la para aumentar seu interesse e depois provocando um "encontro" accidental, para que pudesse ter a vantagem da surpresa. E ela, fingindo ser outra pessoa, havia se colocado direitinho nas mãos dele.

"Deus do céu! E se eu tivesse ido para a cama com ele?", Caroline perguntou-se. E estremeceu só de imaginar o olhar de Matthew, no dia

seguinte.

Mas não havia jeito de sair por cima daquela situação, e, compreendendo que o melhor seria terminar logo com tudo, ela se levantou e disse com frieza:

— Quer fazer o favor de sair da minha casa agora, sr. Lyle? O senhor já se divertiu bastante.

— Engano seu, sra. Spencer. Ainda nem comecei a me divertir. Não vai se oferecer para negociar comigo?

Quase gemendo alto, Caroline sentou-se de novo. Havia sido profundamente humilhada e estava furiosa com Matthew Lyle, mas isso não tinha importância, diante do fato de que ainda era presidente da Elliot Bay e de que o homem à sua frente poderia envolver a firma numa luta amarga, capaz de levá-los à falência.

— Está bem, sr. Lyle. Pretendemos fazer tudo ao nosso alcance para evitar que o senhor tome posse da Elliot Bay e vamos vencer. Portanto, seria vantajoso para todos se o senhor concordasse em passar para nós as ações que comprou, da Elliot Bay. Temos condições de lhe oferecer um preço generoso.

Matthew balançou a cabeça, sorrindo com ar indolente.

— De jeito nenhum, Monte Carrie. Tente outra coisa.

Enraivecida, ela apertou as mãos com força e fez o possível para continuar falando com voz calma e fria.

— Muito bem, sr. Lyle. O Conselho Diretor me autorizou a lhe oferecer uma cadeira em nossa diretoria. Sugiro que aceite. Se insistir em tentar eleger seu próprio Conselho, na reunião anual, perderá tudo.

— Está enganada de novo, sra. Spencer. Se eu decidir que quero a sua companhia, eu a tomarei. Você não vencerá. Eu é que serei o vencedor.

Notando que Matthew tinha dado uma ligeira ênfase à palavra "se", Caroline repetiu:

— Se?!

— Sua companhia me interessa, Carrie, mas descobri algo que me interessa muito mais. Sou um sujeito muito franco; o joguinho desta noite foi idéia sua, não minha. — Matthew fez uma pausa, como se estivesse esperando que ela dissesse alguma coisa. Mas Caroline não abriu a boca, e ele continuou, em tom de negócios: — Passe um fim de semana comigo, na cabana que tenho nas ilhas San Juan, e eu me contentarei com duas cadeiras no Conselho Diretor e uma auditoria imediata dos livros da firma. Além disso, dou-lhe minha palavra de que não tomarei mais nenhuma atitude, pelos próximos doze meses.

Caroline, agora, estava lívida. "Por quem esse sujeito me toma?", perguntou-se indignada. "Se ele acha que pode brincar comigo, fazer amor comigo e depois me propor um negócio desses, está muito enganado. O que ele pensa que sou? Uma mercadoria de alta classe, que ele pode pegar ou largar, de acordo com o desejo do momento?"

Lembrando-se do modo como havia correspondido aos beijos de Matthew, ela sentiu vontade de se esconder debaixo da cadeira mais próxima.

— Dê o fora daqui — gritou, furiosa, perdendo totalmente o controle. — Eu seria capaz de vomitar, se o deixasse me tocar de novo.

Matthew levantou-se, o corpo rígido de raiva.

— Você vai pagar por esse comentário, Monte Carrie. Quando mudar de idéia, e você vai mudar de idéia, pode ir até o meu escritório e pedir, com muita educação, para me ver. E se eu decidir recebê-la, é melhor me perguntar com muito jeitinho, se minha oferta ainda está de pé.

Virando-lhe as costas, ele subiu a escada de dois em dois degraus e saiu, batendo a porta atrás de si. Caroline nunca tinha visto um homem tão bravo e ainda estava tremendo muito tempo depois de ter ficado sozinha.

CAPITULO IV

— Lyle acaba de registrar sua intenção de tomar posse da Elliot Bay, na Comissão de Apólices e Títulos — Sam Hanover anunciou, entrando no escritório de Caroline.

Ela respirou fundo, lutando para não ceder ao nervosismo. Afinal, depois do modo como Lyle saíra de sua casa, no sábado à noite, já estava esperando por essa notícia e não tinha motivos para ficar tão aborrecida. A única surpresa era o fato de ele ter esperado até aquele dia, quarta-feira.

— Acho melhor você sentar-se para discutirmos o que vamos fazer, Sam — disse Caroline. E, depois que o superintendente se acomodou numa das poltronas de couro, continuou: — Vamos lutar contra ele. No fundo, sempre soubemos que teríamos de fazer isso.

Sua voz soou clara e firme, exatamente como soara na segunda-feira de manhã, quando tinha contado a Sam que falara com Matthew Lyle e ele havia recusado todas as propostas que fora autorizada a lhe fazer. Naturalmente, não tinha achado necessário mencionar a proposta que havia recebido.

— Fale com Lyle de novo, Carrie. Talvez ele mude de idéia.

Caroline balançou a cabeça.

— Seria inútil, Sam. Você mesmo vive me dizendo para encarar a realidade, e este é um fato que temos que encarar: a Elliot Bay é um alvo de primeira classe, para um sujeito como Matthew Lyle. Nossas ações estão sendo vendidas por um preço abaixo do real e os acionistas adorarão trocá-las por ações das Indústrias Olympia. Dentro de um ano, estaremos nadando nos lucros que os contratos com o governo nos proporcionarão, e Lyle mal pode esperar para pôr as mãos nesse dinheiro.

Mesmo enquanto continuava enumerando as razões convencionais para um homem como Matthew Lyle querer a Elliot Bay, Caroline estava ciente de que os motivos dele eram, na verdade, um pouco mais complexos. Por alguma razão obscura e incompreensível, Matthew estava querendo tomar

posse não só da companhia, mas também dela. A fúria dele ao ser rejeitado, no sábado, fora intensa demais, para ser considerada como algo passageiro e sem profundidade. E o mais estranho é que ele nem lhe dera a impressão de simpatizar com ela.

Que tanta raiva não poderia ter sido causada pela frustração sexual, era evidente. Afinal, mulheres não faltavam a Matthew Lyle. Seria possível que, como tantos outros, ele tivesse encarado sua aparente frieza como um desafio? Teria ele se imaginado como o homem capaz de despertar um vulcão adormecido? Isso também não fazia sentido, porque ela poderia ter sido tudo, menos fria, nos braços dele. Na verdade, pelo modo como havia se portado, Matthew tinha motivos mais que suficientes para achar que ela estava à disposição dele.

— Está bem, reconheço que não temos outra saída. — A voz de Sam forçou Caroline a prestar atenção no que estava sendo dito. — Teremos que contratar um "caçador de votos". Não poderemos, sair, pessoalmente, atrás de cada um de nossos acionistas.

Apesar de saber que um "caçador de votos" é um sujeito que se dedica a convencer os acionistas de uma firma a votarem no lado que está disposto a pagar mais dinheiro por seu trabalho, Caroline nunca tinha entrado em contato com um.

— Você conhece algum, Sam? Precisamos contratar o melhor.

— Acho que isso não será possível. O melhor "caçador de votos" deste país é Joe Symington.

— O primo e braço direito de Matthew Lyle. Não posso dizer que tenha ficado surpresa. Esse tal Joe já teve muitas oportunidades para praticar.

Sam concordou.

— Ele está com Lyle há muito tempo. Na verdade, desde que concordou em entregar a própria firma para as Indústrias Olympia, em troca de alguns milhões de dólares e o cargo de vice-presidente. Symington não só é capaz de convencer qualquer pessoa a votar em quem ele quer, como também é um fantástico empresário, Carrie. Nada escapa ao homem, quando ele está fazendo uma auditoria. Eu não gostaria de tê-lo por aqui.

— Não?! E por quê? Há alguma coisa errada com a Elliot Bay? — ela perguntou friamente, espantada com a veemência de Sam.

— Não, é claro que não! Eu só não gosto da idéia de um estranho examinando nossos livros com uma lente de aumento.

Caroline entendeu os sentimentos do superintendente. Na imaginação, ela se viu correndo de um lado para o outro, obedecendo ordens de Matthew Lyle, e teve certeza de que detestaria, tanto quanto Sam, fazer o papel de *office-boy* para o inimigo. Por isso, sorriu com simpatia e perguntou-lhe se conhecia um bom "caçador de votos".

Sam citou o nome de uma firma da Califórnia, especializada nisso, e dois dias depois eles receberam a visita de um dos membros dessa firma. Ao fim de três horas examinando os livros e relatórios da Elliot Bay, o "caçador de

votos" chegou à conclusão de que a situação não era boa.

— Vou ser franco com vocês — disse ele. — A primeira coisa que fazemos, nesses casos, é investigar o sujeito que dirige a firma inimiga, atrás de alguma coisa que o desacredite perante os acionistas. Mas Lyle é limpo. Já o investigamos num caso anterior e a única coisa que conseguimos descobrir contra ele foi um boato a respeito de um romance com a secretária do presidente da firma que estava para ser tomada. Talvez Lyle a tenha usado mesmo para obter informações, mas ambos eram maiores de idade e ninguém deu importância a isso. O que todos levaram em conta foi o fato de Lyle ser um verdadeiro gênio nos negócios. O máximo que posso fazer por vocês é dizer-lhes que não vão entrar nessa luta completamente sem chances de vencer. A maioria dos grandes acionistas da Elliot Bay não vai assinar procurações no nome de ninguém, e eu duvido que Lyle consiga, adiantados, os cinquenta e um por cento de votos de que precisa.

O Conselho Diretor aceitou a avaliação do "caçador de votos" sem comentários e contratou-o para fazer o que pudesse. No entanto, como ele havia predito, a maioria dos grandes acionistas recusou-se a assinar as procurações, preferindo assistir à reunião anual antes de tomar uma decisão.

Caroline quase ficou doente, quando leu no jornal os planos que Matthew, confiante na vitória, estava traçando para a Elliot Bay. Segundo ele, assim que a Elliot Bay passasse para as Indústrias Olympia, a parte menos lucrativa da firma, a divisão não-militar, seria vendida. Desse modo, a parte que dera origem à companhia seria liquidada.

Caroline adoraria ter dinheiro para comprar a divisão original de volta, quando Matthew a colocasse à venda, mas tinha certeza de que ele jamais concordaria em negociar com ela, mesmo que conseguisse reunir a quantia necessária.

Durante as três semanas seguintes, com ambos os lados comprando todas as ações disponíveis, as ações da Elliot Bay subiram oito dólares. Caroline logo se cansou de dar entrevistas a repórteres que insistiam em lembrá-la de que Matthew Lyle estava vencendo a guerra entre eles, mas nem por um momento deixou de sorrir e declarar-se confiante na vitória, quando um deles perguntava sua opinião.

Uma segunda reunião com o "caçador de votos" da Califórnia confirmou o fato de que o futuro da Elliot Bay não era promissor.

— Atualmente — ele informou —, Lyle tem dois terços dos votos e vinte e cinco por cento das ações, enquanto vocês têm trinta e cinco por cento das ações. É evidente que a parada só será decidida na reunião anual da firma, mas já senti que a maioria dos acionistas está inclinada a tomar o partido de Lyle. Na minha opinião, vocês deveriam tentar negociar com ele, a fim de obter uma aquisição amigável. Será muito melhor, para todos.

Ouvindo essas palavras, Caroline e todos na sala perceberam que não

haveria saída: a Elliot Bay seria de Lyle. Quando a discussão a respeito do que deveria ser feito começou, ficou claro que o Conselho Diretor estava querendo uma aquisição amigável. Termos foram debatidos. Sam Hanover insistiu em que não deveria haver influência das Indústrias Olympia na administração da Elliot Bay. Vários membros do Conselho garantiram que Lyle jamais concordaria com isso.

Finalmente, Caroline foi incumbida de dizer a Matthew que eles aceitariam uma aquisição amigável, desde que a estrutura da firma e o quadro diretor não fossem modificados, por um período de vinte e um meses. Ela foi para a outra sala, dar o telefonema a sós. Depois do que Matthew lhe dissera, a respeito de ir até o escritório dele, implorar uma entrevista, estava certa de que não conseguiria falar com ele.

Para sua surpresa, no entanto, Matthew atendeu quase que de imediato.

— Não há dúvida de que você sabe como fazer um sujeito sofrer, Carrie. Decidiu parar de lutar contra mim?

Ignorando a ternura na voz dele e o sentido duplo da pergunta, Caroline transmitiu-lhe os termos ditados pelo Conselho Diretor.

— E quanto à minha oferta? — ele perguntou baixinho. E quando ela hesitou, incapaz de pensar numa resposta conveniente, continuou: — Esqueça o que eu lhe disse a respeito de vir ao meu escritório, Carrie. Eu estava zangado, quando disse aquilo. Afinal, eu havia beijado e tocado você até ficar quase louco de desejo. Você estava praticamente ronronando nos meus braços, mas, quando eu lhe disse isso, recuou. Começou inventando desculpas esfarrapadas sobre pais que não existem e terminou declarando que tudo não tinha passado de um jogo para você. Eu não gosto que brinquem comigo. — Matthew fez uma pausa, depois concluiu, com voz rouca: — Agora, não estou mais zangado, Carrie. E ainda quero fazer amor com você.

Caroline engoliu em seco, assustada com o desejo na voz dele. Não tinha experiência alguma em manejar homens como Matthew Lyle e não estava sabendo que atitude tomar. Na esperança de que ele mudasse de assunto, resolveu ignorar os comentários que acabara de ouvir.

— Quer dizer que o senhor está rejeitando nossa oferta, sr. Lyle?

— Você está com medo do quê, Carrie?

Seria inútil prosseguir com aquela conversa. Era evidente que Matthew estava acostumado a ter sucesso com as mulheres e considerava-a uma viúva sofisticada e experiente. Ele não tinha jeito de saber que ela era inexperiente, principalmente depois do modo como havia caído nos braços dele, sábado à noite.

"Mas eu não serei a próxima na lista de conquistas de Matthew Lyle", Caroline pensou, decidida. "Ele pode conseguir a minha firma, mas a mim não conseguirá."

— Até logo, sr. Lyle — despediu-se, polidamente. E, antes que Matthew pudesse replicar, desligou o telefone.

Caroline levou alguns minutos lutando para se controlar, antes de voltar para a sala de reuniões e dizer ao Conselho Diretor que Matthew Lyle só aceitaria uma rendição incondicional. Quase todos aceitaram essa resposta filosoficamente. Afinal, por que haveria ele de aceitar a oferta que tinham feito, quando era evidente que estava a um passo da vitória?

Sam Hanover foi a única exceção. Ele fez tanta pressão sobre Caroline, que ela resolveu procurá-lo e perguntar-lhe por que estava sendo tão exigente.

— Estou com sessenta anos de idade, Carrie. Dediquei os melhores anos de minha vida a esta companhia. Se Lyle me despedir, não terei a menor chance de conseguir outro emprego.

— Mesmo com a sua experiência e conhecimento?! É claro que não, Sam! — Mas algo no olhar dele despertou suspeita. — Não é só isso, é, Sam?

— Eu posso ir para a cadeia por fraude, Carrie.

Boquiaberta, Caroline deixou-se cair sobre a poltrona mais próxima.

— Eu fiz alguns pagamentos ilegais, Carrie. Subornos, para usar a palavra certa. Clay estava tão decidido a conseguir aqueles contratos. O acordo foi feito antes da morte dele, mas os pagamentos só começaram quando você já estava na presidência. É lógico que esses gastos não foram lançados nos livros como subornos; estão muito bem escondidos, e nossos auditores jamais os descobrirão. Eu nem me preocuparia com Lyle, se não fosse por Symington. Ele fareja de longe uma fraude e, se examinar nossos livros, logo estaremos com a Comissão de Apólices e Títulos no nosso encalço.

Caroline estava assombrada. Clay Spencer tinha perdido totalmente a capacidade de raciocinar, em seu último ano de vida, mas ela jamais poderia imaginar que a irracionalidade dele tivesse chegado ao ponto de fazer algo contra a lei.

— Mas Sam... Mesmo que a Comissão descubra a sua fraude, eles não vão... Bem, seremos advertidos e teremos que pagar uma multa, mas...

— A Comissão está com um novo dirigente, Carrie, um homem que detesta subornos. Ele levará o nosso caso aos tribunais, e não posso encarar um julgamento. Seria o meu fim. Você tem que tentar de novo, Carrie!

O modo como Sam olhou para seu corpo assustou Caroline, pois seria impossível não ver que ele estava sugerindo uma sedução. No entanto, isso não a chocou. Sam Hanover era um homem desesperado.

Se as atividades de Clay — e as de Sam — se tornassem conhecidas, o escândalo arruinaria o nome de Clay para sempre. Para ela, naquele momento, essa idéia foi mais assustadora que a possibilidade de Sam ir para a prisão. Tinha dedicado quatro anos de sua vida ao falecido marido e, se as acusações de suborno acabassem com a reputação dele, seu sacrifício teria sido em vão.

— Talvez eu possa fazer alguma coisa — murmurou. E, sem dizer mais nada, saiu do escritório do superintendente.

Daí em diante, Caroline não conseguiu mais trabalhar.

Ela fora infeliz com Clay Spencer, mas uma coisa tinha que reconhecer: poderia tê-lo deixado a qualquer momento. Se havia ficado, tinha sido para pagar o afeto e a bondade que dele recebera, durante a infância e a adolescência. Nunca o culpava pelo que tinha feito com ela, pois sabia que tudo era conseqüência da doença. Havia se sentido muitas vezes miserável, durante o casamento, mas jamais tivera a sensação de estar presa numa armadilha.

Agora, no entanto, era essa a sensação que estava tendo. Ao contrário do que Matthew supunha, não estava com medo dele. Estava com medo de si mesma, da mulher que havia correspondido, com tanto ardor, às carícias de um desconhecido.

Para ela, a atitude de Matthew era bem compreensível. Quando ele queria uma companhia, a conquista tornava-se uma verdadeira obsessão. Ele só ficava satisfeito quando a tinha nas mãos. Então, perdia o interesse e saía atrás de outra mulher para ser conquistada.

Caroline Spencer não era diferente dessas companhias. Matthew Lyle estava querendo conquistá-la, porque ela o havia desafiado. Ele estava se divertindo com a perseguição, mas provavelmente acharia a posse final menos satisfatória.

Mesmo assim, ela estava certa de que ele não seria frio nem cruel, quando fizessem amor, e isso era uma parte de seu problema. Talvez pudesse aceitar a idéia de ter um caso de fim de semana, mas jamais conseguiria agüentar a dor que viria em seguida. Matthew seria capaz de fazer com que correspondesse às suas carícias, mas depois isso lhe daria vontade de morrer de vergonha.

No entanto, que escolha tinha? Se não o procurasse, o nome de Clay seria arruinado, a companhia enlameada pelos jornais e um velho amigo iria para a prisão. O tempo todo, pessoas dormiam juntas. Talvez estivesse fazendo uma tempestade num copo d'água.

Finalmente, percebendo que estava precisando dos conselhos de alguém, Caroline convidou Maggie para jantar em sua casa. A ruiva era uma boa amiga, e foi fácil explicar-lhe o que Sam tinha feito. Entretanto, contar o que havia acontecido num sábado à noite, quase um mês atrás, foi muito diferente, e ela estava vermelha como um pimentão, quando relatou a proposta de Lyle e a reação que tivera.

Caroline terminou a confissão falando da conversa que tinha tido com Matthew ao telefone, alguns dias atrás.

— Ele nem quis discutir os termos da oferta do Conselho, Maggie. Só fez comentários pessoais! Acusou-me de corresponder às carícias dele e depois tirar o corpo fora, de propósito. Eu nunca tive essa intenção. No fim, ele disse que não estava mais zangado e que ainda queria fazer amor comigo.

— Ela estremeceu. — A voz dele... Foi quase como se já estivéssemos juntos na cama. Eu desliguei o telefone.

— Não entendo você, Caroline. Poucas mulheres, em Seattle, teriam coragem de dizer não a Matthew Lyle. A maioria ficaria encantada com a idéia. Você já me disse que ele a excita, então, qual é o problema? Eu sei que as coisas não foram fáceis com Clay, mas isso não é razão para você fugir de todos os outros homens que encontra. Na pior das hipóteses, você passaria um fim de semana maravilhoso. Na melhor... Quem pode saber?

"Eu deveria ter adivinhado que Maggie me daria esse conselho", pensou Caroline. "Afinal, ela dormiu com Jerry na mesma semana em que o encontrou!"

O relacionamento entre eles havia se aprofundado mais tarde, mas ela não vira nada de errado em deixar que uma intensa atração física os levasse logo para a cama. Mas Caroline tinha deixado de mencionar um fato muito importante, e sem saber dele Maggie jamais entenderia por que ela estava com tanto medo de Lyle.

— Eu nunca dormi com Clay, Maggie — disse baixinho.

— Você nunca... Você nunca teve uma relação sexual com Clay?! Mas, por quê?!!

Ela explicou rapidamente por que tinha se casado com Clay Spencer e descreveu os anos horríveis que havia passado com ele. Era a primeira vez que contava detalhes pessoais de seu casamento a alguém e fez Maggie jurar que guardaria segredo de tudo.

— Eu não odiava Clay e nunca o culpei pelo que aconteceu. Ele estava doente e precisava da minha ajuda. Mas foi uma situação traumatizante e, às vezes, eu ainda tenho pesadelos a respeito daqueles tempos. Sonho que ainda estou casada com ele e acordo tremendo da cabeça aos pés.

— Oh, Caroline! Não é de admirar que você mantenha os homens à distância. Talvez, se explicasse... — Maggie fez uma pausa, quando Caroline balançou a cabeça, desanimada. — É, acho que não daria certo. Mesmo que Matthew Lyle acreditasse em você, duvido que deixasse um pequeno obstáculo, como a virgindade, detê-lo. Creio até que ele gostaria da idéia.

As duas ficaram em silêncio por vários momentos. Depois, Maggie comeu mais um pedaço de melão e disse:

— Olhe, Caroline, eu não sou a pessoa mais certa para lhe dar conselhos, mas você precisa de ajuda para tomar uma decisão, e vou fazer o possível para ajudá-la. Se você recusar o convite de Lyle, ele tomará posse da Elliot Bay e venderá a divisão não-militar, da qual você tanto gosta. Joe Symington provavelmente descobrirá os subornos de Sam e haverá uma investigação e um escândalo nacional. Na minha opinião, um bom advogado impedirá que Sam vá para a cadeia. Quanto à reputação de Clay, acho que você é um anjo em se preocupar com isso, depois de tudo que teve que agüentar, ao lado dele.

— Maggie, você não entende. Durante anos, Clay tomou conta de mim, e eu...

— Eu entendo sim, mas Clay está morto e você está viva. No fim, você será uma mulher rica e achará outro interesse na vida. — Maggie interrompeu-se por um instante, e em seguida continuou: — Por outro lado, se você passar o fim de semana com Lyle, acho que conseguirá convencê-lo a manter Symington longe dos livros da firma. O efeito que você causa nos homens que a conhecem é impressionante, Caroline, e com Lyle não foi diferente. Ele parece estar se sentindo atraído o bastante para lhe dar o que você quiser, e uma companhia pequena como a nossa não deve significar tanto assim para as Indústrias Olympia. Em um ano, a Elliot Bay poderá progredir tanto que os acionistas nem se lembrarão mais dessa história de aquisição ou posse. Então, quando você estiver no controle de tudo novamente, poderá tirar Lyle do Conselho Diretor e afastar Symington para sempre. A decisão final é sua, naturalmente, e dependerá do quanto Sam, Clay e a Elliot Bay são importantes para você.

Elas ficaram em silêncio por mais alguns momentos, depois Maggie acrescentou:

— Não se esqueça, Caroline, que quando uma mulher vai para a cama com um homem não tem que lhe dar a alma nem que sacrificar a própria independência. Eu sei que, no seu ponto de vista, isso é muito importante. Por quarenta e oito horas, você dará a Matthew Lyle seu corpo, mais nada. E, pelo que me contou, provavelmente gostará da experiência. Depois, se quiser, poderá se recusar a vê-lo. Afinal, não há motivos para você se envolver emocionalmente com ele.

Caroline estava se debatendo entre a admiração e a repulsa. Maggie tinha acabado de lhe dizer que poderia usar o corpo para conseguir o que queria de Lyle e, quando tudo acabasse, colocá-lo de lado como se nada tivesse acontecido. Ela nunca tinha pensado em si mesma como uma mulher fatal, embora soubesse que era considerada bonita o suficiente para isso. E jamais acreditara em usar as pessoas, por melhores que fossem seus motivos.

"Mas Lyle não teve escrúpulos em me usar. Por que, então, estou hesitando?", pensou de repente.

— Uma parte de mim gostaria de fazer isso, Maggie. Mas não creio que eu seja capaz.

Maggie deu de ombros e mudou de assunto. Daí em diante, o nome de Matthew Lyle não foi mais mencionado.

Naquela noite, Caroline teve outro de seus pesadelos. Era uma estudante de novo, e Clay Spencer a estava censurando, fazendo-a sentir-se infeliz e culpada por ter tirado "C", num exame importante. De repente, toda a sua raiva reprimida explodiu e ela começou a gritar com ele que, aos poucos, foi se transformando em Sam Hanover. Quando a transformação estava completa, ele levou as mãos ao peito e caiu ao chão. Caroline acordou então, com o corpo coberto de suor.

Sem Sam, nunca teria conseguido cumprir as obrigações de presidente

da Elliot Bay. Como poderia, agora, correr o risco de vê-lo na prisão, por algo que Clay o tinha obrigado a fazer? E Clay... Clay havia perdido a capacidade de raciocinar, durante os últimos meses. Além disso, não havia uma parte dela que estava apavorada com a idéia de perder a presidência da Elliot Bay? Enquanto mandasse na firma, ninguém poderia lhe dar ordens.

Durante o resto do dia, muitas coisas voltaram à mente de Caroline. Ela se lembrou das crises temperamentais de Clay e do modo como costumava ignorar as próprias emoções, fazendo de conta que era uma simples observadora da cena que estava se desenrolando, para poder agüentar. Com o tempo, ele tinha perdido o poder de feri-la.

E se pudera fazer isso com Clay, poderia fazer com Matthew Lyle também. Maggie estava certa. Não havia razão para se envolver emocionalmente com ele. Matthew estava usando um método não muito limpo para pressioná-la, deixando-a sem escolha, e ela teria que pensar em tudo como um negócio. Levando em conta as circunstâncias, não teria do que se sentir envergonhada.

No fim da tarde, Caroline decidiu ir ver Matthew pessoalmente, pois não estava conseguindo aceitar a idéia de tratar de algo tão pessoal, por telefone. No ônibus, a caminho do escritório dele, teve que se lembrar, várias vezes, de que poderia mudar de opinião, se quisesse. Não lhe custaria nada ir até as ilhas San Juan. E, se descobrisse que não tinha condições de levar a cabo os planos feitos, poderia sair da cabana dele e achar um lugar para ficar, na cidade. Matthew não a arrastaria para cama. Ele não era do tipo que apela para o estupro.

Quando ela deu o nome à recepcionista de Matthew, a moça sorriu abertamente e exclamou:

— Ah, sim, a sra. Spencer! Todos estão falando a seu respeito. O sr. Lyle mencionou que a senhora seria capaz de aparecer, esta semana. Ele está em reunião com o sr. Symington, no momento, mas se quiser esperar um pouquinho, logo será atendida.

Fumegando de raiva, Caroline dirigiu-se ao sofá cor de creme, na sala de espera. Matthew Lyle tinha sido arrogante o suficiente para encarar sua rendição como algo garantido! Sentando-se, ela se forçou a pegar uma revista e fingiu que estava lendo, mas a verdade é que estava fazendo o possível para se controlar e assumir a pose de uma fria mulher de negócios. Talvez conseguisse fazer Lyle mudar de idéia, com um pouquinho de esforço.

Matthew saiu do escritório dez minutos mais tarde, ainda conversando com Joe Symington, e levantou a sobancelha esquerda com ar interrogativo, quando viu Caroline. Ela ficou em pé, o corpo rígido de tensão, e resolveu que não diria uma palavra, enquanto não estivessem a sós.

— Joe, tenho certeza que você reconheceu Carrie Spencer — Matthew

falou, perfeitamente à vontade. — Carrie, este é meu primo, Joe Symington.

Caroline estendeu a mão para Joe. Ele era um homem de quarenta e poucos anos, mas parecia bem mais jovem, e cumprimentou-a com um sorriso largo e caloroso.

— Faz muito tempo que tenho vontade de conhecê-la.

Caroline foi poupada da necessidade de responder, quando Matthew disse:

— Volte assim que conseguir as informações a respeito de Danforth, está bem, Joe? Precisamos discutir a posição que vamos tomar, neste caso.

Joe concordou e Matthew, segurando o braço de Caroline, levou-a para o escritório. Fechou a porta com firmeza atrás de si, e, quando a olhou, havia um brilho de divertimento nos olhos castanhos.

— Estou contente por você ter decidido que não a farei vomitar. Agora, não terei que passar o tempo todo pensando num jeito de evitar que isso aconteça.

Apesar dos modos dele ao telefone, Caroline não estava esperando ser recebida com esse tipo de palavras nem examinada com um olhar tão ardente. Mais para disfarçar o tremor das mãos do que por estar com calor, começou a desabotoar o casaco.

— Deixe-me fazer isso. — Matthew virou-a de frente para si e, com um sorriso, murmurou: — Um dos meus passatempos favoritos é desabotoar botões.

Logo ficou evidente que prática era o que não lhe faltava. Devagar, ele passou cada botão pela respectiva casa, fazendo Caroline sentir que estava sendo despida de uma roupa bem mais íntima que um simples casaco. Foi com alívio que ela o viu se afastar, para colocar o casaco sobre uma poltrona.

Mas Matthew não demorou a voltar e, parando junto às costas dela, acariciou-lhe os ombros por uns segundos. Em seguida, enlaçou-a pela cintura.

— Eu lhe disse que passei o mês inteiro pensando em você — murmurou —, mas agora estou pensando neste fim de semana. Poderei tocá-la sempre que quiser, tirar as suas roupas, fazer amor com você...

Num gesto inesperado, ele beijou-a no pescoço, e Caroline ficou chocada com a onda de calor que se espalhou por seu corpo.

"Isto não pode estar acontecendo comigo!", pensou. "Não posso estar reagindo de novo, com tanta intensidade, à voz e aos lábios dele. Não quero me envolver com esse homem. Tenho que permanecer fria!"

Forçando-se a manter o corpo rígido, disse, num tom de voz capaz de gelar qualquer homem:

— Não precisa explicar tudo com tantos detalhes, sr. Lyle. Sei, perfeitamente, qual será meu papel.

Um riso baixo e grave escapou dos lábios de Matthew.

— Monte Carrie... Inatingível, linda e gelada! Cai-lhe tão bem este apelido quando você está tentando fingir que não a afeto, como agora. Mas não me convence, Carrie. Estou sentindo seu corpo tremer.

Matthew girou-a nos braços e, ignorando sua resistência, beijou-a nos lábios. Caroline apoiou as mãos no peito dele e tentou empurrá-lo. Tinha que colocar alguma distância entre eles.

— Matthew, eu vim até aqui para discutir negócios — disse, virando a cabeça para impedir que o beijo leve se transformasse numa carícia profunda.

Sem tirar as mãos da cintura dela, Matthew endireitou o corpo e sorriu.

— Não esqueci nosso trato. Um fim de semana nas ilhas San Juan em troca de duas cadeiras no Conselho Diretor, uma auditoria nos livros e nenhuma interferência por um ano. Estou abrindo mão de muita coisa, com isso. Espero que o fim de semana compense, Carrie.

— Não... não podemos fazer um outro tipo de acordo?

— Não.

Ele negou num tom tão brusco que Caroline percebeu que não teria saída. Mesmo assim, insistiu:

— Não vai mesmo mudar de idéia?

Em resposta, Matthew puxou-a para junto de si e, com uma das mãos espalmada em suas costas e a outra segurando-lhe a cabeça, beijou-a profundamente. Ela sentiu vergonha da própria reação, mas foi incapaz de se controlar. Os movimentos sedutores de sua boca e de seu corpo intensificaram o ardor de Matthew, que transformou o beijo num ato de conquista selvagem e apaixonado.

— Parece que vou mudar de idéia? — ele perguntou finalmente, empurrando-a para longe de si.

Não, nem um pouco, e Caroline havia correspondido à carícia com tanta intensidade que Matthew tinha todo o direito de achar que ela estava tão ansiosa quanto ele por aquele fim de semana. Para esconder as faces coradas, ela virou-se para o outro lado, mas ele segurou-a pelo braço e forçou-a a encará-lo.

— Vá para casa comigo, esta noite, e eu me contentarei com apenas uma cadeira no Conselho, Carrie.

Caroline fez que não e, livrando-se da mão dele, caminhou até a janela. Estava morta de medo do poder que Matthew tinha sobre suas emoções e envergonhada por responder de forma tão desinibida às carícias de um verdadeiro estranho.

— E o seu casamento, Carrie? Como foi ele?

Ela não tinha ouvido Matthew se aproximar e assustou-se ao vê-lo atrás de si, interrogando-a como se tivesse o direito de saber todos os detalhes de sua vida. Se havia sido difícil falar de seu casamento com Maggie, uma amiga de tantos anos, com Matthew Lyle seria impossível. Ele estava interessado apenas em seu corpo, e, quanto mais lhe contasse a seu

respeito, mais armas lhe daria para feri-la.

Devagar, virou-se para encará-lo, o rosto parecendo uma máscara de gelo. Seu silêncio — ou sua expressão — irritaram-no, e quando ele falou de novo, foi num tom de voz frio e áspero.

— Você se casou com um homem com três vezes a sua idade. Por quê?

— Não é da sua conta. Só porque eu concordei em passar o fim de semana com você, não significa que eu lhe pertença.

— E se eu quiser continuar dormindo com você? O que acontece?

— Se você quiser? E todos têm que fazer o que você quer, Matthew?

— Quero saber o que faz você vibrar. É dinheiro, Carrie? Você gostou de se transformar em uma viúva rica?

— Eu não sou uma espécie de germe, para você me examinar como se eu estivesse debaixo de um microscópio. Pare com isso!

— Responda à minha pergunta, Carrie!

Caroline agora estava furiosa.

— Acredite no que quiser, Matthew! Eu não vou discutir meu casamento com você e ponto final!

— Quer dizer que você gostou. Deve ter passado uma semana celebrando, quando o velho Clay morreu.

Apesar de saber que muita gente pensava assim, ela ficou magoada com as palavras dele e não respondeu. Era melhor ser chamada de interesseira do que explicar tudo a Matthew e correr o risco de sofrer muito mais.

— Você parece uma estátua de mármore, quando assume esse ar de Monte Carrie: linda, fria e perfeita. — Ele deu uma olhada no relógio. — Se eu não soubesse que Joe está para chegar, tomaria isso como um desafio. Outra coisa: se está pensando em fazer esse joguinho comigo, na cabana, não perca seu tempo. Não me impressiona e, em vinte segundos, posso ter você a meus pés, implorando minhas carícias.

Caroline continuou a olhar para Matthew, furiosa com tanta arrogância e certa de que ele estava errado. Logo, ouviu-o xingar baixinho e dizer, impaciente:

— Pego você na sua casa, amanhã cedo, às nove horas. Não se atrase, Carrie. Vamos dar uma passada no mercado e, depois, partir para Anacortes.

Ela permaneceu como estava, os braços caídos ao longo do corpo, não se manifestando nem quando Matthew aproximou-se para beijá-la. O comportamento dele, querendo fazer amor com uma mulher que considerava fria, interesseira e calculista, era nauseante.

— Não quero brigar com você, Carrie — Matthew murmurou, de encontro aos lábios dela. E quando Caroline não reagiu ao modo sedutor como a beijou, soltou-a com um suspiro.

— Vinte segundos, não é? — ela perguntou, com ironia.

— Olhe, se estou errado sobre você e Spencer, peço desculpas. Como é que eu posso saber o que pensar, se você não fala a respeito comigo? Não é

só curiosidade de minha parte; eu me importo com você!

Caroline sentiu-se aliviada por ele se importar com o tipo de pessoa que ela era, mas mesmo assim não falou nada a respeito de Clay.

— Eu já lhe disse: não é da sua conta — repetiu.

— Está bem, já entendi: você não me pertence!

Matthew afastou-se como se estivesse com medo de ceder à tentação de bater nela, caso ficasse por perto. Em silêncio, Caroline pegou o casaco e começou a caminhar para a porta. Não ficou surpresa, quando ele a deteve e empurrou-a para o sofá.

— Sente-se!

Não gostou da ordem, mas obedeceu. Ele estava zangado o bastante para usar a força bruta, se insistisse em sair. Além disso, seu ressentimento já havia diminuído, e o pedido de desculpas dele lhe parecera sincero.

Frustrado com a atitude de Caroline, pois era raro uma pessoa não fazer o que ele queria, Matthew sentou-se ao lado dela.

— Você vai comigo amanhã? — perguntou, com voz rouca, acariciando-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

— Não, não quero ir.

— Vinte minutos atrás você queria. Eu poderia ter feito amor com você no sofá. Está aborrecida porque insisti em saber sobre Spencer, não é? Está bem, reconheço que isso não é da minha conta. Não vou perguntar mais nada.

Perdida num verdadeiro turbilhão de emoções, Caroline teve que fazer força para se lembrar da razão pela qual estava ali. Se fosse embora, Matthew se vingaria arrasando com ela e a firma, como um lobo acaba com um indefeso coelhinho.

A mão dele desceu por seu pescoço, e os primeiros botões de seu vestido de seda abriram-se.

— Pare com isso — murmurou, tentando ignorar a sensação causada pela carícia em seus seios.

— Finalmente, consegui sua atenção!

Com um ar satisfeito, Matthew inclinou a cabeça e pôs-se a beijá-la. Beijos leves, rápidos, enlouquecedores, dados com o objetivo de fazê-la pedir mais.

— Matthew, não.

O protesto foi fraco. Estava sendo difícil resistir, e, quando os lábios dele forçaram os dela a se abrir, Caroline desistiu de tentar. Abraçando-o, correspondeu com a mesma paixão e selvageria.

De repente, o beijo terminou e Matthew fitou-a com intensidade, hipnotizando-a com o olhar.

— Amanhã- às nove, Carrie?

— Está bem.

Ela concordaria com qualquer coisa, para sair daquele escritório. Estava precisando de tempo para pensar.

Matthew levantou-se e acompanhou-a até a porta, com o braço em sua cintura. Lá, segurou-lhe o queixo e disse sorrindo:

— Mal posso esperar!

Caroline entendeu, perfeitamente, a que ele estava se referindo.

CAPITULO V

Naquela noite, enquanto arrumava a mala, Caroline pôs-se a pensar no fim de semana que tinha pela frente. Matthew havia mencionado que iriam até Anacortes, uma cidadezinha localizada na ilha Fidalgo, a mais ou menos cem quilômetros de Seattle. Era de lá que saíam as principais linhas de balsa para as ilhas San Juan, Sidney, Colúmbia Britânica e Vancouver e, pelo que ela ouvirá dizer, as paradas eram feitas apenas nas ilhas maiores.

Levando-se em conta a riqueza de Matthew Lyle, a "cabana" dele era, provavelmente, um chalezinho luxuoso, com ar-condicionado quente e frio, aquecimento central e cozinha e banheiros moderníssimos. O vizinho mais próximo não deveria ficar a mais de um quarteirão de distância, e a cidadezinha principal, a um ou dois quilômetros. Não havia razão para ela entrar em pânico; estaria tão segura com ele, nas ilhas San Juan, quanto estivera na ópera, um mês atrás. E, se quisesse voltar para casa, teria só que pegar a balsa para Seattle.

Na manhã seguinte, Caroline ligou para o escritório e avisou que passaria o fim de semana fora. Em seguida, vestiu uma calça jeans, uma camisa de lã e um casaco de náilon, azul-marinho. Na mala, estava levando material de maquiagem, um par de botas, duas mudas de roupa e uma camisola de flanela, rosa e branca, que provavelmente deixaria o sofisticado Matthew Lyle horrorizado, se ele a visse.

Mas Caroline estava começando a duvidar que isso pudesse acontecer. Seria bom passar o dia na companhia dele, mas a noite era outra coisa.

Talvez na esperança de passar um fim de semana tranquilo, sozinha, ela incluiu na bagagem vários livros que gostaria de ler e saiu. Estava quase no meio da colina, quando Matthew chegou. Ele desceu logo do carro e foi ao seu encontro, tirando-lhe a mala das mãos.

— Meu Deus, o que você tem aqui, Carrie? Um instrumento pontudo para me manter à distância, caso mude de idéia?

— Livros — ela respondeu, sem corresponder ao olhar animado que ele lhe lançou.

— Você fez mal em carregar a mala até aqui. Poderia ter dado mau jeito nas costas.

— Deus me livre! Tenho certeza de que você me quer em ótima forma para as atividades do fim de semana.

Matthew riu.

— Não distorça o que eu digo. E, mesmo que você tivesse distendido um

músculo das costas, daríamos um jeito. Não sou um amante tão sem imaginação assim.

Caroline corou, nervosa e embaraçada. Não estava querendo saber que tipo de amante ele era e ficou aliviada quando chegaram ao topo da colina.

— Que livros você trouxe? O que gosta de ler? — Matthew perguntou, quando já estavam a caminho do mercado.

Ela citou os títulos, todos de famosos *bestsellers*, inclusive o último romance de uma autora feminista fanática, que havia arrasado com o sexo masculino em seus três livros anteriores.

— Esse eu não vou deixar você ler, Carrie. Se eu deixar, no fim do segundo capítulo você estará pensando em jogá-lo na minha cabeça e me trancar do lado de fora da cabana.

Caroline estava desconsertada com a atitude de Matthew. Ele parecia perfeitamente à vontade, como se já fossem amantes há muito tempo. Eram nove e quinze da manhã, e muitas horas se passariam, antes que chegassem à cabana. Ela, no entanto, já estava com os nervos à flor da pele e respondendo às perguntas dele de modo breve e seco.

Matthew estacionou o carro no pátio do supermercado e eles desceram. Enquanto caminhavam, ele passou o braço pelos ombros dela, num gesto íntimo e possessivo que a deixou mais nervosa ainda.

— Quer dar uma olhada por aí, Carrie?

Caroline concordou de imediato. Seria capaz de fazer qualquer coisa, para adiar a chegada à cabana.

Durante quase uma hora, os dois passearam pelo supermercado. No fim, Matthew pegou várias garrafas de vinho, um bom sortimento de comidas prontas, peixe e frutas, além de um lindo buquê de flores para Caroline. Ela ficou feliz com o presente, mas não pôde deixar de imaginar se não seria hábito dele comprar flores para todas as mulheres que levava à cabana.

Matthew, ao que parecia, não estava com pressa de chegar a Anacortes, pois abandonou a estrada mais direta em favor de outra mais longa, mas que atravessava uma região mais bonita. Foi com alívio que Caroline o viu dirigir-se a Mukilteo, um terminal de balsas estadual, que ligava o continente à ilha Whidbey.

— Quer tomar uma xícara de café? — Matthew perguntou, quando a balsa começou a se mover.

Era a primeira vez que ele falava com ela, desde que tinham saído de Seattle, e Caroline aceitou depressa. A travessia não levava mais do que vinte minutos, e eles mal tiveram tempo de pegar o café e sentar numa das mesinhas do bar, antes da ilha aparecer no horizonte.

A ilha Whidbey tem noventa quilômetros de comprimento e é uma das maiores dos Estados Unidos. É tão estreita que, da estrada que a atravessa de ponta a ponta, enxerga-se o mar de ambos os lados.

Observando o cenário em volta, Caroline começou a se sentir mais à

vontade. Matthew estava dirigindo tão devagar que provavelmente já seria noite, quando chegassem à cabana.

"Não há sentido em ficar histérica antes da hora", ela raciocinou. "Não tomei o café da manhã, de puro nervosismo, e o que ganhei com isso? Nada, além de uma fome tremenda."

Ela já estava pensando em perguntar onde almoçariam, quando Matthew saiu da estrada e estacionou o carro numa área reservada para piqueniques.

— Por que não se senta lá, Carrie, enquanto eu pego a comida? — ele disse, apontando para uma mesa rústica com dois bancos, à sombra de uma árvore.

Caroline comeu com apetite o pão francês e a pasta de lagosta que eles tinham comprado no supermercado, e até tomou um pouco de vinho. Quando, depois, Matthew sugeriu uma caminhada por entre as árvores, concordou prontamente. Havia várias pessoas fazendo piquenique por ali e estava se sentindo relativamente segura.

— Você teve algum amante, depois da morte de Clay?

A pergunta inesperada assustou tanto Caroline que ela quase tropeçou na raiz de uma árvore. Ele não tinha o direito de lhe fazer perguntas sobre um assunto tão pessoal. Revoltada, continuou a caminhar, em silêncio.

— Responda, Caroline. Quero saber.

— Por quê? Como o meu casamento, isso não é da sua conta.

— É da minha conta sim, porque pode influenciar o que vai acontecer esta noite. Eu percebi a sua reação, a primeira vez que a beijei. Você ficou chocada, o que muito me espantou. — Distraído, Matthew começou a chutar uma pedra, enquanto andava. — Ontem, se alguém me perguntasse, eu diria que você já teve inúmeros amantes. Mas hoje já não estou tão certo. Você está tão nervosa que só posso achar que sou o primeiro, depois da morte do seu marido.

Caroline não respondeu, e ele segurou-a pelo ombro, obrigando-a a parar. Involuntariamente, ela estremeceu,

— Você está nervosa mesmo, hem?

— Está bem, eu estou! Não faço este tipo de coisa o tempo todo. Ao contrário do que acontece com você!

— De onde você tirou a idéia de que minha vida é cheia de mulheres? — Um brilho divertido surgiu nos olhos dele.

— É não é?

Matthew riu.

— Claro que não! Não é sempre que tenho tempo para fins de semana de quatro dias. Esta é uma ocasião especial, Carrie. Agora, pare de implicar comigo e me diga se houve alguém, depois da morte de Clay.

Contente por saber que não era a última de uma lista interminável de mulheres, ela cedeu.

— Não, não houve ninguém.

Pensativo, Matthew soltou-a e deu outro chute na pedrinha. Caroline teve esperanças de que o assunto fosse encerrado por ali mesmo, mas um minuto depois a mão dele pousou novamente em seu ombro, impedindo-a de continuar a caminhada.

— Você se assusta, todas as vezes que me aproximo, embora no fim sempre acabe aceitando e gostando de minhas carícias. Isso é estranho, e agora me ocorreu que Clay Spencer tinha idade para ser seu avô. Você sentia prazer, quando ele fazia amor com você?

Ela empalideceu. Todas as vezes que pensava no fim de semana, a mesma pergunta angustiante surgia em sua mente: deveria contar a Matthew que ele seria seu primeiro amante? Se contasse, teria, com certeza, que responder a um verdadeiro interrogatório. Ele insistiria em saber todos os detalhes de seu casamento e, no nervosismo em que estava, seria bem capaz de contar tudo. No entanto, as experiências que tivera eram dolorosas demais, para serem reveladas a um estranho a quem não amava e em quem não confiava...

Seria diferente se Matthew descobrisse enquanto estivessem fazendo amor. Ela poderia manejá-lo com uma certa facilidade, quando tudo estivesse terminado. Suas defesas estariam firmes e o medo não passaria de uma lembrança. Poderia até lhe dizer que aquilo não era da conta dele e recusar-se a falar sobre o assunto.

— Não — replicou. E não estava mentindo. Clay nunca a tocara, portanto nunca havia sentido prazer fazendo amor com ele.

No silêncio que se seguiu esperou, tensa, que Matthew a bombardeasse com perguntas. Mas não foi isso que aconteceu. Chegando mais perto, ele passou o braço por sua cintura e, com a outra mão, obrigou-a a levantar a cabeça.

Caroline encarou-o, tentando decifrar a expressão enigmática dos olhos castanhos. No que estaria ele pensando? Teria percebido que seu corpo estava tremendo e seu coração, batendo como um tambor?

Quando seus lábios se encontraram, ela enrijeceu o corpo e olhou firme para a frente, decidida a controlar as próprias emoções. Depois de alguns instantes brincando com sua boca, Matthew levantou a cabeça e fitou-a com um olhar tão cheio de paixão, que ela não conseguiu agüentar e abaixou as pálpebras.

Ele, então, inclinou a cabeça de novo e acariciou, com a ponta da língua, primeiro seu lábio superior, depois o inferior. A sensação foi atordoante e Caroline percebeu, apavorada, que Matthew poderia, com a maior facilidade, levá-la a um estado de abandono total. Tentou virar o rosto para o lado, mas os dedos dele, que estavam esfregando seu pescoço de leve, fecharam-se em torno de sua nuca, impedindo-a de fugir.

— Carrie, você está me deixando louco. O que você está fazendo?

Mas ela não estava fazendo nada, estava?

Aos poucos, Matthew foi se tornando mais agressivo, exigindo uma

resposta. Ele estava excitado, e descobrir isso excitou Caroline a tal ponto que ela não pôde mais resistir. Erguendo os braços, enlaçou-o pelo pescoço e arqueou o corpo para trás, num convite silencioso. Trêmulos de desejo, seus lábios se entreabriram para receber os dele e, quando suas línguas se tocaram, o mundo inteiro desapareceu. Naquele momento, só eles e os sentimentos incríveis que estavam partilhando existiam.

Foi Matthew quem interrompeu o abraço.

— Não posso agüentar mais — murmurou.

E, pegando-a pela mão, levou-a de volta à mesa de piquenique. Ainda havia um pouco de vinho na garrafa, e ele bebeu tudo depressa, sem se dar ao trabalho de usar um copo.

— Não vai ser como era com Clay, Carrie. Acredita nisso agora?

Caroline ainda estava tremendo.

— Foi por isso que me beijou? Para provar um ponto de vista? — perguntou, pronunciando as palavras com dificuldade.

— No começo, foi. Mas quando você fica parada daquele jeito, completamente passiva, não consigo agüentar. Deve ser porque sinto que você me deseja e está lutando contra isso. Fico louco e não posso me impedir de forçar uma resposta da sua parte. Foi um crime você ter se casado com Spencer, Carrie, e desperdiçado tanta sensualidade, durante quatro anos.

Ela não soube o que responder, pois nunca tinha se considerado uma mulher sensual. E, como poderia, se seu corpo só era capaz de tanta paixão nos braços dele? Agora, já não tinha mais dúvidas sobre o que aconteceria, aquela noite. No momento em que Matthew a tomasse nos braços, perderia o controle das próprias emoções. Talvez, no início, sentisse um pouco de medo e ficasse rígida sob as mãos dele, mas isso não o deteria. Muito pelo contrário, pois ele não havia acabado de admitir que sua passividade o incitava a acabar com suas defesas? Ele ia beijá-la e tocá-la, até obter sua rendição total e incondicional.

Enquanto Caroline refletia sobre a situação em que se encontrava, Matthew guardou a comida que havia sobrado na cesta e jogou os copos usados e a garrafa vazia numa lata de lixo. A conversa entre eles estava terminada, pelo menos por enquanto. Em silêncio, os dois voltaram para o carro e reiniciaram a viagem.

À medida que o tempo passava e eles se aproximavam de Anacortes, Caroline foi ficando cada vez mais agitada, a cabeça cheia de pensamentos inquietantes.

Caroline Spencer, a mulher fatal de Seattle, pronta a usar seu charme para obter todas as vantagens que pudesse, no mundo dos negócios! Que piada. Estava emocionalmente envolvida com Matthew Lyle, desde a ponta dos pés até o topo da cabeça, o que era uma distância considerável. Quando o fim de semana terminasse, ele seria dono não só de seu corpo como também de seu coração. E ela teria aprendido a gostar de fazer amor e a

jogar-se nos braços dele, cheia de gratidão, toda vez que ele decidisse lhe dedicar algumas horas de seu precioso tempo.

De repente, um outro pensamento, mais inquietante ainda, cruzou-lhe a mente: o que aconteceria, quando o desejo de Matthew por ela acabasse? Ele assumiria uma atitude fria e impessoal, tratando-a como qualquer outro membro do Conselho Diretor? Essa idéia arrasou-a.

Depois de mais alguns momentos refletindo, Caroline decidiu que o melhor seria fugir de Matthew e voltar para casa. Infelizmente, ele não estava disposto a deixá-la escapar e aumentaria a vigilância, caso desconfiasse de seus planos. Talvez, quando estivessem na balsa, pudesse ir até o toalete de senhoras e pedir a ajuda de alguém ou esconder-se por lá. O único problema era que Matthew, com toda certeza, iria acompanhá-la e não sairia da porta, enquanto não a visse aparecer.

Caroline quase entrou em pânico, quando percebeu que talvez tivesse que tentar a fuga de uma cabana isolada, a quilômetros do vizinho mais próximo. Completamente esquecida das considerações que tinha feito, sobre o luxo e a localização da cabana de Matthew, ela perguntou, lutando para esconder a ansiedade:

— Matthew, onde fica a sua cabana?

— Na ilha Orcas, perto de Porto Deer — ele respondeu, depois de um instante de silêncio.

Caroline sentiu-se mole, de tanto alívio. A ilha Orcas era a ilha mais povoada daquela região, e Porto Deer, sua maior cidade.

"Graças a Deus, Matthew Lyle gosta de luxo", pensou, olhando pela janela. A estradinha que dava acesso ao terminal de balsas não tardou a surgir, mas, para sua surpresa, Matthew ignorou-a e seguiu em frente.

— Você passou reto pelo terminal, Matthew!

— Eu sei, Carrie. Não há balsas a esta hora do dia. Elas só funcionam pela manhã.

Caroline ficou intrigada com o tom divertido na voz dele, mas não perguntou nada. Logo, uma marina apareceu no horizonte e ele explicou, apontando para lá:

— Eu mantenho um dos meus barcos nessa marina, para não ter que depender do serviço de balsas. É uma lanchinha cabinada e, se você não gostar da cabana, pode dormir nela.

A "lanchinha" era, na realidade, um enorme iate, com um salão agradável, uma cozinha equipada com o que havia de mais moderno em aparelhos domésticos, inclusive um forno de microondas, e duas cabanas carpetadas, com banheiros privativos.

Caroline, depois de dar uma volta pelo barco, olhou com ar duvidoso para as águas do estreito Rosário. O vento havia começado a soprar com mais força, e seu estômago já estava querendo acompanhar o balanço da "lanchinha".

— Matthew, eu tenho uma certa facilidade para enjoar. Não dá para

esperarmos a balsa de amanhã? Seria melhor, para mim.

"Quando o dia amanhecer, já estarei a quilômetros daqui", acrescentou, em pensamento.

— Isso não é problema. Venha comigo. — Muito animado, Matthew levou-a ao banheiro da cabina principal e tirou, do armarinho de remédios, um vidro de pílulas contra enjôo. — Tome uma dessas. Eu vou buscar as coisas que ficaram no carro. Se estiver se sentindo muito enjoada, vá para o ancoradouro.

Caroline encheu um copo de água e engoliu a pílula amarela. Era uma pena que remédios contra enjôo lhe dessem sono, pois precisaria estar com a cabeça clara, quando chegassem a Porto Deer. Mas a outra alternativa que tinha era pior; acessos repetidos de náusea dificilmente tornariam sua fuga mais fácil.

Do ancoradouro, ela observou Matthew levar as malas e os suprimentos para o barco. Depois, com a delicadeza de sempre, ele ajudou-a a subir a bordo e sugeriu que ficasse na ponte de comando, a seu lado.

— Mantenha os olhos fixos no horizonte. A pílula leva mais ou menos quinze minutos para fazer efeito.

A brisa soprando contra o rosto de Caroline ajudou a diminuir sua sensação de enjôo, mas não o nervosismo. Matthew ainda estava sem pressa, e o barco avançava a menos de dez nós por hora, embora pudesse fazer o dobro.

Quando estava no ancoradouro, ela havia notado o nome Desirée pintado na lateral do barco, junto às palavras Lyle Construções Marítimas. Apesar do nervosismo em que estava, tinha sentido uma certa curiosidade pela dona do exótico nome, e agora, incapaz de resistir, perguntou a Matthew sobre ela.

— Aposto que está pensando que ela é uma garota de algum show de Las Vegas — ele replicou, rindo. — Mas está enganada. Meu avô era franco-canadense, e Desirée é o nome de minha mãe. Papai está aposentado, agora, por isso eles passam a maior parte do ano em Palm Springs.

Sonolenta, Caroline recostou-se na cadeira. Não estava mais achando o movimento do barco desagradável, e sim embalador. O vinho havia aumentado o efeito do remédio, e ela cochilou, acordando apenas quando Matthew sacudiu-a pelo ombro, de leve.

— Vá se deitar lá embaixo. Ainda temos algumas horas de viagem.

Caroline seguiu o conselho dele, sem protestos. Pelo menos, enquanto estivesse dormindo, não se atormentaria imaginando o que ainda teria que enfrentar. Na cabina de hóspedes, trancou a porta para evitar visitas desagradáveis e deitou-se numa das camas gêmeas.

Acordou com a impressão de que tinha dormido uns quinze minutos apenas, mas o relógio lhe mostrou que estava ali há mais de uma hora e meia. Meio tonta, levantou-se, penteou os cabelos e foi para o salão.

Encontrou Matthew sentado numa das poltronas, lendo uma revista, e

deduziu que o barco devia estar sendo conduzido pelo piloto automático. Ele sorriu, assim que levantou a cabeça e viu-a parada na porta.

— Acho que está na hora de comermos alguma coisa. Dormiu bem?

— Dormi sim, obrigada. Ainda falta muito para chegarmos, Matthew?

— Estamos quase lá. Sente-se, Carrie.

Ela ainda estava com as pernas moles e obedeceu sem hesitar. Matthew foi então para a cozinha, voltando alguns minutos depois com uma bandeja de plástico contendo uma garrafa de champanha importado, dois copos, bolachas e vários tipos de patê. Pelo visto, ele tinha muita prática em organizar sedução.

— Tome um pouco de champanha e coma alguma coisa. Depois iremos até a ponte de comando e eu lhe mostrarei a minha cabana. Ela já deve estar visível.

Ele colocou a bandeja sobre uma mesinha e serviu o vinho. Mesmo sabendo que não deveria beber mais, Caroline aceitou um copo. Estava precisando de alguma coisa para acalmar os nervos.

Matthew estava se portando de um modo estranho e perturbador. As maneiras dele continuavam tão educadas como sempre, mas no fundo ele parecia estar rindo dela. Por quê?

Caroline provou vários patês e tomou o vinho, o tempo todo vigiando Matthew, que, sentado à sua frente, comia com um ar satisfeito e despreocupado. Ao fim de alguns minutos, ele se levantou e estendeu a mão para ela.

— Você queria ver minha cabana, não queria, doçura?

Ouvindo o tratamento carinhoso, Caroline sentiu vontade de sair correndo dali. Em vez disso, levantou-se graciosamente, ignorando a mão dele, e marchou para fora. Fosse qual fosse o jogo de Matthew, não se deixaria intimidar.

Na ponte, ele passou o braço pelos ombros dela e apontou para a direita.

— Aquela lá é a ilha Lummi, e à esquerda fica a praia norte de Orcas. O Porto Deer está localizado na praia sul de Orcas. Se fôssemos para lá, teríamos nos dirigido para o oeste de Anacortes. Mas não foi isso que fizemos; seguimos para o norte. Minha ilha fica logo ali adiante.

— Sua o quê?

— Carrie — ele explicou, com um largo sorriso —, se eu lhe tivesse dito que iríamos para uma ilha particular, você teria se trancado no toalete feminino da balsa para Whidbey e se recusado a sair, mesmo que eu lhe implorasse de joelhos. Por isso, resolvi não lhe dizer nada.

— Você... você mentiu para mim! — Caroline gritou, afastando-se dele com um safanão. Como poderia fugir de uma ilha particular, e ainda por cima localizada num recanto isolado?

— Claro que menti! Por que eu haveria de deixar que seu ataque de nervos estragasse meu fim de semana? No domingo à noite você estará me agradecendo por isso, Carrie. Eu lhe garanto.

Tonta de novo e aborrecida demais para protestar contra tanto convencimento, ela sentou-se.

— Eu mudei de idéia. Leve-me de volta, Matthew, por favor. Você não vai gostar do fim de semana, se tiver que lutar contra mim o tempo todo.

— Mas eu não vou ter que lutar contra você, Carrie. Já lhe provei isso várias vezes.

— Então... então, depois... depois, Matthew, eu...

— Depois eu farei amor com você, de novo, Carrie. Ponha na cabeça que não vamos voltar e que ambos gostaremos do fim de semana. Eu quero você, e nada vai me impedir de possuí-la.

A impaciência de Matthew assustou-a. Um homem não consegue sucesso no mundo dos negócios, se não tiver um traço de crueldade em sua personalidade, e ele era um verdadeiro gênio. Ela não gostaria de deixá-lo zangado. Até agora, ele tinha se limitado a exercer uma certa pressão sem, na realidade, forçá-la a nada. Também, por que haveria de ser diferente? Cada vez que Matthew a tocava, despertava em seu corpo um verdadeiro vulcão, que acabava em dois segundos com sua vontade de resistir. Desde que tudo corresse bem na cama, o fim de semana seria ótimo, para ele. Mas não para ela...

— E no domingo à noite? O que vai acontecer? — perguntou, num fio de voz.

Matthew preferiu interpretar sua pergunta de maneira errada.

— O mesmo que hoje à noite, amanhã e amanhã à noite: vou fazer amor com você. Só voltaremos para casa na segunda-feira, de manhã.

— Segunda à noite, então. Quando estivermos de volta a Seattle. O que vai acontecer?

Pela rigidez do corpo e a frieza dos olhos dele, Caroline percebeu que Matthew estava furioso e, amedrontada, olhou depressa para o outro lado.

— Mulheres! Eu não posso lhe fazer perguntas, mas você quer exigir de mim uma série de compromissos. Nós dois temos um arranjo de negócios, Carrie. De minha parte, vou receber um fim de semana na cama, com você. Como posso saber o que vai acontecer depois? Não tenho nenhuma bola de cristal! — Segurando-a pelo braço, ele acrescentou: — Agora, saia da minha cadeira. Tenho que pilotar o barco o resto do caminho.

Caroline mudou para a outra cadeira, enquanto Matthew desligava o piloto automático e aumentava a velocidade do barco. Aborrecida demais para pensar com clareza, ela pôs-se a mexer com os cadarços do casaco, enrolando-os primeiro num dedo, depois no outro e assim por diante.

— Pelo amor de Deus, Carrie! Eu não vou pular em cima de você, na primeira oportunidade que tiver. Tenho uma certa sensibilidade e estou vendo que você está nervosa.

"Nervosa? Eu estou me sentindo como se o mundo tivesse desabado ao meu redor", ela pensou.

— Primeiro, nós vamos jantar — Matthew continuou, num tom mais

gentil —, depois, vamos aproveitar o fogo na lareira e relaxar, tomando uma xícara de café. Você está agindo como uma virgem acuada, nas garras de um bárbaro invasor. Já lhe disse: não vai ser como era com Clay. Eu lhe prometo.

Uma virgem acuada? Caroline recostou-se na cadeira e fechou os olhos, lutando contra a vontade de rir. Isso era exatamente o que ela era. Mas, no dia seguinte, só uma dessas palavras continuaria a ser verdadeira. Matthew tiraria sua inocência de um modo gentil, persuasivo, apaixonado e experiente, e no fim ela se veria presa numa armadilha com vezes pior.

CAPÍTULO VI

Não querendo se humilhar de novo e certa de que não conseguiria ficar ao lado de Matthew, sem implorar por sua liberdade, Caroline resolveu voltar para o salão. Enquanto descia a escada, olhou, pensativa, para a água lá embaixo. Mas não nadava bem o suficiente para chegar à ilha mais próxima e, mesmo que tentasse, Matthew a alcançaria em cinco minutos.

No salão, deixou-se cair no sofá e tentou se acalmar. Foi quando viu a garrafa de champanha e decidiu tomar mais um copo. Como não tinha notado antes o gosto maravilhoso daquele vinho? Adocicado, espumante, absolutamente perfeito!

O primeiro copo foi logo seguido por outro e, quando o salão começou a rodar de uma forma que nada tinha a ver com o balanço do barco, uma vontade louca de rir invadiu-a. Se continuasse bebendo, talvez conseguisse perder os sentidos. Matthew ficaria furioso!

Divertida com a idéia, ela riu e encheu mais um copo. Estava tomando os últimos goles, quando o barco parou. Atordoada, enxergando tudo fora de foco, olhou pela janela. Mas não viu cabana nenhuma; só uma faixa de areia, coberta de pedaços de madeira, e uma trilha que desaparecia no bosque, mais adiante.

Matthew surgiu de repente a seu lado, mas isso não a perturbou. Ele olhou para a garrafa quase vazia e riu.

— Se acha que, por estar "alta", eu não vou querer fazer amor com você, está muito enganada, Carrie. Pode ser até mais divertido.

— Não estou vendo sua cabana — Caroline comentou, sem ligar para o que ele havia dito. Não estava entendendo por que tinha ficado tão nervosa, alguns momentos atrás. A ilha era linda e ainda faltava muito tempo para a hora de dormir.

Matthew aproximou-se e, dando-lhe a mão, ajudou-a a ficar em pé.

— Venha comigo. Acho que você vai precisar da minha ajuda.

Caroline estava mesmo se sentindo zozza, mas disfarçou bem enquanto caminhava pelo ancoradouro e seguia Matthew pela trilha. Quando a cabana apareceu, ela franziu a testa. Era tão pequena e tinha uma aparência tão pouco civilizada!

Matthew abriu a porta e Caroline entrou. Havia apenas um cômodo, com uma lareira de pedra na parede dos fundos, assoalho de tábuas largas decorado com tapetes rústicos, e uma pia numa espécie de alcova, à esquerda. Torneiras não existiam; só uma bomba. Um único sofá ocupava o espaço em frente à lareira e, sobre uma mesinha, perto da pia, estavam vários lampiões e um fogãozinho a gás.

— É aqui que vamos ficar?! Mas não há quarto! — ela exclamou, surpresa. E o riso de Matthew aumentou, ainda mais, sua confusão.

— O sofá se transforma numa cama de casal. Mas se você estiver achando isso muito primitivo, podemos ir dormir no barco.

Murmurando qualquer coisa a respeito de um café forte, ele fez Caroline se sentar no sofá e foi acender a lareira. Logo, o interior frio e úmido da cabana começou a se transformar num ambiente gostoso e aconchegante. Matthew, então, jogou mais um pouco de lenha no fogo e anunciou que iria até o barco, buscar o resto das coisas.

Assim que ficou sozinha, Caroline pôs-se a refletir que jamais teria relacionado Matthew Lyle com aquele tipo de lugar, selvagem e primitivo. "Mas é claro!", pensou logo depois, soltando um risinho abafado. "Cabanas não interessam a ele. Só barcos, companhias e mulheres."

Um bom tempo se passou, antes de Matthew voltar.

— Isso é para você, Carrie — ele disse, abrindo uma garrafa térmica e despejando um pouco de café na tampa.

Ela aceitou a bebida, em silêncio. Agora que os efeitos iniciais do champanha haviam começado a diminuir, estava se sentindo meio enjoada. E a situação também já não estava lhe parecendo tão divertida quanto antes.

Matthew acendeu dois lampiões e dirigiu-se ao fogão, assobiando baixinho.

— Ei, Carrie, você está sóbria o bastante para preparar uma salada?

Ela fez que sim, imaginando por que tinha bebido tanto. Depois de pegar mais uma porção de café, foi para a pia. Matthew entregou-lhe uma faca e alguns legumes.

— Tome cuidado com esta faca. Mais tarde, eu quero fazer amor com você e não sair correndo para o pronto-socorro mais próximo.

"Fazer amor. Por que ele usa tanto essa palavra, quando o amor não tem nada a ver com o que vai acontecer aqui, esta noite?", pensou Caroline. Mas não pôde refletir a respeito porque, no estado em que se achava, cortar os legumes estava exigindo toda a sua atenção.

Pouco depois, o cheiro de salmão assando na manteiga espalhou-se pelo ambiente. Num dia normal, isso teria despertado seu apetite, mas, naquele momento, tudo em volta estava se dissolvendo numa espécie de irrealidade. Caroline era inteligente e entendeu, de imediato, o que estava acontecendo com ela. Suas emoções tinham sofrido tantas alterações, nas últimas horas, que seu cérebro estava se recusando a registrar qualquer coisa.

Automaticamente, suas defesas haviam assumido o controle da situação, como costumava acontecer com tanta frequência, quando ainda estava casada com Clay. Uma outra mulher estava preparando a salada, sentando-se à mesa com Matthew, saboreando o peixe e recusando o vinho. Parte dela estava conversando sobre a ilha e achando fascinante que ele e o pai tivessem construído a cabana sozinhos, enquanto a outra parte observava, totalmente desligada de Matthew Lyle e Caroline Spencer.

Depois do jantar, quando os pratos já estavam lavados, essa outra mulher ouviu-o dizer:

— Você pode usar o banheiro do barco, para se trocar. Eu vou com você até lá.

Ela fez que sim, tirou a escova de dentes, a loção de limpeza para a pele e a camisola da mala, e nem notou Matthew rir, ao vê-la pegar esta última peça. Estava escuro lá fora, e eles usaram uma lanterna elétrica para iluminar o caminho.

Só quando já estava no banheiro do barco, é que Caroline começou a sair de seu atordoamento. Todo desejo de resistência havia abandonado seu corpo e, no momento, sua única preocupação era acabar logo com aquilo.

Depressa, escovou os cabelos e colocou pasta na escova de dentes. Assim que abriu a boca, uma onda de náusea atingiu-a. Xingando o balanço do barco e o tremendo mal-estar que a tinha invadido, ela terminou de se lavar e estava escovando os cabelos de novo, quando Matthew bateu à porta.

— Faz vinte minutos que você está aí, Carrie. Você não pode me fazer esperar deste jeito e depois querer que eu vá devagar.

Ela não respondeu, e ele abriu a porta. Seus olhares encontraram-se no espelho, mas Caroline não agüentou e abaixou a cabeça. O sangue estava latejando em suas veias, e o desejo de resistir havia renascido em sua mente.

As mãos dele pousaram em sua cintura e deslizaram para cima, decididas a acariciar as curvas que a camisola solta estava escondendo.

— Há um limite para tudo, Carrie. Estou cansado de brincar de escoteiro.

Afastando os cabelos dela com o rosto, ele beijou-a na nuca.

Caroline sentiu-se febril e atordoada, mas seus sintomas não tinham nada a ver com excitação sexual. Encostou-se em Matthew, mas só porque teve medo de cair, se continuasse sem apoio. Ele, no entanto, sem notar sua infelicidade, continuou a acariciá-la, sussurrando qualquer coisa sobre o quanto ela era linda.

O barco balançou mais forte, e o estômago de Caroline protestou com violência. Um segundo depois, ela se arrancou dos braços dele e debruçou sobre a pia, onde pôs para fora tudo que tinha comido no jantar. Lágrimas começaram a escorrer por seu rosto. Era a primeira vez que chorava, desde que havia prometido a si mesma, pela vigésima vez, que as críticas de Clay

Spencer não mais teriam o poder de afetá-la. E isso fora há quase três anos.

Vários minutos se passaram, antes que tivesse condições de lavar o rosto e endireitar o corpo. Evitando se olhar no espelho, ela pegou uma toalha e enxugou os olhos. Não teve coragem de olhar para Matthew, também. Nunca se sentira tão envergonhada, em toda sua vida.

— Está tudo bem, doçura — ele murmurou, fazendo-a se virar. — Da próxima vez, esconderei o champanha. Venha sentar-se aqui.

Depois de ajudá-la a se deitar na cabana principal, Matthew saiu e voltou, logo depois, com uma toalha úmida e um copo de água. Caroline fechou os olhos e deixou-o refrescar seu rosto. Com o estômago vazio, seu mal-estar já não era tão grande, embora ainda estivesse se sentindo tonta e com um início de dor de cabeça. Quando ele a tomou nos braços e carregou para a cabana, não protestou, aliviada por não ter que andar.

Na cabana, Matthew transformou o sofá em cama e estendeu os lençóis e os cobertores, enquanto Caroline esperava, sentada numa cadeira. Pouco depois, ele a tirou de lá e colocou-a na cama.

— Matthew — Caroline disse baixinho, quando ele se sentou ao seu lado —, acho que não estou... Bem, eu não estou me sentindo em boa forma e...

— Você não está falando sério!!! Eu sei que você não está em condições de fazer nada, a não ser dormir. Mais uma noite fazendo papel de escoteiro não vai me matar.

Ela suspirou, mole de alívio, e Matthew sorriu.

— É tão bom assim, saber que poderá dormir em paz?

Caroline não precisou responder; seu rosto vermelho foi resposta mais que suficiente.

— Está bem, não vou mais brincar com você. Como está se sentindo?

— Tonta. E minha cabeça está doendo.

— Dá para tomar um copo d'água e uma aspirina?

— Acho que dá.

Ele pegou uma aspirina na mala e encheu um copo de água. Caroline tomou o comprimido e devolveu o copo, levando a mão à cabeça, num gesto automático.

— Deixe-me ver isso. Onde está doendo?

Matthew deitou-se ao lado de Caroline e, ajeitando a cabeça dela sobre o peito, começou a massagear-lhe as têmporas e os músculos do pescoço. Logo ela se aconchegou melhor a ele, grata pelo fato da dor estar passando.

— Melhor?

— Hummm.

— Seu cabelo está todo embaraçado. Vou dar uma boa escovada nele.

Caroline sorriu, com ar sonhador.

— No fundo, um cabeleireiro?!

— Depende de quem está precisando de meus serviços. — Num segundo ele achou a escova de Caroline. — Deite-se nos travesseiros — mandou. E

começou a escovar os cabelos dela com movimentos firmes e sensuais.

Caroline fechou os olhos, feliz da vida.

— Quantos copos de vinho você está acostumada a beber? — ouviu-o perguntar, num tom divertido.

— Um ou dois, no máximo.

— Entre o piquenique e o lanche no barco, você deve ter bebido pelo menos cinco copos. Não é de admirar que tenha ficado tão mal.

Virando-lhe a cabeça um pouco, ele começou a escovar os cabelos do outro lado. Num certo ponto, jogou a escova sobre uma cadeira e ajudou-a a se acomodar entre os lençóis. Seus lábios cobriram os dela num beijo leve, inconseqüente, mas Caroline estava sonolenta demais, para corresponder. A última coisa que sentiu foi a mão dele deslizando por suas costas.

Ela acordou com o cheiro de bacon fritando, sentou-se bruscamente na cama e olhou para Matthew. Lembranças da noite anterior encheram-lhe a mente, e um rápido olhar para o travesseiro ao lado acabou com suas dúvidas sobre o lugar onde ele tinha dormido.

— Bom dia, Carrie. Que tal um pouco de bacon com ovos?

Surpresa, Caroline percebeu que estava faminta e louca de sede.

— Estou morrendo de sede — murmurou, com voz rouca.

— É o castigo de quem bebe demais — Matthew brincou, entregando-lhe um copo de suco de laranja.

No momento em que ele se sentou ao seu lado, ela enrijeceu o corpo, tensa da cabeça aos pés.

— Pensei que isso já tivesse acabado — Matthew disse, lançando-lhe um olhar meio ofendido. — Escute, Carrie, eu posso ser duro, quando se trata de negócios, mas não tenho o costume de tratar mulheres como rivais de trabalho. Vim para cá, pensando em descansar e me divertir. Você precisa parar de me encarar com tanto negativismo.

Lembrando-se do quanto ele tinha sido terno e carinhoso, na noite anterior, Caroline achou que estava mesmo sendo injusta.

— Já parei — murmurou, evitando os olhos dele. — Você foi muito bom para mim, Matthew.

— E posso ser melhor ainda, Carrie. Ainda temos dois dias.

Caroline não soube o que responder. Nunca tinha encontrado alguém como Matthew Lyle e, aos pouquinhos, estava sendo cativada por ele. Alternando dureza e ternura, paixão e doçura, brincadeiras e censuras, Matthew havia minado sua resistência, acabando com seus planos de se manter longe de qualquer tipo de envolvimento pessoal. Ele tinha sido franco sobre o desejo que sentia por ela, e mais franco ainda ao admitir que não sabia o que poderia acontecer, depois do fim de semana. Além disso, ele a tratara com uma paciência sem limites, na noite anterior. Não era de admirar que estivesse se apaixonando por ele.

— Carrie?

— Não posso continuar com isso, Matthew. Está tudo errado. Eu não

deveria ter concordado em...

— Por quê?! Do que está com tanto medo? O que Clay Spencer lhe fez, para deixá-la tão apavorada?

— Clay, Clay, Clay! Você está sempre falando em Clay! Por que nunca fala de si mesmo?

— Quer saber a meu respeito? Ótimo! Vou lhe contar tudo. — Matthew pôs-se a andar de um lado para o outro. — Tive uma infância feliz. Tenho uma irmã mais nova, chamada Terry, que é casada com um médico. Ela escreve histórias infantis e mora no Maine. Eu cresci em Seattle, cursei a Universidade de Stanford, fiz doutoramento em Economia, mas não defendi tese. Comecei a achar aquilo tudo muito aborrecido e resolvi voltar para casa e ajudar meu pai nos negócios. Descobri que estava me divertindo muito e, quando tomei posse de minha primeira companhia, achei melhor ainda. Daí em diante, essa foi a minha especialidade. Resultado: catorze companhias em dez anos, sem contar a sua. — Parou de andar e encarou-a.

— Mulheres? Mas é claro que você quer saber a respeito delas, não é, doçura? Pois bem, tenho trinta e cinco anos. Já tive tantas mulheres quanto a maioria dos homens da minha idade, o que é bem menos do que os jornais dizem. Nunca me apaixonei, provavelmente por estar muito ocupado com os negócios, para ter tempo com isso. Até encontrar você, nunca tinha perdido a paciência com uma delas. Eu gosto de mulheres, gosto de dormir com elas e acho que meus relacionamentos têm sido mais ou menos normais. — Ele fez uma pausa de um ou dois segundos. — Até agora! Sua vez, Carrie.

"Ele está dizendo que sou anormal", Caroline pensou. "Ele é que é anormal, divertindo-se com este maldito jogo de gato e rato."

— Só porque eu não quero dormir com você, não quer dizer...

— Você quer dormir comigo. E, pelo que deduzi, sou o primeiro a merecer a grande honra. Você despachou todos os outros homens que se aproximaram de você. O que nos leva de volta a Clay Spencer.

Caroline sentiu vontade de confiar nele, mas o risco era grande demais. Principalmente quando ele havia acabado de lhe dizer que considerava os negócios mais importantes que qualquer outro tipo de compromisso.

— Não quero falar sobre Clay.

Xingando, Matthew foi para o fogão.

— Vou preparar alguma coisa para você comer. Talvez melhore o seu mau humor.

Apesar da tensão entre eles, Caroline comeu três pedaços de bacon, uma omelete e um pedaço de bolo, enquanto Matthew, recostado na cama, lia a novela feminista, de testa franzida.

Quando terminou de se alimentar, ela continuou sentada, olhando a parede e imaginando o que fazer. Quase deu um grito de susto, quando Matthew fechou o livro e jogou-o no chão.

— Venha para a cama, Carrie — ele mandou, num tom de voz baixo e

suave.

Caroline levantou-se abruptamente, cruzando os braços em frente ao corpo.

— Não quero — disse. E, quando Matthew começou a se levantar, acrescentou, apressada: — Eu sei que você pode me fazer gostar disso, mas no fim, eu vou me odiar. Não posso dormir com um homem que não amo... e que não me ama.

— Você dormiu com Clay Spencer. E não tente me convencer de que o amava!

— Não — Caroline falou, referindo-se ao primeiro comentário dele.

Mas Matthew achou que ela estava respondendo à sua segunda frase e perguntou, furioso:

— Então, por que se casou com ele?

— Eu já lhe disse que não vou discutir meu casamento com você!

Caroline estava aborrecida demais para ficar zangada. Matthew não tinha o direito de pressioná-la tanto, interrogando-a sobre o passado como se ela tivesse cometido um crime, ao se casar com Clay.

— Grande! Maravilhoso! Pois então não discuta!

Em dois segundos ele saiu da cama, tomou-a nos braços e jogou-a sobre o colchão. Ela não teve tempo de se levantar. Quase no mesmo instante, o corpo dele estava sobre o seu, exigindo sua rendição com carícias brutais e enraivecidas.

Caroline não lutou. Estava assustada demais para isso. Até aquele momento, Matthew tinha acariciado, brincado e gritado com ela, mas nunca machucado. Lágrimas encheram-lhe os olhos e começaram a rolar por suas faces, conseguindo o que a resistência física jamais teria conseguido. Soltando-a, ele rolou para longe e gemeu:

— Droga, não comece com isso! Nunca desejei uma mulher como desejo você, e esta agonia está me matando. Tem idéia de quantas vezes já me dominou, nas últimas vinte e quatro horas? — Parou de falar por um instante, depois continuou, num tom mais gentil: — Eu não quero machucar você, Carrie, mas não dá para agüentar mais.

Caroline também já não estava mais agüentando. Cansada de lutar contra ele e contra si mesma, permaneceu do jeito que estava, deitada de costas, os olhos fixos no teto. Não estava mais chorando, e uma estranha sensação de vazio tinha tomado conta de sua mente. Matthew ia ter o que estava querendo. E ela, provavelmente, gostaria da experiência. Haveria tempo suficiente para chorar, quando tudo terminasse.

— Por favor, Matthew, tenha cuidado — murmurou, a voz sem expressão. — É a primeira vez que faço isso.

— Eu sei, Carrie. Eu lhe garanto...

— Você não está entendendo. Eu disse "a primeira vez".

— Está tentando me dizer que nunca dormiu com seu marido?! — Matthew teria ficado menos surpreso, se ela dissesse que fazia aquilo todo

fim de semana.

— Clay... não podia. Eu já sabia, quando nos casamos. — Caroline tinha certeza de que ele interpretaria o que estava dizendo da pior maneira possível, mas não tentou explicar nada.

— Existem outros modos de fazer amor, Carrie.

— Clay nunca me tocou. Ele estava morrendo de câncer quando nos casamos.

— Morrendo de câncer?! E você sabia, quando se casaram?

— Sabia.

— Quanto tempo...?

— Um ano, um ano e meio, no máximo.

— E ele viveu quatro anos e meio.

— É.

— E deixou para você tudo que possuía quando morreu.

Era uma afirmação, não uma pergunta. Magoada com a censura nos olhos dele, Caroline virou a cabeça para o outro lado.

— Eu tentei fazê-lo feliz — murmurou, num fio de voz.

— Tentou? Sem nunca deixar o pobre coitado chegar perto de você? Ele devia estar mesmo muito apaixonado, para aceitar um casamento nessas condições. A vida dele deve ter sido um verdadeiro inferno. E eu, que pensei que Clay é que tivesse sido cruel com você! Meu Deus, que tipo de mulher sádica e mercenária é você?

Caroline não se surpreendeu com esta reação. Já estava esperando por ela e havia resolvido não tentar se explicar, pois o mais provável era que Matthew não acreditasse em suas palavras. Afinal, sua reputação de mulher fria e insensível era conhecida em toda cidade. Pior que tudo, no entanto, era saber que ele tinha sido tão carinhoso pensando apenas em seduzi-la, na manhã seguinte.

Vendo que Caroline não ia encará-lo, Matthew virou-lhe as costas e saiu da cabana. Quando voltou, estava com o vidro de pílulas contra enjôo nas mãos.

Durante a interminável viagem de volta a Seattle, Caroline pensou muito sobre o que Matthew lhe dissera.

Tinha errado em se casar com Clay, negando-lhe qualquer tipo de aproximação física? Ele havia pensando num relacionamento normal, quando a pedira em casamento pela primeira vez, mas nunca mais tinha falado nisso, depois que ficara doente. E um dos médicos não a tinha chamado de lado, logo após o casamento, para explicar que a cirurgia e os remédios que Clay estava tomando impediam-no de ser um marido normal? Não, não tinha motivos para se censurar.

Mesmo durante os últimos anos com Clay, Caroline nunca tinha se sentido tão ferida, tão agoniada. Seu relacionamento com Matthew sempre fora difícil, mas ele havia lhe pedido desculpas, todas as vezes que perdera a paciência com ela. Desta vez, no entanto, isso não tinha acontecido. Frio e

distante, dirigindo o barco a toda velocidade e pegando o caminho mais curto, ele parecia mal poder esperar para se ver livre dela.

Quando finalmente chegaram à casa de Clay, ele tirou a mala de Caroline do carro e carregou-a até a porta, sem dizer uma palavra. Enquanto remexia na bolsa, à procura da chave, ela arriscou um rápido olhar para o rosto dele, mas abaixou a cabeça depressa, ao ver a condenação nos olhos castanhos. Quando criou coragem para levantar a cabeça de novo, ele já tinha se virado para ir embora. E estava quase no topo da colina, quando ela conseguiu abrir a porta.

Arrasada, Caroline levou a mala para o quarto e começou a desfazê-la. Três meses depois da morte de Clay Spencer, tinha redecorado todos os cômodos, dado as roupas dele, jogado fora objetos pessoais e não pessoais, mas isso não havia acabado com as lembranças dolorosas daquele tempo. O trauma causado por seus quatro anos e meio de casamento tinha permanecido.

Mas se os anos com Clay haviam traumatizado Caroline, eles também lhe deram uma força interior e uma autoconfiança pouco comuns, numa mulher de sua idade. Sensata demais para se jogar numa cama e lá ficar, morrendo de pena de si mesma, ela passou o resto do dia caminhando, fazendo pão e vendo televisão.

No entanto, essas atividades solitárias não fizeram com que se esquecesse de Matthew, e, no domingo de manhã Caroline percebeu que ficaria louca, se não descarregasse a tensão que estava sentindo. Um pouco de exercício físico violento era o que estava precisando. Vestindo uma camiseta, shorts e tênis, ela foi para o ginásio de esportes, onde costumava jogar basquetebol.

Felizmente, havia apenas sete jogadores na quadra e ela foi recebida com entusiasmo. Todos eram seus conhecidos, e dois pertenciam a seu time regular. Por isso, o entrosamento entre eles foi rápido e fácil.

Depois de uma hora e meia jogando quatro contra quatro, Caroline estava deliciosamente exausta. O jogo tinha feito maravilhas por seu ego — sua pontaria nunca estivera tão boa — e os olhares de admiração dos rapazes também não lhe fizeram mal. Um deles, um estudante chamado Joey, que já tinha visto uma vez por ali, procurou-a no final.

— Você é mesmo ótima — ele disse, oferecendo-lhe uma garrafa de soda. — Todos os rapazes falam de você, principalmente Brad. Eu geralmente não jogo nos fins de semana, mas vim ontem e hoje, na esperança de que você também viesse.

— Obrigada. — Caroline aceitou a garrafa de soda. — Você veio por alguma razão especial ou só porque gosta de jogar contra mulheres?

Com um choque, ela percebeu que estava quase bem, de novo. E que delícia era poder brincar de um jeito tão despreocupado com aquele garoto, depois de passar tantas horas na mais negra miséria. E ele havia corado, ao ouvir sua pergunta! Era uma pena que, com o tempo, rapazes

agradáveis como ele acabassem se transformando em brutos arrogantes, como Matthew Lyle.

— Você joga como um homem — Joey falou, depressa. — Mas eu estou aqui porque queria falar com você. Tenho uma irmã mais moça, que está no segundo grau, e a classe dela está pensando em organizar um time de basquete. Só está faltando um treinador. Brad foi jantar lá em casa, a semana passada, e Lindsay, a minha irmã, ouviu-o falando de você. Desde então, não tive mais sossego. Ela ficou em cima de mim, pedindo a toda hora para eu vir atrás de você e perguntar se não quer ser a treinadora do time dela.

Caroline sorriu, um sorriso natural e caloroso.

— Eu já tenho um emprego, Joey, mas de qualquer modo obrigada pela oferta. Foi um elogio.

— Seriam só duas noites por semana, Carrie. Não vai interferir com o seu trabalho na Elliot Bay.

Alguma coisa no que ele disse chamou a atenção de Caroline e não foi a referência à Elliot Bay. A maioria dos rapazes sabia que ela era presidente de uma empresa e, de vez em quando, até brincavam a respeito. Naquele momento, no entanto, Caroline estava interessada demais na oferta de Joey, para tentar descobrir o que havia chamado sua atenção.

— A sua irmã e as amigas dela... Elas jogam bem?

— Não jogam mal, para garotas. Como se diz por aí, você teria um bom material para trabalhar.

Muito tempo atrás, Caroline já tinha pensado em fazer Educação Física e dedicar-se ao ensino, e a idéia de treinar um grupo entusiasmado de garotas lhe pareceu muito atraente.

— Acho que seria divertido. Diga a sua irmã para me telefonar, para podermos combinar tudo. Estou na lista telefônica como C. M. Spencer, da ilha Mercer.

— Grande! Obrigada, Carrie. — Joey sorriu. — Lindsay vai ficar me devendo esta.

E então Caroline percebeu o que tinha chamado sua atenção, antes. Ninguém, ali, chamava-a de Carrie. Todos a tratavam de Caroline, como a maioria de seus conhecidos.

— Como você me chamou, Joey?

O rapaz corou.

— Ahn... eu... Carrie. Acho que aprendi com os meus pais. Você é um tema constante de conversa lá em casa, na hora do jantar.

— Por quê? — O tom de voz dela era gelado.

— Eu ia lhe dizer tudo, Carrie. Eu não deveria...

— Ia me dizer o quê?

— Meu nome é Joseph Symington Júnior. Faz alguma diferença?

"Ah, não! Será que nunca vou conseguir escapar das garras de Matthew Lyle? Por que, com tanta gente no mundo, Joey tinha que ser filho logo do

primo dele?", Caroline pensou, desgostosa.

Deduzindo, pelo silêncio dela, que sua identidade era um problema, Joey pediu:

— Não diga não, Carrie. Meus pais... Eles não concordam com as táticas de Matt, mas a companhia é dele e ninguém pode interferir. Não deixe minha irmã na mão por causa disso.

— Verdade? E quais são as táticas de Matthew?

Joey agora estava roxo de embaraço, mas ela não teve pena.

— E então, Joey? Que táticas são essas?

— Não sei. — Ele olhou para os pés. — Acho que, quando Matt quer uma companhia, não perde tempo fazendo joguinhos. Dá um jeito de conseguir logo o que quer, sem se preocupar com a imprensa ou a Comissão de Apólices e Títulos.

— Mas não está sendo assim com a Elliot Bay. Por que, Joey?

— Olhe, Carrie, eu não posso...

— Joey? — Seu tom de voz assustou o rapazinho.

— Não fique zangada, Carrie. Matt é um grande sujeito. Mas você é tão bonita... Talvez... talvez ele esteja mais obcecado com você do que com a sua firma. Como aconteceu daquela vez, com a Companhia de Minérios Cascade.

— Mande a sua irmã me telefonar — Caroline replicou, exasperada, saindo do ginásio. Ser comparada a uma companhia de minérios! Era a humilhação final!

CAPITULO VII

Desde aquela discussão final com Matthew, Caroline vinha tentando se convencer de que ele não passava de um bruto insensível, que havia pisado em seus sentimentos sem dó nem piedade, e que o melhor a fazer, dali em diante, era evitar qualquer tipo de envolvimento com homens. Principalmente com um homem chamado Matthew Lyle.

Mas já era hora de enfrentar a realidade. Seu pior inimigo era ela mesma. Matthew havia deixado claro que não era um mulherengo, que não gostava de programas de uma noite, que queria conhecê-la melhor. Mas ela, com medo de confiar num homem que não a amava, tinha feito de tudo para lhe dar a pior impressão possível de si mesma.

Agora, estava apaixonada por um homem que não só não a amava, como ainda sentia desprezo por ela. Como pudera se meter numa armadilha destas?

Caroline ainda estava refletindo sobre o desespero da situação em que se achava, quando Maggie telefonou.

— Como foi o fim de semana?

Caroline não tinha dito a ninguém onde ou com quem ia passar o fim de semana, mas, como sempre, a raiva havia chegado à conclusão certa. E

seria bobagem negar, pois, cedo ou tarde, Maggie acabaria descobrindo tudo. A rede de fofocas que ligava um escritório a outro, naquela cidade, era verdadeiramente impressionante.

— Foi um desastre — confessou, suspirando.

— Ah! Quer falar a respeito?

— Acho que não. Prefiro esquecer o que aconteceu, Maggie. Eu estava com medo de ser magoada, Matthew não parava de me pressionar e no fim acabei lhe contando que Clay estava doente, quando nos casamos, e que nunca tínhamos dormido juntos. Ele ficou furioso... Ele pensou... — Caroline parou de falar. Não estava querendo repetir o que Matthew havia pensado.

— Posso imaginar. Ele acha que você se casou com Clay por dinheiro e ficou contentíssima quando ele morreu. Por que não lhe disse a verdade?

— Porque já estava muito envolvida e quanto mais me envolvesse pior seria no fim. Matthew me quer, mas nunca amou ninguém e não tenho motivos para pensar que poderia ser a primeira.

— Mas se você não se arriscar...

— O relatório anual já veio da tipografia, Maggie?

Maggie aceitou a mudança de assunto sem protestos.

— Já, sim. Veio sexta-feira à tarde. Ficou ótimo. Você vai gostar, Caroline.

Pouco depois, as duas se despediram e desligaram. Nem cinco minutos tinham se passado, quando Lindsay, a irmã de Joey Symington, telefonou. Caroline mal teve tempo de dizer alô, antes que a garota explodisse num milhão de agradecimentos.

— As garotas quase morreram, quando eu lhes disse que você tinha concordado. Todas elas viram o seu retrato nos jornais. Mal posso esperar pelo primeiro treino.

Caroline tinha certeza de que não havia dado uma resposta afirmativa a Joey, mas obviamente o rapaz havia dito à irmã que estava tudo acertado. De qualquer modo, estava gostando da idéia de treinar o time de garotas e já teria concordado, se eles não fossem parentes de Matthew.

— O encarregado do estádio disse que podemos usar a quadra nas noites de terça e quinta, das sete às oito e meia. Dá para começarmos esta semana mesmo, Carrie?

— Dá, sim. — Caroline anotou o endereço do colégio das garotas e acrescentou: — Até terça, então. Diga a suas amigas para irem preparadas para trabalhar duro.

Lindsay riu e prometeu dizer às amigas que a nova treinadora era uma "fera".

Caroline ainda estava rindo, quando desligou o telefone. A nova atividade ia lhe fazer bem, tinha certeza. A alegria e adulação de Lindsay e das outras garotas seriam uma mudança agradável, depois da tensão de horas e horas preocupando-se com os negócios e o próximo movimento de

Matthew Lyle.

O dia seguinte foi tão morto que os acontecimentos dramáticos do fim de semana começaram a lhe parecer irreais. Seu coração disparou todas as vezes que o telefone tocou, mas todos os telefonemas foram a respeito de negócios. Era lógico esperar que Matthew pusesse em ação seus planos para tomar posse da Elliot Bay, e, à medida que o tempo foi passando, Caroline começou a estranhar que ele estivesse demorando tanto para ligar, comunicando-lhe esse fato. Porque uma coisa era certa: Matthew Lyle não era tão cavalheiro assim, a ponto de renunciar ao prazer de lhe contar, pessoalmente, que havia dado início aos procedimentos para botá-la para fora da própria firma.

Caroline sentiu uma onda de orgulho invadi-la, quando leu o relatório anual sobre a companhia. O último ano tinha sido bom, e o próximo seria ainda melhor. Um novo contrato com o governo fora assinado, e ela tinha esperanças de que isso fizesse os acionistas ficarem do seu lado, na hora de votar.

O único fato realmente desagradável, aquela semana, aconteceu na terça-feira de manhã, quando Sam Hanover entrou em seu escritório e exigiu um relato de suas negociações com Matthew Lyle. Não era próprio dele, exigir qualquer coisa, mas Caroline desculpou a grosseria quando se lembrou do quanto ele devia estar tenso, com a possibilidade de ir para a cadeia. Ela detestou enganá-lo, mas não foi capaz de contar a verdade. Usando termos deliberadamente vagos, deixou-o acreditar que tudo estava correndo bem.

Enquanto trocava o elegante *chemisier* de seda por uma camiseta, shorts e tênis, na terça-feira à noite, Caroline descobriu que estava contente por ter aceitado o papel de treinadora de Lindsay Symington e suas amiguinhas. Seu contentamento aumentou ainda mais quando viu que as garotas, apesar de não terem nenhuma experiência, tinham entusiasmo e energia de sobra.

Depois de quinze minutos de aquecimento, ela dividiu as meninas em dois grupos e iniciou um jogo, durante o qual chamou cada uma delas de lado, para mostrar o que estavam fazendo de certo e errado. Para sua alegria, quase todas melhoraram de imediato.

No intervalo, Lindsay contou a Caroline, que o colégio delas não tinha um time feminino de basquete há vários anos. Garotas dispostas a jogar havia, mas arranjar um treinador era muito difícil. Então, na semana anterior, um amigo de Joey, Brad, tinha ido jantar com eles e o assunto "Caroline Spencer" havia surgido, durante a conversa. Brad ficara abismado ao ouvir os Symington dizerem que Caroline era uma mulher fria e insensível, e protestara com calor. Ela podia ser um pouco tímida e reservada, mas basicamente era ótima, além de ser uma tremenda jogadora de basquete.

Para Lindsay, esta fora a parte mais importante. No dia seguinte, ela havia contado às amigas que poderia conseguir a glamourosa Caroline Spencer para sua treinadora e começara a organizar o time. Amolar Joey para ir falar com ela tinha sido o próximo passo.

Caroline achou engraçado Lindsay ter começado a formar o time sem saber se ela aceitaria o papel de treinadora, mas não disse nada à menina. Estava contente com o entusiasmo dela e das amigas, e tinha esperanças de que, no futuro, o basquetebol desse a elas tantas alegrias quanto lhe dera, nos últimos anos.

— Carrie, você pode me dar uma carona até em casa? — Lindsay pediu, quando estavam saindo do estádio. — Fica no seu caminho.

Caroline era inteligente demais para não perceber que havia um motivo oculto por trás daquele pedido, mas concordou sem hesitar. Lindsay na certa estava querendo convidá-la para tomar um café com a família, mas esse era um convite que poderia ser facilmente recusado.

No entanto, Janet Symington, a mãe de Lindsay, estava esperando em frente à casa e foi para a calçada assim que as viu chegando.

Lindsay e Caroline desceram do carro.

— Vá para dentro, Lindsay — Janet disse à filha. E, quando a garota entrou em casa, virou-se para Caroline. — Eu sou Janet, a mãe de Lindsay, Carrie. Não quer entrar para tomar um copo de vinho e nos conhecer melhor?

— Seria um prazer, Janet, mas tive um dia longo e estou exausta. Fica para outra vez, está bem?

Mas Janet não se deixou vencer.

— São só nove horas, Carrie. Se está com medo de encontrar meu marido, pode ficar descansada. Joe está fora da cidade. Além disso — ela sorriu, com ar matreiro —, não está interessada em saber o que Matt anda planejando?

Claro que Caroline estava! Em primeiro lugar, suas emoções estavam envolvidas, e, em segundo, só uma tola recusaria informações de dentro, como as que Janet poderia lhe dar. No entanto, era duvidoso que Janet lhe desse alguma informação, por menor que fosse.

Interpretando o silêncio de Caroline como uma censura ao que tinha dito, Janet continuou:

— Eu estava só brincando e peço desculpas se a ofendi, Carrie. Por favor, entre um pouquinho. Está começando a chover e você não quer que eu me molhe, quer? Porque eu não vou desistir. Vou ficar aqui, até convencê-la a entrar.

— Uma característica de família, essa de não desistir fácil, não é? — Caroline murmurou, fechando a porta do carro. E acrescentou, com mais gentileza: — Uma xícara de café quentinho seria ótimo, depois de tanto exercício.

— Então, faremos um pouco de café. Não sei se você sabe, mas o pai de

Matt e a mãe de Joe eram irmãos. Entre Matt e Joe, ou eu desenvolvia um certo espírito de luta, ou estaria perdida.

Um relâmpago cruzou o céu, seguido por um tremendo trovão. Enormes gotas de chuva começaram a cair, e as duas correram para dentro.

A casa dos Symington era um sobrado, mobiliado com uma mistura de peças caras e confortáveis, tanto antigas quanto modernas. Janet levou Caroline para a cozinha, que era separada da sala de visitas por uma meia parede. O arquiteto que fizera a planta daquela casa não devia gostar de portas, dando preferência a espaços largos e abertos, mas Caroline achou o efeito agradável. Joey e Lindsay ficaram com elas por alguns minutos apenas, subindo logo para estudar.

— Eu estava morrendo de vontade de conhecer você — Janet disse, enchendo duas xícaras de café —, e não me importo de admitir. Afinal, é a primeira vez que vejo Matthew tão "amarrado" em alguém. Além disso, Brad e Joey estavam sempre falando maravilhas de você. Acho que ambos estão apaixonados por você.

— Eles são apenas garotos — Caroline murmurou, ciente de que estava corando. Matthew "amarrado" nela?! Janet só podia estar brincando.

— Eu também queria lhe agradecer por estar treinando Lindsay. Ela e as amigas estão entusiasmadíssimas.

— Eu gosto de Lindsay e das outras meninas. Vou me divertir muito treinando o time delas.

— Sabe, Carrie — Janet continuou, num tom despreocupado —, Matt vem jantar aqui em casa pelo menos uma vez por semana, e todas as vezes ele e Joe falam em você e na sua empresa. Nunca vi Matt tão... obcecado... por uma mulher, e quero que saiba que não aprovo os métodos dele. Ele estava impossível quando voltou das ilhas, no sábado. Entrou aqui como um furacão e levou Joe embora, para resolver um negócio qualquer, em Chicago.

Caroline sentiu o sangue fugir do rosto. Até que ponto Janet Symington estava ciente do que havia acontecido? E por que ela estava falando de um assunto tão íntimo, quando as duas eram praticamente estranhas?

— Estou deixando você sem graça e não é esta a minha intenção, Carrie. Eu só quero lhe dizer que Joe e eu estamos do seu lado. Achamos que Matt está erradíssimo, misturando assuntos pessoais com negócios. Apesar do que os jornais publicam, ele nunca tinha feito isso antes. Eu e Joe gostaríamos de ajudar você, se pudermos.

— Você não pode estar falando sério. Seu marido e Matthew são primos. Todos sabem o quando eles são unidos.

— É claro! O que eu estava tentando dizer é que queremos fazer Matt ver a razão. Sou capaz de apostar que ele fez chantagem com você, para obrigá-la a ir com ele para a cabana. Se as coisas não saíram conforme os planos, Matt só pode culpar a si mesmo.

Caroline sentiu vontade de desaparecer da face da Terra. Deus do céu!

Será que Matthew tinha o costume de comunicar todas as suas aventuras amorosas à família?

Janet deve ter visto alguma coisa em sua expressão, pois corou e disse, com ar de arrependida:

— Desculpe, Carrie. Joe sempre me diz que falo demais. Matthew não contou nada do que aconteceu entre vocês. Ele é muito fechado, e eu só descobri que você ia para a ilha com ele por puro acaso. Mas sou capaz de somar um mais um, Carrie. A semana passada você estava lutando contra Matt, e na sexta-feira vocês dois estavam saindo juntos para um fim de semana numa ilha isolada. Além disso, Matt... — Ela parou de falar e mordeu o lábio inferior.

Aliviada pela interrupção, Caroline agradeceu a Janet pelo café e saiu depressa. Estava certa de que a outra não tinha falado por mal, mas as duas eram praticamente estranhas e a situação não fora das mais agradáveis.

Na quinta-feira, Janet entrou no ginásio um pouco antes do fim do treino das meninas. Caroline estava em pé ao lado da quadra, observando o jogo, e viu logo que seria impossível ignorá-la. Felizmente, Janet só perguntou sobre o progresso do time, poupando Caroline de mais especulações, confissões e oferecimentos de ajuda. Antes de sair, no entanto, ela não resistiu e murmurou, com ar descontraído:

— Antes que eu me esqueça, Carrie, Matt e Joe ainda estão em Chicago. Os dois estão de olho numa empresa de lá, e acho que ficarão tão ocupados que não terão tempo para se intrometer na Elliot Bay, mesmo que consigam tomar posse dela.

Nas semanas que se seguiram, nada de dramático aconteceu. Caroline não ouviu falar de Matthew e ficou mais desapontada que aliviada com isso. A luta pelos votos continuou, mas todos já estavam sabendo que a sorte da Elliot Bay seria decidida pelos maiores acionistas, durante a reunião anual.

Depois de vários dias em casa, Caroline se forçou a aceitar alguns convites para jantares e teatros, tendo sempre o cuidado de escolher, como seus acompanhantes, homens que não ofereciam perigo. Apesar de não demonstrar, estava com medo de se encontrar acidentalmente com Matthew, mas ele não devia gostar daquele tipo de vida social, pois não se cruzaram nem uma vez. Pelo visto, Matthew só gostava de acontecimentos que envolvessem negócios ou barcos.

Os Symington continuaram a se mostrar amáveis e a procurar a amizade dela. Nenhum deles voltou a tocar em assuntos pessoais e, aos poucos, Caroline começou a se livrar das barreiras que tinha construído em torno de si. Invariavelmente, Janet ou Joe apareciam no estádio alguns minutos antes do jogo terminar, para pegar Lindsay. Mas como eles eram os únicos pais que entravam — os outros ficavam esperando nos carros — tornou-se

logo evidente que pegar Lindsay era uma simples desculpa para vê-la.

Caroline tinha ficado rígida de embaraço a primeira vez que vira Joe chegar, uma semana depois do treino inicial. Mas ele havia se limitado a cumprimentá-la com amabilidade e a perguntar qual a diferença entre o basquetebol feminino e o masculino. Caroline tinha explicado, ele havia feito alguns comentários sobre o jeito das meninas jogarem e, dez minutos depois, estavam brincando um com o outro como se fossem velhos conhecidos.

Outra semana se passou, antes que Janet a convidasse de novo para tomar café, e desta vez Caroline aceitou com alegria. Afinal, os Symington eram simplesmente os pais de Lindsay; o parentesco deles com outras pessoas não tinha a menor importância.

Joe e Janet evitaram tocar em negócios, e a conversa girou em torno de temas mais seguros, como o tempo e o progresso de Lindsay no basquetebol. Caroline achou natural falar um pouco de si mesma e contou-lhes que já tinha pensado em ser professora de Educação Física, mas que o marido havia feito com que mudasse de idéia. Como sempre, ela não notou a mágoa que transpareceu em sua voz, ao falar de Clay.

Caroline gostaria de tirar Matthew da cabeça para sempre, mas logo descobriu que isso era praticamente impossível. Durante o dia estava sempre muito ocupada, para pensar nele, mas, à noite, deitada na cama, ela se lembrava do modo como ele a beijara e tocara, e seu corpo doía de vontade de repetir a experiência. Ela sentia vergonha desses sentimentos, pois, no seu ponto de vista, um desejo tão violento só era certo quando havia amor mútuo. E, por mais que o amasse, Matthew jamais a amaria.

À medida que o tempo foi passando, Caroline começou a imaginar se amor à primeira vista realmente existia. Era verdade que sentia uma vontade doida de ver Matthew, tocá-lo, falar com ele, mas no fim acabou se convencendo de que esses sentimentos eram o resultado de uma simples atração física, mais nada. Afinal, Matthew, além de não gostar dela, ainda a desprezava. Até atração por seu corpo ele havia deixado de sentir.

Numa ensolarada manhã de segunda-feira, no fim de abril, Sam Hanover entrou abruptamente no escritório de Caroline, sem bater.

— Leia a coluna de Sanderson, Carrie — ele disse, jogando um jornal aberto sobre a escrivaninha.

Caroline contemplou por um momento o retrato de Matthew Lyle — sério e com uma expressão dura, como de costume — e correu os olhos pelo artigo escrito por um dos mais conceituados repórteres financeiros de Seattle.

"Estamos reavaliando nossos planos para a Elliot Bay", declarou Matthew Lyle, o cabeça das Indústrias Olympia. "O relatório anual da companhia é muito bom, e os projetos para o próximo ano excelentes. A administração atual está fazendo um ótimo trabalho. Depois que completarmos a aquisição, faremos um exame detalhado dos livros e, se

ficarmos satisfeitos com o que encontrarmos, não faremos nenhuma mudança até o final do ano seguinte."

Caroline leu o artigo duas vezes, para ter certeza de que havia entendido bem. A declaração de Matthew era uma inconfundível oferta de paz, mas ela teve certeza de que Sam só havia enxergado seis palavras, na coluna inteira: "... faremos um exame detalhado dos livros..."

— Talvez eles não encontrem nada, Sam.

— Joe Symington tem um faro infalível para essas coisas, Carrie. Você disse que estava trabalhando Lyle. Não sei como conseguiu que ele cedesse tanto! Está de parabéns, Carrie, mas não é o suficiente. Ele precisa ceder mais.

Caroline ficou rígida de raiva. Sam Hanover nunca tinha se dirigido a ela num tom tão atrevido, tão sarcástico.

— Não se esqueça de que os subornos não foram pagos por mim, Sam. Estou fazendo tudo que posso.

— Estamos falando de fraude numa empresa, Carrie, não em roubo de lojinha! — Sam Hanover falou de um jeito ofensivo, como se estivesse explicando algo a uma pessoa não muito inteligente. — Subornos são ilegais, e a contabilidade da firma foi alterada de propósito, para esconder os que fiz. Não se esqueça de que você já era presidente da Elliot Bay, na época em que isso aconteceu. E como tal, diante da lei, é tão culpada quanto eu.

— Mas eu não sabia de nada!

— E você acha que a Comissão de Apólices e Seguros vai acreditar, se lhes disser que é inocente?

— Por que eles não haveriam de acreditar?

— Seria a sua palavra contra a minha, Carrie.

Lívica, Caroline observou-o sair do escritório. Pouco depois, sentindo-se oprimida naquele ambiente, saiu também. Maggie viu-a passar, mas não disse nada.

Andando depressa, Caroline tomou a direção do cais e não conteve uma exclamação impaciente, quando as ruas íngremes daquela área forçaram-na a diminuir o passo. Seattle tinha nascido naquela região, mas as ruas originais achavam-se uns cinco metros abaixo do pavimento por onde estava andando.

Chegando à Praça dos Pioneiros, ela sentou-se num dos bancos que ficavam debaixo da pérgola vitoriana, de ferro rendilhado e teto de vidro, em Firs e Yale. Depois do incêndio que destruíra Seattle, em 1889, as ruas tinham sido reconstruídas no mesmo nível que o primeiro andar dos edifícios, para evitar problemas como a lama e os esgotos que, naquela época, eram a céu aberto. De início, as pessoas tinham que descer escadas para alcançar as calçadas e entrar em suas lojas e bares favoritos. Com o tempo, as calçadas também foram elevadas, e clarabóias de vidro instaladas em vários pontos, para que os pedestres que circulavam pelas

calçadas originais não ficassem no escuro. Mas, como essas áreas "subterrâneas" eram frias e úmidas, os andares térreos dos edifícios logo foram transformados em porões, e novas entradas foram construídas ao nível das novas ruas. Muitos anos atrás, no entanto, as autoridades da cidade haviam condenado e fechado essa região, e agora uma pessoa só podia visitar as passagens semelhantes a catacumbas se fizesse parte de um grupo especial, conduzido por um guia licenciado.

Vendo um desses grupos desaparecer pela escada que levava às passagens "subterrâneas", Caroline sentiu vontade de segui-los. Infelizmente, um vestido de seda e sapatos de salto alto não eram próprios para esse tipo de exploração, e, em vez disso, ela continuou sentada onde estava, pensando no comportamento de Sam Hanover.

Era triste ser ameaçada pelo homem que havia sido seu guia nos últimos meses, um homem que admirava e de quem gostava tanto. Talvez fosse melhor consultar um advogado, para estar prevenida no caso de ele resolver acusá-la de cumplicidade no pagamento dos subornos. Ao mesmo tempo, ainda existia a possibilidade dos gastos com suborno estarem tão bem escondidos nos livros de contabilidade que nem mesmo Joe Symington pudesse descobri-los.

Caroline decidiu não fazer nada, pelo menos por enquanto. E também não tentaria mais falar com Matthew. Os dois não tinham mais nada para se dizer.

Quando ela voltou para o escritório, Maggie procurou-a.

— Gostou do passeio, Caroline?

Pela expressão da ruiva, Caroline viu que ela estava sabendo de tudo.

— Você ouviu, não ouviu?

— Ouvi. Sei que não devia ter feito isso, mas não gostei do modo como Sam invadiu seu escritório e fiquei por perto. O que você vai fazer?

— Nada. Acho que prefiro ir para a cadeia do que tentar fazer alguma coisa para livrar Sam. — Caroline suspirou, desanimada. — De qualquer jeito, Maggie, não fui feita para fins de semana ilícitos, em ilhas isoladas. E sinto tanto ter lhe contado sobre os subornos! Você pode ser acusada de cumplicidade, agora.

— Assim que acabar a reunião anual, nós duas faremos uma visitinha aos nossos advogados. — Maggie riu. — Por enquanto, ainda é muito cedo para entrar em pânico.

— Combinado. — Caroline sorriu e sentou-se, decidida a trabalhar.

As flores chegaram naquela noite. Uma dúzia de rosas amarelas, de cabo longo, acompanhadas de um cartão onde estavam escritas apenas duas letras: "M. L." Caroline corou ao vê-las, pensando que o mau humor de Matthew devia ter melhorado bastante, para que ele tivesse um gesto desses. Um gesto que mostrava, sem sombra de dúvida, que o desejo que ele sentia por ela ainda estava vivo...

Foi uma decepção não receber nenhum telefonema, na terça-feira, e ela não pôde deixar de imaginar se as flores não teriam sido uma brincadeira de mau gosto. Mas não quis acreditar que Matthew pudesse ser tão cruel, apesar de saber que podia estar sendo tola.

A vontade de vê-lo e a insegurança que estava sentindo aumentaram sua tensão, e Caroline tornou-se mais exigente com as garotas que estava treinando. Todas, no entanto, encararam suas ordens ásperas como uma tentativa de impor disciplina ao time e não reclamaram.

Joe Symington apareceu para pegar Lindsay, no fim do jogo, e quase que de imediato perguntou a Caroline:

— Você leu a coluna de Sanderson, ontem?

Era a primeira vez que ele tocava em negócios, desde que tinham sido apresentados, e ela decidiu não se fazer de tola, ao responder.

— Vi, sim. Foi um belo voto de confiança em mim e no meu Conselho Diretor.

Joe sorriu.

— Não podemos negar que o relatório anual da sua firma está muito bom, Carrie. Mas isso não vai impedir que Matt coloque pelo menos duas pessoas novas no Conselho Diretor, quando assumirmos a Elliot Bay.

— Vocês ainda não conseguiram vencer a luta pelos votos, para falarem em assumir minha firma assim, com tanta segurança.

— Mas vamos vencer, Carrie, e você sabe disso tão bem quanto eu. — Ele sorriu, de novo. — O que estou estranhando é essa promessa que Matt lhe fez, de não interferir na firma durante um ano inteiro. Isso nunca aconteceu antes, numa aquisição forçada. Ele não me disse por que resolveu tomar essa atitude no seu caso, mas acho que posso adivinhar.

— É? E por quê? — Caroline perguntou, sentindo o sangue subir-lhe ao rosto.

— Você sabe por que, senão não estaria corando. E, antes que eu me esqueça — Joe acrescentou, com uma piscadela —, Matt foi para Los Angeles. Não queria ir, mas foi obrigado. Ele passou o mês inteiro irritadíssimo e quando, finalmente, resolveu...

O fim do jogo interrompeu-o. Lado a lado, os dois observaram as garotas saírem da quadra e, mesmo morrendo de vontade, Caroline não teve coragem de pedir a Joe para terminar o que tinha começado a dizer.

— Que tal ir tomar uma xícara de café lá em casa, Carrie? — ele convidou, antes de sair. — Prometo não brincar mais com você.

— Esta noite não, Joe. Obrigada.

— Quinta-feira, então.

— Está bem. Eu levo Lindsay comigo.

A caminho de casa, Caroline chamou-se de tola, por estar tão feliz. Mas Joe tinha deixado claro que Matthew queria vê-la de novo, e o sentimento era mútuo.

Que Matthew estivesse querendo vê-la, levado apenas pelo desejo, era

uma coisa na qual não podia acreditar. Não era tão irresistível assim, para que um homem experiente como ele a desejasse tanto, a ponto de deixar esse desejo interferir nos negócios. Sua esperança era que as emoções dele estivessem envolvidas, pelo menos um pouquinho.

Quanto a ela, teria a chance de descobrir o que realmente sentia por ele. Mesmo tendo medo do amor, seria melhor ter certeza de que o amava do que continuar naquela agonia, sem saber quais eram seus verdadeiros sentimentos.

O treino correu como de costume, na quinta-feira. Joey, que tinha aparecido para observar, ficou impressionado com o progresso do time.

Contente com os elogios do rapaz, Caroline convidou, quando estavam a caminho do carro.

— Que tal tomarmos um sorvete? Eu pago.

Lindsay e Joey trocaram um rápido olhar.

— É melhor ficar para outra vez, Carrie. Hoje, temos muita coisa para estudar.

— Está bem, mas vocês devem estar doentes.

Pouco depois, Caroline estacionou em frente à casa dos Symington.

— Tivemos um ótimo treino — disse para Janet, assim que a porta se abriu. — As meninas...

Interrompeu-se bruscamente, ao ver Matthew Lyle em pé a menos de dois metros de distância, observando-a com uma expressão indecifrável no rosto.

CAPÍTULO VIII

Matthew estava usando terno cinza, com colete, camisa branca, desabotoada no colarinho, e sapatos escuros. A gravata estava enfiada no bolso do casaco. Caroline sentiu-se quase nua, de shorts e camiseta, e entendeu, finalmente, porque Joey e Lindsay tinham tido tanta pressa em voltar para casa. Não queriam fazer o primo Matt esperar. Aliás, eles e Janet haviam desaparecido misteriosamente, deixando-a sozinha com Matthew. Tinha caído numa armadilha.

— Oi — disse, insegura e respirando com dificuldade. — Obrigada pelas flores. Eram lindas.

— Fico contente por ter gostado. — Os olhos castanhos percorreram o corpo dela, desde os pés calçados com tênis até os cabelos desarrumados, fixando-se, afinal, no rosto corado. — Joe me disse que você estaria aqui, esta noite. Preciso falar com você.

— Pois ele me disse que você estaria em Los Angeles. — Em vão, Caroline tentou parecer sofisticada e indiferente. — Você... você poderia ter me telefonado. Para o escritório. Ou para casa, se preferisse. — Apertou os lábios, envergonhada por estar quase gaguejando de emoção.

— Eu queria vê-la pessoalmente. — Ele se aproximou, parando a dois

passos dela. — Joe e Janet não se importarão, se não ficarmos para o café. Na verdade, acho que eles ficariam surpresos se ficássemos. Leve-me até a minha casa, Carrie.

Agudamente consciente da presença dele, Caroline perguntou:

— On-onde está o seu carro? Ele não... Bem, o que...

— Ele está na oficina. Vim para cá com Joe. Vamos sair daqui, Carrie.

Matthew segurou-a pelo braço e levou-a para o carro, ajudando-a a sentar-se no banco de passageiro. Tremia tanto que as chaves tilintavam em sua mão, Caroline, então, entregou o chaveiro a ele.

"E se ele me pedir para entrar?", pensou. "O que vou dizer? Do jeito que está, Matthew não vai aceitar um não."

Matthew vivia em Hunt's Point, a poucos quilômetros da casa dos Symington. Sua casa era uma linda mansão em estilo colonial, escondida de olhos curiosos por uma magnífica cerca viva. Uma estradinha de cascalho levava à porta da frente e, numa curva, Caroline vislumbrou, em meio à vegetação, um caminho que ia dar num ancoradouro de madeira. Mais além, brilhavam as águas do lago Washington.

— Você... você tem um barco aqui? — perguntou, mais para quebrar o silêncio do que por curiosidade.

— No Iate Clube. E são dois barcos — Matthew respondeu de forma brusca, parando o carro. Deslizou então para perto de Caroline e colocou a mão sobre a dela, impedindo-a de abrir a porta. — Não fuja — murmurou, tocando-a de leve no rosto. — Você deveria ser proibida de sair de casa, vestida desse jeito.

Arrepiada, Caroline sentiu os olhos dele fixarem-se em seus seios, firmes e arredondados sob a camiseta, cobertos por um sutiã que não escondia o efeito que ele estava exercendo sobre ela.

— Desabotoe meu casaco, Carrie.

Foi uma ordem, dada em voz rouca mas firme, e ela olhou para os botões, incapaz de se mover. Queria tocá-lo, sentir os lábios dele sobre os seus, mas não estava preparada para o que viria, depois dessas carícias preliminares. Matthew, percebendo sua hesitação, pegou sua mão direita e colocou-a sobre os botões. Desajeitadamente, seus dedos começaram a trabalhar.

— Agora o colete, Carrie.

Caroline ouviu a respiração ofegante e sentiu o coração de Matthew batendo apressado, debaixo de suas mãos. Excitada pelo desejo dele, pôs-se a desabotoar o colete.

Matthew não teve que mencionar a camisa. Como se tivessem vontade própria, seus dedos continuaram a trabalhar até terem acesso ao peito forte e musculoso. Devagarinho, ela deslizou a mão até o pescoço dele, descendo, em seguida, em direção aos mamilos.

No instante seguinte, Matthew pressionou-a de encontro ao banco do carro e começou a beijá-la com ardor quase selvagem. Enterrando os dedos em seus cabelos, puxou-os para soltá-los, e Caroline correspondeu com

paixão, excitada demais para se importar com a dor que ele estava lhe causando.

Logo, a outra mão dele insinuou-se entre o banco e suas costas, à procura do fecho do sutiã. Mas não havia fecho nenhum e, erguendo a cabeça, Matthew puxou a camiseta de Caroline para cima e passou os dedos pela frente do sutiã.

— Como é que isso funciona?

Ela não pôde conter um sorriso, ao ver a cara dele.

— Por pressão. Dá um acabamento mais...

— Solte este negócio, antes que eu arrebente tudo — ele interrompeu-a, impaciente.

Ela soltou, e seu riso foi substituído por gemidos baixos e roucos, quando Matthew inclinou a cabeça e começou a sugar e morder seus mamilos. Nunca lhe passara pela mente que pudesse sentir tanto prazer, a ponto de todo o seu corpo doer. Numa reação instintiva, arqueou as costas para trás e pressionou os seios de encontro aos lábios dele. Quando, afinal, Matthew ergueu o rosto e colou a boca à sua, entregou-se à carícia com paixão, totalmente excitada e submissa, pronta a fazer o que ele quisesse.

Foi Matthew quem pôs fim à troca de carícias, voltando para o outro lado do banco. Confusa e ofegante, Caroline olhou-o sem dizer nada.

— É melhor você fechar o sutiã e colocar a camiseta no lugar, antes que meus pais voltem — ele murmurou, com voz rouca, abotoando a camisa.

— Seus... seus pais?! Mas ele não moram em Palm Springs? O que estão fazendo aqui?

— Uma visita. Chegaram esta tarde e saíram para jantar com uns amigos, mas já devem estar voltando. — Um sorriso iluminou-lhe o rosto. — E não fica bem você ser apresentada a eles como minha noiva, do jeito que está.

— Sua... sua o quê? — Automaticamente, Caroline fechou o sutiã e abaixou a camiseta.

— Quero me casar com você, Carrie. Você me disse que não poderia ter um caso com ninguém, e eu aceito seu modo de pensar. Durante o mês passado, tentei de tudo para ver se esquecia você, mas não adiantou.

Caroline tinha certeza de que a intenção de Matthew não era ofendê-la, mas ficou magoada com estas palavras.

— Eu nunca me casaria com um homem que só quer me esquecer — murmurou, virando a cabeça para esconder os olhos cheios de lágrimas.

— Carrie! — Ele encostou a mão no braço dela, fazendo-a estremecer. — Você entendeu mal. Eu sei que a ofendi muito, na última vez que nos vimos, mas reconheça que eu tinha motivos para pensar o que pensei. Não sei se você sabe, mas Joe e Janet são seus fãs. Foram eles que me convenceram a parar de me torturar e falar com você.

— Eles também o convenceram a me pedir em casamento? — Caroline perguntou, tentando disfarçar o quanto estava ferida com um tom atrevido.

— Pelo amor de Deus, Carrie! Você não tem tornado as coisas fáceis para mim. É quase como se quisesse me dar uma impressão negativa de si mesma. Talvez eu tenha descoberto o que você não é. O problema, agora, é descobrir o que você é.

Caroline havia sido traída muitas vezes, em sua vida: pela mãe, que morreria; pelo pai, que a tinha ignorado; por Clay, que se transformara num homem cruel e obcecado pela firma; e agora por Sam Hanover, que estava tentando chantageá-la. Ela entendeu que Matthew estava lhe pedindo para explicar seu casamento com um homem tão mais velho, para contar por que nunca dormira com Clay e por que estava sempre na defensiva, mas não pôde responder. Ainda não confiava nele o bastante, para se abrir sobre coisas tão íntimas.

— Se não nos casarmos, acabaremos nos tornando amantes — Matthew continuou, baixinho. — Você sabe disso tão bem quanto eu, Carrie. Se eu for à sua casa, hoje à noite, você me deixará entrar.

— Talvez assim seja melhor. Pelo menos não teremos que enfrentar um divórcio, quando você se cansar de mim.

— Droga, Carrie! Como posso saber se vou me cansar de você, se nem sei o que sinto agora? — Irritado, ele segurou-a pelo queixo e forçou-a a encará-lo. — Eu não estou sendo impulsivo, pedindo você em casamento. Desde o começo, nosso relacionamento foi bizarro. Reconheço que muita coisa aconteceu por minha culpa, mas também tenho um pouco de percepção. Já descobri que não confia em mim e que nada vai mudar, se só continuarmos nos vendo. Acho que você precisa da segurança que o casamento oferece, para se abrir com um homem. E sei que não posso mais agüentar tanta frustração física. Acredite em mim: ter que estar sempre tentando seduzir você não faz muito, por meu ego.

— Mas isso... Isso é loucura! Duas pessoas não podem se casar só para descobrir...

— Por que não? Eu sei que você não me odeia, o que já é alguma coisa. O que não sei é o que você sente por mim. — Matthew fez uma pequena pausa, depois acrescentou: — O que você sente por mim, Carrie?

— Não sei — Caroline confessou, abaixando a cabeça. — Estou confusa. Quando você tomou conta de mim, na noite em que me senti mal, pensei... — Parou de falar, incerta. Não poderia confessar que havia pensado que estava se apaixonando por ele e depois negado este sentimento, atribuindo tudo que estava sentindo a uma simples atração física. — Quando você me toca...

Outra frase impossível de terminar. De qualquer modo, Matthew não tinha dúvida do efeito que exercia sobre ela, sempre que a tocava.

— Certo! — ele exclamou, num tom de voz quase áspero. — E agora me diga: qual é a melhor solução para tudo isso?

Seria melhor concordar com a sugestão de Matthew? Desde sua experiência com Clay, Caroline encarava o casamento como uma

verdadeira condenação à prisão perpétua. No entanto, como poderia convencê-lo a manter Joe Symington longe dos livros da firma, se não concordasse em se casar com ele?

— Matthew — murmurou, arriscando uma olhada na direção dele —, se nós nos casarmos... a minha companhia... Bem, a Elliot Bay é muito importante para mim, e eu gostaria de continuar administrando tudo...

— Isso já está decidido, Carrie. Não leu os jornais?

— Li, e não gostei da idéia de ter o seu primo revirando meus livros e...

— Droga, Carrie! Você está obcecada por esta firma. O que mais quer de mim? Que eu desista da aquisição?

Caroline nunca tinha pensado nessa possibilidade, mas blefar não lhe faria mal algum. Portanto, fez que sim.

— Não, Carrie. Isso eu não vou fazer. Eu lhe prometo que poderá dirigir a Elliot Bay como quiser, mas não vou desistir da aquisição. Do jeito como as coisas estão, já vou sair desse negócio como um idiota apaixonado. E há um limite para o que a minha reputação pode agüentar.

Ela entendeu o ponto de vista dele, mas mesmo assim tentou conseguir alguma vantagem.

— Não dá para você desistir desse exame nos meus livros, pelo menos?

— O que há, Carrie? Está com medo de que Joe descubra algum erro na sua contabilidade?

— Claro que não! Eu só considero uma falta de confiança em mim, você mandar Joe...

Misericordiosamente, Matthew inclinou a cabeça e interrompeu-a com um beijo de uma estranha ternura.

— Não vou discutir com você a esse respeito, doçura. Uma simples auditoria externa me deixará satisfeito, se é isso que quer que eu prometa, para aceitar meu pedido de casamento. — Sorrindo, ele se afastou. — Agora, é melhor se arrumar um pouco, antes que eu resolva desarrumá-la mais ainda.

Caroline estava terminando de escovar os cabelos quando a luz brilhante de dois faróis iluminou o interior do carro. Os Lyle estacionaram atrás deles, e Matthew desceu para cumprimentá-los. Pouco depois ele voltou, abriu a porta do passageiro e ajudou Caroline a sair.

— Esta é Carrie — apresentou, passando o braço pelos ombros dela e puxando-a para junto de si. — Carrie, meus pais, Desirée e Henry Lyle.

Sorrindo, Henry Lyle beijou Caroline no rosto.

— É um prazer conhecê-la, Carrie. Bem-vinda à família.

Desirée Lyle foi bem mais fria. Depois de inspecionar Caroline da cabeça aos pés perguntou ao filho, com ar de dúvida:

— Você disse Caroline McKay Spencer, não disse?

— Carrie é a treinadora do time de basquetebol de Lindsay, mamãe, e acaba de vir de um treino.

— Verdade? Para ser franca, Caroline, depois do que me disseram de

você, eu estava esperando uma pessoa completamente diferente.

Caroline enrijeceu, embaraçadíssima. Quem teria falado dela para a mãe de Matthew? E o quê?

— Vamos entrar? — Matthew convidou. Passando por um hall de entrada grande e espaçoso, de chão de mármore, ele levou-os a uma saía encantadora, decorada com móveis antigos. Em silêncio, Caroline admirou a enorme lareira de tijolos vermelhos, o assoalho de tábuas largas e os tapetes orientais. Quadros de famosos pintores impressionistas franceses pendiam das paredes, dando ao ambiente um ar aconchegante e gostoso. Achando que Matthew tinha herdado a casa dos pais, ela virou-se para a sra. Lyle e disse:

— Que sala deliciosa! Além de ser bonita, tem um ar gostoso e aconchegante.

— Obrigada — a sra. Lyle respondeu. — Nunca estive aqui, antes?

— Não, mamãe. Caroline nunca estive nesta sala nem no meu quarto.

Caroline corou, e isso mereceu, pela primeira vez, um olhar de aprovação da mãe de Matthew. Sorrindo com um pouquinho mais de calor, ela disse:

— Venha comigo até a cozinha, Carrie. Você pode me ajudar a fazer o café.

Caroline seguiu-a de volta ao hall, passando por uma sala de jantar antes de chegar à cozinha. Apesar da aparelhagem moderna, o chão ali era de tijolos vermelhos e o papel de parede tinha uma estampa antiga. Uma mesa de carvalho maciço, com seis cadeiras ao redor, ocupava o centro do cômodo, que parecia o lugar perfeito para lanches de domingo e refeições infantis.

Desirée Lyle pôs a água para esquentar e tirou um bolo de um dos armários, colocando-o numa bandeja. Em seguida, abriu uma das portas mais altas do armário e pediu:

— Quer pegar aquelas xícaras para mim, Caroline? Este armário é alto demais, para alguém do meu tamanho.

Caroline pegou as xícaras e sentou-se com a futura sogra, para esperar a água ferver.

— Sabe? — a sra. Lyle comentou —, eu já estava perdendo a esperança de ver Matthew casado. Espero que você o faça feliz, Carrie. Ele é meu único filho e somos muito unidos.

— Vou fazer o possível — Caroline murmurou. E estava sendo sincera. Seu maior desejo era que Matthew fosse feliz com ela.

— Vocês ainda não se conhecem muito bem, não é? — Sem dar tempo à futura nora de pensar numa desculpa aceitável para o noivado apressado, Desirée Lyle continuou: — Se bem que não posso criticar vocês. Henry e eu nos casamos depois de um namoro de três dias.

— Verdade?! A senhora não... — Caroline sentiu vontade de morder a língua. Quase tinha dito à mãe de Matthew que ela parecia tudo, menos impulsiva.

— Você também não — foi a resposta bem-humorada, que recebeu. — Matthew não foi jantar conosco, esta noite, porque estava ansioso para vê-la. Por isso perguntei a minha amiga a seu respeito, e ela me disse que você era uma loira bonita e fria, que se vestia como uma modelo.

— Não numa quadra de basquetebol. Mas acho que devo ter essa aparência, no trabalho.

— Você vai continuar como presidente da sua firma?

— Depende de Matthew. Depois da reunião anual, ele será o chefe. Pelo menos, em termos de negócios.

A sra. Lyle apertou os lábios.

— Essas moças modernas! Eu venho de uma família muito tradicional, Carrie. Meu pai era o patriarca e sua palavra era lei. Em seu lugar, eu responderia à pergunta dizendo que, depois do casamento, Matthew seria o chefe. Ponto final.

Caroline percebeu que uma resposta honesta a deixaria em maus lençóis com a futura sogra, mas não foi capaz de ficar calada.

— Não posso aceitar esse tipo de relacionamento. Minha independência é importante, para mim. Marido e mulher devem ser companheiros. Quando eu era casada com Clay Spencer... — Interrompeu-se abruptamente. Estivera a ponto de fazer confidências à mãe de Matthew.

— Você foi feliz com ele?

Depois de tanta frieza, o tom gentil da sra. Lyle pegou-a desprevenida, e ela não foi capaz de evitar a expressão angustiada que, por um rápido momento, brilhou em seu olhar.

— Estou começando a ver que você é uma moça muito complicada, Carrie. Posso lhe fazer mais uma pergunta?

— Claro que pode, sra. Lyle!

— Minha filha tem três meninos. Eu os amo muito, mas gostaria de ter uma neta para poder lhe dar todas as coisas que nunca pude comprar para Terry. Henry e eu lutamos muito, no início de nosso casamento, Carrie. Você acha que poderá me dar essa neta?

"Deus do céu, o que posso responder?", Caroline pensou. "Dentro de um mês Matthew pode estar cansado de mim. Eu seria uma louca se concordasse em ficar grávida, logo nos primeiros meses."

— Nós nunca falamos a respeito de filhos, sra. Lyle — respondeu, com diplomacia. Mas um sorriso cheio de ternura iluminou seu rosto. — Em todo caso, se tivermos uma filha, ela provavelmente terminará mais alta do que eu. Vai lhe custar uma fortuna substituir as roupas que forem ficando pequenas para ela.

Desirée Lyle gostou da resposta.

— Eu sempre posso vender algumas ações das Indústrias Olympia — disse; levantando-se para coar o café.

Henry Lyle estava sentado no sofá em frente à lareira, com o filho na poltrona ao lado, quando elas entraram. Matthew estendeu a mão para

Caroline e ela, depois de colocar a bandeja sobre a mesinha de centro, acomodou-se junto a ele.

— Para quando é o casamento? — o sr. Lyle quis saber.

— Há tanta coisa a fazer — comentou a sra. Lyle, sem dar tempo ao filho de dizer nada. — Precisamos verificar se o clube de campo estará disponível, Henry. Gostaria que não estivéssemos com esta viagem marcada para o Oriente. Antes do outono, este casamento não poderá ser realizado.

Matthew balançou a cabeça.

— De jeito nenhum, mamãe. Vamos nos casar antes de vocês partirem para o Japão. — Vendo a cara scandalizada da mãe, acrescentou: — Não quero que fique chocada, mamãe, mas esta vida forçada de celibatário está acabando comigo. Não vou esperar.

Henry Lyle riu gostoso, divertidíssimo com a reação horrorizada da esposa.

— Matthew!

— Mamãe! — Matthew imitou, zombeteiro. — Não sei por que está tão scandalizada. Pelo que ouvi dizer, você e papai se casaram em três dias.

A sra. Lyle estudou a expressão firme do filho por alguns segundos, depois deu de ombros, com a sabedoria dos franceses. Mais tarde, Matthew acompanhou Caroline até o carro, onde a beijou com uma paixão que a fez ter vontade de convidá-lo para passar a noite com ela.

— Cuidaremos de tudo amanhã — ele disse. — Passo pelo seu escritório ao meio-dia, para irmos almoçar juntos. Se tiver um compromisso, cancele-o.

Caroline voltou para a ilha Mercer completamente atordoada. Como tudo podia ter acontecido tão rápido, no curto espaço de algumas horas? Seria mesmo capaz de se casar com um estranho?

A resposta para a última pergunta era sim. Mesmo que Sam Hanover não estivesse ameaçado de prisão, a resposta ainda seria sim. Quando estava nos braços de Matthew, não tinha forças para negar a ele o que ambos queriam. Seu desejo por ele sufocava tudo, até as dúvidas que a atormentavam.

Era arriscado e perigoso casar-se com um homem que mal conhecia e no qual não confiava, mas não voltaria atrás. É verdade que uma parte de si mesma desejava ardentemente confiar nele, contar-lhe a respeito de Clay e dos subornos feitos por Sam, mas algo a detinha. Matthew não estava apaixonado por ela e poderia não querer protegê-la. E o medo de que ele pudesse deixá-la entregue à própria sorte era maior e mais angustiante que o medo de ir para a prisão.

O noivado entre Matthew e Caroline tornou-se público um dia antes de ser feito o comunicado oficial, planejado por eles. Sanderson foi o responsável pelo furo de reportagem, com um artigo de primeira página intitulado: "Amor no Mundo dos Negócios".

Caroline achou que o informante indiscreto tinha sido o joalheiro que lhes vendera as alianças de casamento e o anel de noivado, uma linda safira rodeada de pequenos brilhantes. Eles tinham ido à joalheria depois do almoço combinado no dia anterior, durante o qual discutiram tudo que deveriam fazer para se casar, com a calma de um casal comprometido há anos.

Na volta, Caroline havia comunicado seu casamento a Maggie e pedido à ruiva para ser sua dama de honra. Maggie aceitara e, na manhã seguinte, as duas foram à mais cara loja de roupas para noivas, escolher os vestidos que deveriam usar.

Caroline preferiu um modelo de mangas longas, fechado nos punhos e nas costas por uma infinidade de botõezinhos delicadíssimos, confeccionado com um maravilhoso crepe de seda azul-esverdeado. Maggie ficou com um modelo no mesmo tecido, só que verde-água.

O casamento foi marcado para a sexta-feira seguinte. Caroline viu Matthew quase todas as noites, mas sempre na companhia de amigos, parentes e colegas de negócios. Desirée Lyle compensou o fato de não poder dar uma recepção para comemorar o casamento do filho, convidando meia Seattle para coquetéis, jantares e reuniões informais, durante aquela semana.

Caroline enfrentou tudo com o charme sofisticado de costume e não pôde deixar de admirar a facilidade com que Matthew manjava os convidados, nessas ocasiões. Ele era inteligente e atraente, e sabia falar tão bem quanto ouvir. Muitas vezes, durante aquela semana, ela desejou poder ser tão espontânea e descontraída quanto o noivo.

Todas as noites Matthew levava-a até o carro, despedindo-se com um beijo que não era mais que um simples roçar de lábios. Caroline foi ficando cada vez mais frustrada com isso. Se Matthew partilhava de seus sentimentos, jamais demonstrou.

De todos os conhecidos de Caroline, Sam Hanover foi o que mais se alegrou com a notícia de seu casamento. Ele foi ao escritório dar-lhe os parabéns, mas ela interrompeu-o com um seco:

— Ele disse que ficará satisfeito com uma auditoria externa, Sam. Agora, preciso ficar sozinha. Tenho muito trabalho a fazer.

Sam saiu, mas não sem antes comentar, com azedume:

— Eu costumava ter pena de você, Carrie, quando estava casada com Clay. Mas acho que não havia necessidade; você é dura como pedra. Deveria ter nascido homem.

Caroline convidou vários amigos e colegas para a cerimônia de casamento. Sam Hanover não estava entre eles.

Na sexta-feira, começou a chover logo depois que Matthew ajudou Caroline a entrar no carro e partiu para o local onde seria realizado o casamento. Caroline colocou uma capa sobre o vestido e correu para a porta da igreja, protegida também pelo guarda-chuva que Matthew estava

segurando. Ele estava magnífico, com um terno azul-marinho, camisa branca e gravata listrada.

Muitos amigos e parentes assistiram à cerimônia, inclusive a irmã e o cunhado de Matthew, que tinham vindo do Maine no dia anterior. Caroline fez seus votos em voz baixa e insegura e, no final, levantou a cabeça, ansiosa pelo beijo de Matthew.

— Não sei como vou agüentar até esta noite — ele murmurou, olhando-a nos olhos. E beijou-a de um modo intenso e sensual, que a fez desejar que a noite chegasse logo.

Tanto Matthew quanto Caroline tiveram a impressão de que o resto do dia se arrastou. Depois da cerimônia, todos foram para a casa dele, para um almoço informal, arranjado por Desirée. A comida francesa estava deliciosa, a decoração linda e os convidados muito alegres. Já era quase noite quando os dois levaram Henry, Desirée, Terry e o marido para o aeroporto.

Como a reunião anual da Elliot Bay estava marcada para a semana seguinte, e a reunião das Indústrias Olympia para quinze dias mais tarde, Matthew e Caroline tinham combinado deixar a lua-de-mel para depois. De volta à casa em Hunfs Point, Matthew abriu a porta, tomou Caroline nos braços e carregou-a para dentro. Ela gostou, mas quando ele continuou a carregá-la em direção à escada que levava aos quartos, assustou-se.

— Não precisa ficar tão assustada — Matthew murmurou, colocando-a em pé ao lado da enorme cama de casal, no quarto dele. E, virando-a de costas, examinou os inúmeros botõezinhos que fechavam o vestido. — Você escolheu este modelo porque se lembrou de que eu gosto de desabotoar botões ou só para me deixar meio louco de frustração?

— Nenhum dos dois. Eu gostei da cor. Maggie disse que ficava bem em mim — Caroline respondeu, com voz ligeiramente trêmula.

— Você ficaria bonita mesmo num saco de estopa, sra. Lyle. — Matthew começou a desabotoar o vestido e, logo depois, estava xingando baixinho. — Vou rasgar esta coisa!

— Mas este vestido custou uma fortuna!

— Eu lhe compro mais doze, depois. — No entanto, apesar da ameaça, ele continuou a lutar com os botõezinhos. Quando terminou, virou Caroline de frente e pediu, os olhos brilhando de paixão: — Agora, acabe de tirá-lo, para mim.

— Não posso. — Ela deu um passo para trás e estendeu os braços para ele. — Faltam os botões dos punhos, Matthew.

Uma exclamação impaciente ressoou pelo quarto. Apressado, Matthew desabotoou os quatro botões de cada punho e fez o vestido deslizar pelos ombros de Caroline, deixando-o cair no chão.

— Graças a Deus — murmurou, observando as delicadas roupas de baixo, que ela estava usando. — Eu estava com medo de encontrar outro sutiã diabólico... Talvez mesmo um cinto de castidade.

Mas seu senso de humor desapareceu por completo, quando ele a tomou de novo nos braços. Seu beijo inicial, leve e cheio de ternura, logo se transformou numa carícia profunda e apaixonada, quase selvagem, que deixou Caroline em chamas.

— Posso saber por que eu sou a única pessoa meio nua, neste quarto? — ela perguntou um segundo mais tarde, começando a soltar a gravata dele.

Mas Matthew estava excitado demais, para esperar que Caroline o despisse. Rapidamente, tirou as próprias roupas e jogou-as sobre uma cadeira. Fascinada, Caroline correu os olhos pelo corpo forte musculoso, nu a sua frente.

— Pode me tocar — disse Matthew, com um sorriso, ao notar o interesse dela. Tomando-a de novo nos braços, colocou-a sobre a cama, terminou de despi-la e pôs-se a acariciá-la com a boca e as mãos.

— Matthew... Agora... Quero você... Quero que me possua... — Caroline ouviu-se pedir entre gemidos, momentos depois.

CAPITULO IX

— Sinto muito, Carrie.

Deitada de costas para o marido, Caroline encolheu-se quando ele acariciou seu ombro. Matthew tinha sido tão controlado e sensível quanto possível, continuando a acariciá-la mesmo depois de ouvir seus pedidos para que a possuísse. Ela havia se julgado pronta para a posse final, mas seu corpo tinha resistido. Depois de longos minutos de frustração, o controle de Matthew simplesmente terminara. Para Caroline, o resultado fora desagradável e doloroso.

— Eu não olho para outra mulher desde que a conheci, Carrie. E isso foi há vários meses. — Num tom gentil, ele tentou fazê-la entender o que havia acontecido. — Eu não queria machucar você, doçura, mas não pude parar. Será melhor, da próxima vez.

"Da próxima vez?" Ela não queria pensar em próxima vez.

— Por favor, deixe-me sozinha — soluçou, sem se importar que ele visse as lágrimas que estavam escorrendo por seu rosto.

— Está bem. Meia hora — Matthew murmurou, levantando-se e saindo do quarto.

Caroline logo parou de chorar e começou a refletir sobre o que ele lhe dissera. Matthew não tinha motivos para mentir, portanto só podia ser verdade que não se aproximava de outra mulher, desde que a conhecera. Estava agindo como uma criança, chorando e condenando-o.

Decidida, tirou um robe da mala, vestiu-o e desceu. Encontrou Matthew sentado à mesa da cozinha, tão perdido em pensamentos que só notou sua presença quando ela o chamou.

— Só vou tocar em você de novo quando me pedir, Carrie. — O rosto dele

estava sério, os olhos, sombrios.

— Eu... eu reagi de modo exagerado. Não pensei que você pudesse... que não tivesse havido outras mulheres.

Matthew estendeu a mão para ela, o olhar mais caloroso agora, e Caroline aproximou-se.

— Eu estava obcecado com você. Não notou? — Um sorriso surgiu nos lábios dele.

— Como ficou com a Companhia de Minérios Cascade?

Ele riu.

— Quem lhe contou isso?

— Joey. E fique sabendo que não gostei de ser comparada a uma companhia de minérios.

— Mas há muita verdade nisso. Eu costumo ser muito decidido, quando quero alguma coisa. — Vendo a expressão magoada de Caroline, Matthew acrescentou, depressa: — Eu quis você muito mais do que a Cascade, Carrie. E ainda quero.

— Fisicamente, você quer dizer.

— É. Emocionalmente, você me mantém à distância. Mas não quero começar outra discussão, fazendo perguntas que você não quer responder.

Caroline achou que só de tocar no assunto ele estava lhe fazendo perguntas. Soltando a mão, sentou-se do outro lado da mesa.

O resto da noite foi calmo. Juntos, os dois prepararam um jantar leve e depois foram ler, na sala de estar. Matthew teve o cuidado de beijar Caroline na testa, ao lhe dar boa noite, e dormir bem longe dela. E ela sentiu-se grata por isso.

No sábado, eles foram à ilha Mercer, pegar o resto das roupas de Caroline. Ela havia decidido alugar a casa, em vez de vendê-la. Assim, se o casamento falhasse, teria onde morar.

Mais tarde, os dois fizeram um passeio pelas montanhas, almoçaram num restaurantezinho de beira de estrada e voltaram para casa. Em suas conversas, falaram bastante da carreira de Matthew, que admitiu gostar muito das manobras envolvendo aquisições forçadas. Caroline achou fascinantes as histórias que ele contou.

— Acho que foi o mesmo com relação a você — Matthew comentou, a certa altura da conversa. — Foi uma novidade, encontrar uma mulher que não me queria. As suas recusas aumentaram muito o meu desejo.

Ela não pôde deixar de imaginar o que aconteceria, quando a aquisição humana fosse completa. Ainda estava confusa a respeito dos próprios sentimentos, embora muitas vezes achasse que o amava. Mas a verdade era que ele não a amava, e o melhor seria não se esquecer disso.

Depois do jantar e de um filme na TV, Caroline subiu e Matthew foi para a biblioteca, trabalhar um pouco. Embora ela ainda o achasse sensual e estivesse com vontade de trocar alguns beijos e carícias, não disse nada. Não estava preparada para ir até o fim numa relação amorosa. Talvez

estivesse submetendo-o a um teste, obrigando-o a se manter à distância, mas não tinha condições de agir de outro modo. E nem mesmo a idéia de que pudesse estar sendo injusta conseguiu fazer com que mudasse de atitude.

Caroline estava apenas meio adormecida, quando Matthew entrou no quarto escuro, e não se sentiu alarmada, ao vê-lo deitar-se a seu lado. Mas então a mão dele moveu-se ao longo de seu corpo e insinuou-se por baixo da camisola, à procura de seus seios.

— Matthew, por favor! Você disse...

— Eu sei o que eu disse. Mas não sou um bloco de pedra, Carrie! Você é minha esposa. Eu quero você.

Delicadamente, Matthew roçou os lábios nos dela, e Caroline foi invadida pela amarga sensação de estar sendo traída. Rígida, suportou as mãos e os lábios dele deslizando por seu corpo. Tinha sido uma tola em confiar nele. Matthew Lyle não passava de um bruto egoísta e insensível.

A apatia de Caroline acabou por zangar Matthew, levando-o a insistir em suas carícias de um modo impaciente e brutal. Ela lutou contra ele, empurrando-o para longe e, sem querer, arranhou-o no pescoço.

— Está bem! Está bem! Eu já entendi — ele disse. E, furioso, voltou para o outro lado da cama.

Muito tempo depois de Matthew ter adormecido, Caroline ainda estava acordada, sentindo-se confusa e infeliz. Estava zangada com ele, por ter tentado fazer amor, e zangada consigo mesma, por ter se recusado. Já eram mais de duas horas, quando, finalmente, conseguiu adormecer.

Sonhos torturantes e angustiantes explodiram então em sua mente. Estava com dezoito anos e encontrou-se com Matthew Lyle numa corrida de lanchas. Apaixonaram-se perdidamente e logo depois estavam se casando num altar, num dos barcos dele. Clay Spencer levou-a pelo braço até o altar. Matthew, o noivo, estava em pé lá na frente, ao lado do sacerdote vestido de preto. De repente, ele e Clay começaram a gritar um com o outro. Matthew agarrou-a pelo braço e arrastou-a para o altar. Xingando os dois, Clay saiu da sala e pulou do barco.

Noite. Ela estava na cama, esperando Matthew. Sonhadora, fechou os olhos, só tornando a abri-los quando o barulho de alguém entrando chegou a seus ouvidos. Mas estava na cama errada! A cama de Clay, na casa de Clay. E Clay estava se aproximando dela. Num salto, levantou-se e gritou por Matthew, mas Clay continuou sua marcha ameaçadora em direção à cama. Ela gritou quando ele a tocou, lutando com desespero para se livrar de tanto horror.

— Não! Me largue! Eu te odeio!

Tentou esmurrar o peito dele, mas suas mãos foram capturadas antes que pudesse atingi-lo. Seus olhos, cheios de ódio, fixaram-se então no rosto de seu carrasco.

Era Matthew, e não Clay. Estava em Hunfs Point, não na ilha Mercer. E

Matthew estava olhando para ela, desesperado. Lágrimas de puro alívio começaram a jorrar de seus olhos.

— Oh, Matthew — gemeu, agarrando-se a ele. — Tive outro pesadelo. Sonhei que estava casada com você, mas era Clay... Ele estava tentando...

Mãos carinhosas deslizaram por suas costas e cabelos, até que parasse de chorar.

— Carrie, por que tem tantos pesadelos com Clay? O que foi que aconteceu?

Caroline estava perturbada demais, para continuar negando uma resposta.

— Eu me obrigava a fazer tudo que ele queria. Achava que era meu dever. Então, você quebrou sua promessa. E eu achei que deveria fazer o que você queria. Confundi vocês dois.

— Conte-me tudo, Carrie. Por favor, doçura...

Meio adormecida, Caroline ainda estava sem defesa.

E, quando ele a segurava daquele modo, suas dúvidas desapareciam. Ela o amava e queria que ele a amasse. Matthew precisava entender que não era uma mulher fria e interesseira.

Caroline começou a falar de sua infância, do pai indiferente, da bondade de Clay, quando tão poucas pessoas eram boas com ela. Quando chegou a seu casamento e descreveu a mudança em Clay, estava soluçando baixinho,

Matthew de vez em quando soltava uma exclamação de simpatia, um murmúrio de encorajamento. Quando, afinal, ela parou de falar, beijou-a com ternura na boca e perguntou:

— Há mais alguma coisa que você queira me dizer, Carrie? — Ela fez que não e ele murmurou, acariciando-lhe os cabelos e as costas: — Durma, então, doçura.

Caroline foi invadida por uma enorme sensação de alívio. Era a primeira vez que enfrentava o fato de que uma parte de si mesma detestava Clay Spencer, pois tinha vergonha disso. Mas contara tudo a Matthew e ele não a chamara de má ou ingrata. Estendendo-se na cama, nos braços dele, sentiu-se descontraída e feliz, e as lembranças daqueles anos com Clay tornaram-se distantes e sem importância. Estava em paz consigo mesma.

Então, outras sensações insinuaram-se em sua mente, fazendo-a perceber a excitação de Matthew. Sua mão direita escorregou do pescoço para o peito dele, numa carícia leve, e ele estremeceu. Espreguiçando-se sensualmente, ela deitou-se de costas.

— Matthew, esfregue minha barriga.

Gentilmente, ele atendeu o pedido.

— Está se sentindo melhor?

— Hum... Não pare — Caroline protestou, quando Matthew tirou a mão de sua barriga.

— Carrie, você não sabe o que está fazendo comigo.

— Sei, sim — ela disse baixinho, arqueando o corpo de encontro ao dele.

As carícias de Matthew, cautelosas e suaves, despertaram um vulcão em seu íntimo, e ela correspondeu com paixão, decidida a acabar com o autocontrole dele. E teve sucesso, pois logo depois os dois estavam perdidos num mar de sensações intensas e atordoantes, quase, selvagens.

Mais tarde, ambos dormiram de pura exaustão, Caroline com um sorriso nos lábios. Suas dúvidas haviam se acabado. Amava Matthew e tomara a decisão certa, ao se casar com ele.

No dia seguinte, acordou com o aroma de café fresco, a sensação dos lábios de Matthew nos seus, e o som da voz dele murmurando:

— Bom dia, doçura.

— O que vamos fazer hoje? — perguntou, sorrindo, ainda de olhos fechados.

— O dia está lindo. Podemor ir velejar ou, se preferir, praticar esportes de um tipo mais caseiro.

— Esportes caseiros?! Com exercício físico e tudo? Nunca ouvi falar nisso

— Caroline brincou, olhando-o com o ar mais inocente do mundo.

— Está se queixando de ontem à noite?

Rindo, ela abraçou o marido.

— Estou. Fiquei muito desapontada. Pelo que você me disse, achei que teria um grande amante.

— Eu estava guardando o melhor para hoje — ele murmurou, empurrando-a de volta para a cama.

Na verdade, Caroline não estava acreditando que ainda tivesse alguma coisa para aprender. Matthew passou o resto do dia mostrando-lhe o quanto estava enganada.

Na segunda-feira, Caroline entrou no escritório radiante de felicidade, e nada, nem mesmo Sam Hanover, conseguiu diminuir sua alegria. Depois de passar o dia inteiro sonhando com Matthew e fingindo que estava trabalhando, ela desistiu e resolveu ir para casa algumas horas mais cedo.

Encontrou o marido na biblioteca, estudando uns relatórios, e sem esperar convite, sentou-se no colo dele e beijou-o na boca. Ele correspondeu com paixão, e aquela noite seguiu o padrão estabelecido durante o fim de semana.

A terça-feira também foi maravilhosa. Mas Caroline não estava tão encantada com seu recém-descoberto amor por Matthew, a ponto de esquecer que os sentimentos, dele eram de outro tipo, e bem menos intensos. Fisicamente, ele ainda estava obcecado demais por ela, para perder tempo com conversas, e Caroline não pensou em protestar, pois adorava cada minuto de suas relações amorosas. É verdade que não seria realmente feliz enquanto seu amor não fosse retribuído, mas tinha esperanças de que, mostrando-se terna e amorosa, isso logo acontecesse.

Na quarta-feira, exatamente às dez da manhã, na espaçosa sala de conferências de um hotel de Seattle, Caroline levantou-se e declarou aberta a reunião anual da Elliot Bay. Enquanto falava, procurou Matthew com os

olhos. Ele estava sentado na primeira fila e sorriu para encorajá-la.

O primeiro item, na agenda, era o relatório anual para os acionistas, que ela apresentou com confiança e entusiasmo. Em seguida, foi feita a eleição do Conselho Diretor.

Aquela manhã, ainda na cama, Caroline tinha dito a Matthew que pretendia votar pela reeleição do atual Conselho Diretor. Rindo, ele havia respondido que nunca lhe passara pela cabeça que ela pudesse votar contra si mesma.

Apesar dos votos por procuração já terem sido contados com antecedência, o resultado final levou mais de uma hora para ser apurado. Matthew Lyle venceu com cinquenta e nove por cento dos votos, e a razão para isso estava mais do que evidente seu casamento com Caroline havia convencido a todos de que a aquisição da Elliot Bay seria amigável e não forçada.

Depois da eleição, ela quis ceder sua cadeira a Matthew, para que ele continuasse a comandar a reunião, já que era o novo presidente da Elliot Bay. Mas ele não aceitou.

— Você termina, doçura. Sabe mais a respeito dessas reuniões do que eu.

O restante da reunião levou menos de duas horas. O novo Conselho votou pela aquisição amigável da Elliot Bay, e vários assuntos pendentes foram submetidos à aprovação dos acionistas.

Naquela noite, Caroline voltou para casa sentindo-se contente e, ao mesmo tempo, muito triste. Não tinha dúvidas de que a Elliot Bay progrediria bastante como uma divisão das Indústrias Olympia, mas era duro saber que sua companhia havia perdido a independência.

— Você está tão quieta — Matthew comentou, durante o jantar.

— Acho que a Elliot Bay significava mais para mim do que pensei. Vou detestar quando você liquidar a divisão não-militar.

— A Elliot Bay precisa ser desmembrada em duas companhias, Carrie. A divisão militar tem carregado o resto da firma nas costas. Os lucros fornecidos pelos aparelhos não-militares são baixos demais.

Essa não era a resposta que ela tinha esperanças de ouvir, embora soubesse que Matthew jamais colocaria um motivo pessoal à frente dos negócios.

— Então, você vai vender a divisão não-militar?

— Eu não disse isso. O que eu disse foi que seus lucros são baixos demais. Antes de tomar uma decisão definitiva, preciso dar uma boa olhada nos seus livros.

Essa frase pareceu vibrar entre eles. Sem tirar os olhos de Caroline, Matthew levantou sua xícara de café e tomou um gole. De imediato, ela percebeu que havia caído numa armadilha. Se não o deixasse ver os livros, ele venderia a divisão não-militar no fim do ano. Se deixasse, Joe na certa descobriria os subornos feitos por Sam.

Vendo que Caroline não ia dizer nada, Matthew continuou:

— Não estou criticando seu trabalho como executiva, Carrie, e só venderei a divisão não-militar se tiver absoluta necessidade. Há pessoas que podem ajudá-la a aumentar os lucros, mas é preciso que mostre os livros a elas.

— Quando você me pediu em casamento, disse que...

— Eu sei o que disse. Bem, agora não adianta falarmos sobre isso. Se precisar de mim, estarei na biblioteca. Tenho muito trabalho a fazer.

Depois de tirar a mesa e colocar a louça na máquina de lavar, Caroline instalou-se na sala de estar, com uma coleção de revistas. Horas mais tarde, deu uma olhada em Matthew. Ele estava sentado à escrivaninha, rodeado por uma infinidade de papéis, e disse que subiria logo em seguida.

Após uma hora de espera, no quarto iluminado pelo luar, Caroline chegou à conclusão de que Matthew não pretendia subir. Talvez ele estivesse zangado com ela ou absorvido demais pelo trabalho. Ou, quem sabe, cansado dela, apesar de estarem casados a menos de uma semana.

Infeliz e assustada, Caroline ainda não tinha conseguido dormir quando Matthew subiu, à uma e meia da manhã. Com os olhos fixos nela, ele tirou as roupas e deitou-se. Então, sem palavra, pôs-se a beijá-la de um modo exigente e possessivo, quase brutal.

Caroline sempre havia admirado a educação de Matthew, a preocupação dele com seu bem-estar. Na cama, ele sempre dava muito mais que recebia, só se mostrando satisfeito quando a via sentir prazer. Mas aquela noite foi diferente.

Como sempre, Caroline correspondeu com paixão, grata por Matthew ainda desejá-la. As mãos que a acariciaram eram experientes e souberam lhe dar prazer, mas ela sentiu que seu propósito era dominar, e não excitar. Os beijos que recebeu foram quase selvagens em sua intensidade, e poderiam ter sido encarados como uma espécie de punição.

Mas, amando-o, Caroline colaborou em sua própria conquista e domínio. Se Matthew lhe pareceu estar totalmente descontrolado, isso só serviu para acrescentar um traço excitante de perigo à sua relação.

Depois, ele murmurou o nome dela, virou-lhe as costas e adormeceu. Caroline, fisicamente satisfeita mas emocionalmente abalada, não pôde deixar de pensar que a aquisição da Elliot Bay tinha agido como um potente afrodisíaco sobre Matthew, levando-o a conquistá-la de uma forma tão completa quanto havia conquistado sua empresa.

O comportamento de Matthew, na manhã seguinte, foi tão comum, que Caroline acabou achando que o que havia pensado, na noite anterior, era pura fantasia. O beijo de despedida que ele lhe deu foi tão terno e apaixonado quanto antes, e o sorriso, igualzinho ao das outras manhãs.

No escritório, ela resolveu parar de se preocupar e dedicou-se ao trabalho. Ao meio-dia, Matthew e Joe apareceram em sua sala.

— Estarei pronta em cinco minutos — disse ela, pensando que eles tinham ido buscá-la para almoçar fora.

As feições de Matthew estavam impassíveis,

— Vimos tratar de negócios, Carrie. É melhor você vir até aqui, Maggie.

Maggie entrou depressa, e seu olhar preocupado encontrou-se com o de Caroline.

— Quero ver todos os livros da companhia, feitos durante os últimos quatro anos — Matthew ordenou, ríspido. — Quero ver também todas as ordens de compra e venda, e as notas fiscais, lançadas, durante esse período. Além disso, espero colaboração total dos empregados, se resolver interrogá-los. Dois dos meus homens de segurança estão agora no escritório de Sam Hanover, para impedir que ele perca alguma coisa, por acidente.

Abaladíssima, Caroline olhou-o, apenas.

— O Conselho votou por essa auditoria, Carrie, e o resultado foi positivo, por unanimidade de votos — Matthew continuou, implacável. — Vamos logo com isso.

Maggie ergueu uma sobrancelha, perguntando silenciosamente se deveria obedecer, e Caroline fez que sim. Não tinha meios de deter Matthew e Joe.

Caixas e caixas de fichários foram levadas para fora e colocadas numa caminhonete que estava à espera, no pátio. Quando eles se foram, Caroline sentiu-se mais traída do que nunca. Não teve paciência para agüentar as ameaças raivosas de Sam. Quando ele entrou em sua sala, olhou-o com frieza e saiu. Voltou uma hora mais tarde e pediu a Maggie que telefonasse para Lindsay e avisasse que não haveria treino, aquela noite. Não estava em condições de treinar ninguém.

Em Hunfs Point, sentiu vontade de fazer as malas e ir para a ilha Mercer. Mas, além de ressentida e magoada, estava também louca para enfrentar Matthew. Quando ele finalmente chegou, já era quase meia-noite.

— Onde você esteve? — perguntou, fazendo o possível para controlar a raiva.

— Trabalhando. Olhe, Carrie, estou cansado e...

— Não duvido. Não pôde nem esperar até amanhã, para examinar os meus livros, não é?

— Eu não estava examinando os seus livros. Existem coisas mais importantes...

— Foi por isso que você e Joe entraram no meu escritório como se fossem um exército inimigo? Por que a Elliot Bay não é importante? — Nessa altura, Caroline já estava aos berros.

— Calma, Carrie. Você está ficando histérica.

— E de que outro modo eu poderia ficar, casada com um homem sem um pinga de decência, cuja palavra não vale um tostão furado? Como você pôde me tocar como tocou, me chamar de doçura e me...

Não conseguiu continuar. Com os olhos cheios de lágrimas, correu para a escada.

Quando Matthew a alcançou, no quarto, já tinha se controlado e decidido que nunca mais deixaria que ele a visse chorando.

— Pode dormir no quarto de hóspedes — disse, tensa. — Não pretendo dormir na mesma cama que você.

Ele deu de ombros.

— Ótimo. Talvez isso a ajude a se acalmar, até amanhã.

Caroline não conseguiu ver nada nos olhos dele. Nem raiva, nem irritação, nem tédio. Assim que ficou sozinha, recomeçou a chorar.

Nos dias que se seguiram, Caroline começou a se sentir frustrada, além de magoada. Matthew continuava dormindo no quarto de hóspedes e parecia totalmente indiferente a ela, evitando beijá-la, tocá-la e até mesmo iniciar urna conversa. Quando, finalmente, conseguiu se acalmar o bastante para lhe perguntar por que havia quebrado a promessa que lhe fizera, ele respondeu, com um bocejo:

— Sempre analisamos a contabilidade das firmas que adquirimos. Sua companhia não tinha nada de especial para agirmos de modo diferente.

"Será que, com isso, ele quer dizer que também não sou especial?", Caroline pensou. E, lembrando-se de quarta-feira à noite, concluiu que não havia errado, ao se imaginar sendo conquistada como mais uma empresa. Matthew tinha admitido que gostava de aquisições, principalmente forçadas, e agora que era dono dela e da Elliot Bay, havia perdido o interesse em ambas.

Como já tinha feito tantas vezes antes, Caroline escondeu a mágoa e forçou-se a continuar com sua vida normal. Guardava as lágrimas para a noite, quando estava sozinha na cama. Matthew estava sempre fora, e ela se consolava dizendo para si mesma que ele devia estar trabalhando. Era doloroso demais, imaginá-lo nos braços de outra mulher.

Na terça-feira à noite, concentrou toda a sua energia no treino do time de Lindsay. No final, tentou ignorar Janet Symington e sair sem falar com ela, mas Janet impediu-a, esperando-a junto à porta.

— Carrie, o que está acontecendo? Desde quinta-feira, mal tenho visto Joe. Ele me disse que está trabalhando em algo relativo à Elliot Bay, mas não quis entrar em detalhes.

— Quer dizer que você não sabe?! Pensei que Joe lhe contasse tudo. — Caroline não estava acreditando em Janet.

— Juro que não sei de nada, Carrie!

— Seu marido e o mentiroso do primo dele invadiram meu escritório na quinta-feira e levaram todos os meus livros. Estão dissecando meus papéis.

— Mas, por que? — O espanto de Janet foi autêntico.

— Não sei. Só sei que eles estão decididos a examinar tudo, de cabo a rabo. Matthew me disse que sempre fazem isso, quando adquirem uma firma, mas não acreditei. E ele tinha prometido que não faria isso com a Elliot Bay!

— Eles não fazem isso sempre, não. Matt deve ter uma boa razão para querer examinar os seus livros.

— Se tem, não me disse qual é. Nós mal nos falamos, desde quinta-feira, Janet.

Janet passou o braço pela cintura de Caroline, o que foi o suficiente para fazer os olhos dela se encherem de lágrimas.

— Meu Deus, eu me sinto horrivelmente mal, sabendo disso! Ajudei vocês dois a se reencontrarem. Pensei que seriam perfeitos, um para o outro, e tinha tanta certeza de que Matthew estava louco por você!

Caroline enxugou os olhos, incapaz de responder. Depois de uma ligeira hesitação, Janet abraçou-a.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer, Carrie, não deixe de me pedir. Se eu souber de alguma novidade, ligo para você.

Caroline agradeceu, certa de que ninguém no mundo poderia diminuir a dor que estava sentindo. Se tivesse um pingo de orgulho, abandonaria Matthew. Mas ainda não estava preparada para admitir que seu casamento havia falhado. Por isso, ainda não tinha saído de Hunfs Point.

CAPITULO X

Quatro dias depois, Maggie entrou correndo no escritório de Caroline.

— Caroline, acabo de ver Matthew e Joe entrando no prédio.

— Tem certeza?

A secretária de Matthew havia falado com Maggie na quarta-feira, pedindo-lhe para comunicar à sra. Lyle que o sr. Lyle estaria em Los Angeles, até domingo. Infeliz, Caroline imaginou se ele não teria passado todos aqueles dias ali em Seattle mesmo, com outra mulher.

— Eu sei que ele deveria estar em Los Angeles, mas está aqui. Eu estava no hall lá embaixo, quando eles chegaram.

Caroline agarrou a bolsa e levantou-se.

— Eles devem ter ido falar com Sam, já que não vieram para cá. Talvez tenham descoberto os subornos.

A sala da secretária de Sam estava vazia, e a porta que dava para o escritório dele, fechada. Mesmo assim, Caroline pôde ouvir as vozes dos três homens, lá dentro.

— Não sei do que vocês estão falando — disse Sam.

— Estamos falando de subornos ilegais, Hanover — respondeu Matthew.

— Eu não faço negócios desse jeito. Quero o seu pedido de demissão sobre a minha mesa, até às cinco horas da tarde.

— Sua imaginação está trabalhando demais, Lyle. Eu não subornei ninguém.

Joe Symington começou então uma descrição detalhada das irregularidades que havia descoberto, numa voz cheia de desprezo.

— O pior são os subornos para obter contratos do governo, Hanover —

Matthew comentou, quando o primo terminou de falar. — Se o novo presidente da Comissão de Títulos e Apólices descobrir, vai mandá-lo direto para a prisão.

— Posso dividir uma cela com a sua esposa, Lyle — foi a resposta de Sam. — Não me importaria nem um pouco com isso.

Caroline estremeceu, certa de que Matthew não seria capaz de tolerar esse insulto, mesmo não a querendo mais. Mas ele riu apenas, divertido com a situação. Arrasada, ela teve que se agarrar ao batente da porta, para não cair. Logo depois, Sam falou de novo.

— Não venha com essa, Lyle. Você mal podia tirar os olhos dela, na reunião de quarta-feira. Não vai querer que ela vá para a prisão. Não se esqueça de que Carrie era a presidente da firma, quando os subornos foram feitos, e portanto é tão culpada quanto eu.

Matthew demorou um pouquinho a responder.

— O marido apaixonado! Isso foi apenas para conseguirmos uma aquisição amigável. E deu certo, não deu? — Sam não disse nada, e ele continuou: — Vá em frente, Hanover. Ligue para Carrie. Pergunte a ela quando foi que a toquei pela última vez.

— Matthew prefere que não haja nenhum escândalo ligado a uma empresa que ele acaba de adquirir — Joe Symington comentou. — Mas, se você não pedir demissão, Hanover, levaremos tudo a público.

— Você não é tão duro, Lyle. A sua mulher...

— Tem, razão. Não gosto da idéia de ver minha ex-esposa na prisão, mas se for necessário...

Ex-esposa? Caroline não esperou para ouvir mais. Fugiu do escritório e do prédio, sem dizer a ninguém que estava saindo. Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, pegou o carro e foi para Hunt's Point. Nem mesmo os piores momentos que vivera com Clay podiam ser comparados ao sofrimento causado pelas palavras que acabara de ouvir.

Não poderia encarar Matthew. Precisava de algum tempo sozinha, para que, quando falassem de divórcio, pudesse fingir que estava adorando a idéia de se ver livre. Como um zumbi, jogou algumas roupas numa maleta e dirigiu-se ao aeroporto Sea-Tac.

Estacionou na garagem do aeroporto sentindo-se como um animal acuado. Para onde fosse, Matthew a encontraria. Mandaria Joe atrás dela, pois, embora não a quisesse, não admitiria que ela o abandonasse. Nenhuma mulher fazia isso a Matthew Lyle.

De repente, teve uma inspiração. Trancou o carro, pegou um táxi e deu ao motorista o endereço dos Symington. Joe podia ser capaz de achar uma agulha num palheiro, mas jamais pensaria em procurá-la em sua própria casa.

Janet ficou tão abalada com o rosto inchado de choro de Caroline, que deixou-a entrar sem uma palavra. Só perguntou o que havia acontecido quando as duas já estavam sentadas à mesa da cozinha.

Caroline explicou em lágrimas, de novo.

— Preciso de um lugar para pensar. Não quero que Matthew me encontre.

— Mas aqui...

— É o último lugar em que ele vai pensar. Por favor, Janet. Você disse que me ajudaria.

— Está bem, Carrie — Janet concordou, percebendo o desespero de Caroline. — Pode ficar no quarto de Lindsay. Joe não põe os pés lá há vários meses, desde quando ela começou a se queixar de que não tinha privacidade nesta casa. Ela vai passar a noite com uma amiga.

Caroline estava desesperada demais, para sentir alívio. Não pôde comer e, à noite, deitada na cama de Lindsay, torturou-se pensando em Matthew. Por que o tinha conhecido? O que havia de errado com ela, que ninguém era capaz de amá-la? Seria tão horrível assim? Como poderia levar uma vida normal dali em diante, se tudo que queria era se esconder do mundo?

Assustou-se, quando ouviu Joe Symington subindo a escada. Mas ele passou direto pelo quarto de Lindsay e, no dia seguinte, saiu bem cedo. Joey, que também não tinha idéia de que ela estava ali, saiu bem cedo para o colégio. Só então Janet subiu para vê-la.

— Joe passou a maior parte da noite no aeroporto, tentando encontrar você, Carrie. Ele disse que Matthew está quase louco de preocupação.

— Não é preocupação. Talvez o orgulho dele esteja ferido, por ter sido abandonado, mas é só. Acredite em mim, Janet.

Como antes, Janet não discutiu. Convenceu Caroline a tomar um banho e descer para se alimentar um pouco. Mais tarde, as duas se sentaram na sala de estar, para ver televisão. Os jogos esportivos que estavam sendo transmitidos ajudaram Caroline a tirar Matthew da mente, mas também lhe deram uma tremenda dor de cabeça. Ela aceitou a aspirina que Janet lhe ofereceu, mas não quis almoçar. Não conseguiria conservar nada no estômago.

No entanto, à noitinha, o choque inicial já havia passado e seu bom senso voltou.

— Eu gostaria de comer alguma coisa, Janet. Depois, acho que vou para casa. Não posso continuar me escondendo. Tenho que encarar a realidade.

Janet levou-a até a cozinha, onde Caroline comeu dois ovos quentes e estava tomando uma xícara de café, quando a porta da frente se abriu. O som da voz de Matthew e Joe assustou-a de uma forma tão violenta, que ela quase deixou cair a xícara.

Janet foi recebê-los. Apesar da cozinha estar separada da sala por apenas uma meia parede, de onde eles estavam não dava para ver Caroline. Ela ouviu Janet oferecer café e depois dois grunhidos, que deviam ser respostas afirmativas, pois a outra apareceu logo em seguida.

Então, Matthew perguntou, com impaciência:

— Por que me trouxe até aqui? Achou Carrie?

— Você está mesmo preocupado com ela, hem, Matt? Ela acaba aparecendo — Joe respondeu, despreocupado.

— Droga, Joe! Eu vou ficar louco, se tiver que esperar muito tempo. É uma tortura não saber o que está acontecendo com ela.

— Sabe? Eu sempre achei que quando você se apaixonasse seria para toda a vida. Você está louco por Carrie, não está?

Caroline e Janet trocaram um olhar. Logo depois, alguém se levantou do sofá e começou a andar de um lado para o outro. Caroline soube, por instinto, que era Matthew.

— Estou louco por ela, sim — ele explodiu. — E você sabe disso. Agora, vai me dizer onde ela está, para que eu possa acertar tudo?

Joe riu.

— Vou. Agora eu posso lhe dizer. Sabe? Passei metade da noite de ontem no aeroporto, mostrando o retrato dela a todo mundo e tentando descobrir que avião ela havia tomado. Carrie é muito bonita, Matt. O tipo de mulher que todos notam.

— Eu sei disso melhor do que ninguém, Joe. Vá logo ao que interessa.

— À meia-noite, finalmente me passou pela cabeça que Carrie não havia tomado um avião. Que ela tinha estacionado o carro lá para despistar e voltado para Seattle.

— Graças a Deus! Então, você a achou?

Os passos pararam e o som de alguém se sentando pesadamente chegou à cozinha. Com um sorriso deliciado, Janet pegou o café e as xícaras e foi para a sala.

— Passei a manhã inteira falando com motoristas de táxi — Joe continuou. — Sabe quantos motoristas de táxi há em Seattle, Matt?

— Você está se divertindo com isso, não está? Sabe muito bem onde Carrie se encontra, mas está fazendo isso para me ver sofrer. Meu próprio primo!

— É, reconheço que estou me divertindo muito. Passei os últimos dez anos vendo você conseguir todas as mulheres que quis, com um simples estalar de dedos. Já era tempo de alguém lhe dar uma lição.

Houve uma pausa, depois Matthew falou:

— Está bem, Joe. Fico contente por você ter se divertido. Agora, se puder me contar onde...

— Eu achei o motorista, Matt. Ele reconheceu o retrato de Carrie e disse que ela estava com o rosto inchado, como se tivesse chorado muito.

— Ele se lembrou de para onde a tinha levado?

— Claro que sim! Endereço: esta casa. Quer falar com ela aqui em baixo ou lá em cima?

— Carrie está aqui?!

— Está. Eu deveria lhe dar uma surra, Janet. Passei metade da noite procurando Carrie no aeroporto e o tempo todo ela estava aqui, bem debaixo do meu nariz.

— Eu sabia que Carrie tinha entendido tudo errado! — Janet exclamou.
— Finalmente, consegui enganar meu marido! Oh, Joe, não faça essa cara...

Atordoada, Caroline levantou-se da mesa. Tinha mesmo ouvido aquela apaixonada declaração de amor, aquela preocupação por seu bem-estar? Tremendo de apreensão, foi para a sala e parou em frente de Matthew.

— Você disse a Sam que ia se divorciar de mim.

Disse que...

— Você ouviu. Achei que era por isso que tinha fugido. — Matthew olhou para o primo. — Você sabia que ela estava escutando. Foi por isso que...

— Nunca jogue pôquer contra o seu marido, Carrie — Joe interrompeu-o.
— Se acreditou no blefe que ele deu em Sam, perderá todas as partidas.

— Blefe?! — repetiu Caroline.

Matthew não perdeu mais tempo: tomou-a nos braços. Ela resistiu, no início, mas havia tanto alívio no modo como ele a abraçou, que não pôde deixar de acreditar no que tinha escutado.

— Claro que foi um blefe, Carrie — ele murmurou. — Se Sam Hanover descobrisse o quanto a amo, poderia ditar as regras do jogo. E eu faria qualquer coisa para proteger você.

— Não estou entendendo.

— Não levamos mais do que uma semana para descobrir os subornos que Sam tinha feito. O duro foi descobrir os que ele havia recebido.

— Sam recebeu subornos?!

— Muitos. Seu aparelho para enganar radares inimigos é o melhor da praça, Carrie, e ele e os companheiros dele estavam se enchendo de dinheiro, para assinar os contratos. Acho que a morte de Clay Spencer deu-lhe uma oportunidade boa demais de fazer dinheiro fácil, e ele não conseguiu resistir.

— Quer dizer que Clay não teve nada a ver com os subornos?

— Não. Hanover foi o culpado de tudo. Ele deve ter tido a idéia quando Clay estava morrendo e esperou até você ser presidente da firma, para poder incriminá-la. Se algo desse errado, ele poderia fazer chantagem com você. Tive que usar meus contatos mais fortes, em três companhias, para descobrir o que havia acontecido. Mas não poderíamos provar nada, a menos que pedíssemos uma investigação detalhada de todas as companhias envolvidas. Ninguém quer isso, e foi aí que resolvemos blefar com Sam.

Gentilmente, Matthew levou Caroline para o sofá, onde os dois se sentaram juntinhos.

— Sam poderia achar que eu estava blefando e se arriscar, mas teve medo de perder o prestígio e a posição social que tem. Assinou a carta de demissão e foi passar alguns meses na Europa, como eu mandei.

— Mas o que vai acontecer, quando ele voltar? Não estaremos divorciados e pode ser que ele queira fazer barulho.

— Para quê? Ele não poderá conseguir o cargo de superintendente de

volta, porque vou preenchê-lo com outra pessoa. De qualquer modo, se Hanover fizer alguma acusação, Joe e eu agiremos como se ele estivesse ficando louco. Não encontramos nada de irregular nos livros da Elliot Bay, não é, Joe?

— Os livros estão limpos do começo ao fim — Joe garantiu, piscando um olho.

— E quem vai ficar do lado dele? Os sujeitos que ele subornou? Ou os que o subornaram? Hanover vai ficar quieto, não tenho dúvidas.

Depois disso, Matthew despediu-se dos primos e saiu com Caroline. Já no carro, ele tomou-a nos braços e disse:

— Você tem uma mente diabólica, sra. Lyle. Não é todo mundo que consegue enganar a mim e ao meu primo, mesmo que seja por vinte e quatro horas. — Beijou-a então, um beijo longo e apaixonado, que deixou-os ansiando por uma satisfação mais completa.

— Vamos para casa, Matthew.

Relutante, ele a soltou, e deu a partida no carro.

— Por que não me contou o que estava planejando? — Caroline perguntou, quando já estava a caminho de casa.

— Por que você não me contou a respeito de Sam Hanover?

— Não pude. Tive medo de que você me... Bem... — A acusação era tão terrível, que ela não teve coragem de terminar a frase.

— Você deveria ter vergonha de pensar uma coisa dessas. Que tipo de homem acha que sou?

— Um homem de negócios duro e implacável, mas que também é capaz de ser terno, gentil e muito sexy. O homem que eu amo.

— Desde quando?! — Matthew virou-se para ela.

— Não sei. Olhe por onde anda, querido. Talvez desde o nosso primeiro encontro, quando ensopei seu casaco de refrigerante. Ou desde a noite em que passei mal, na ilha. Só sei que amava você, na noite em que lhe falei de Clay. Mas você ainda não me explicou por que não me disse que ia examinar meus livros.

— Primeiro, porque não confiava em você. Na noite em que a pedi em casamento, vi que estava apavorada com alguma coisa que havia naqueles livros. Só podia ser uma fraude, mas não acreditei que você estivesse envolvida. Tive esperanças de que me contasse tudo, mas, como isso não aconteceu, achei até melhor, pois não queria que Sam ficasse sabendo de nada. Se descobrisse meus planos, você poderia entrar em pânico e revelar tudo a ele. E eu queria me livrar dele, para sempre.

— Como descobriu que era Sam? E por que não me contou tudo, depois que pegou os livros?

— Sam era o suspeito mais lógico. Tinha dirigido a firma até a morte de Clay e conhecia todos os contatos importantes. E quando não o vi no nosso casamento, tive certeza de que ele era o culpado. Agora, por que eu não lhe contei... — Ele parou o carro em frente da casa e desligou o motor. —

Vamos entrar, doçura.

Na sala, eles se acomodaram no sofá e Matthew continuou:

— Não pense que não sofri, Carrie. Nunca passei uma semana tão horrível. Lembra-se do modo como fiz amor com você, na quarta-feira à noite?

Ela fez que sim.

— Não era minha intenção, mas quando a encontrei acordada, não pude resistir. Dentro de doze horas você iria me odiar, e isso estava me matando. Acho que o que senti foi um impulso animal de marcar meu território. Machuquei você, Carrie?

— Eu fiquei abalada pelo seu jeito. Mas também foi excitante — Caroline admitiu, muito corada. — Por que você foi tão frio, a semana inteira?

— Não consegui pensar era nenhum outro jeito de proteger você. Tinha que convencer Sam de que não me importava com o que pudesse lhe acontecer, e para isso precisava convencer você. Ele poderia querer lhe fazer perguntas a respeito do nosso relacionamento, e eu não podia me arriscar. Você mente muito mal, doçura.

— O que você disse a Sam me arrasou. Eu estava tão apaixonada, e você não se importava comigo.

— Eu te amo, Carrie. Nunca duvide disso — Matthew murmurou, puxando-a para junto de si. — Mas você não facilitou nada. Levei quase uma semana para me acalmar, depois do desastre que foi aquela ida à ilha. Convenci-me de que você não passava de uma sujeitinha interessada e imoral, que tinha conseguido fisgar Spencer. Só que muitas coisas não se encaixavam. Você era vulnerável demais, parecia ter muito medo de ser ferida. Não pude acreditar que estivesse representando. Acho que eu já estava apaixonado por você antes de nos casarmos, mas não aceitei meus sentimentos até a noite em que você me falou a respeito da sua infância e de Clay. — Levantando-se, ele foi até a cozinha e voltou com uma garrafa de vinho branco e dois copos. — Quer?

Caroline aceitou. Depois de servi-la, Matthew disse:

— Já que estou desnudando minha alma, é melhor eu lhe contar logo que, no início, quando Joe me falou de sua firma, não me interessei muito. Na economia atual, estamos dando mais importância à consolidação do que a novas aquisições. Mas, mesmo assim, comprei algumas ações e me mantive a par do que estava acontecendo. Foi quando ouvi falar de Caroline McKay Spencer, uma mulher fria e insensível. Fiquei intrigado e, quando alguém me mostrou seu retrato e contou seu apelido, resolvi conhecê-la. Mas nos meus termos.

— Você foi um bruto, me evitando daquele jeito.

— Eu tinha ouvido dizer que você era dura na queda, e resolvi que seria melhor pega-la de surpresa. Nunca pensei que você pudesse cair com tanta facilidade na armadilha que preparei, fingindo ser outra pessoa.

— Foi uma fantasia. Quando o conheci, achei que nunca tinha visto um homem tão atraente e que me afetasse tanto. Mas éramos inimigos e eu quis fugir disso, nem que fosse por algumas horas, apenas. Depois que saímos juntos, nunca mais consegui reerguer minhas defesas.

— Graças a Deus! Se assim já foi duro, imagine com as defesas intactas. — Ele beijou-a no pescoço. — Vou desmembrar sua companhia, sra. Lyle. Com um pouquinho de ajuda, tenho certeza de que os produtos não-militares darão muito lucro.

Caroline não estava conseguindo se concentrar, pois Matthew havia enfiado a mão por baixo de sua camiseta e estava acariciando seus seios.

— Vai continuar dirigindo a Elliot Bay para mim, doçura?

— Não. Fiz uma confusão enorme, Matthew, deixando que Sam aprontasse o que aprontou.

— Ele se aproveitou da sua inexperiência. Não aconteceria de novo.

— Então... eu continuo.

Caroline virou a cabeça e Matthew beijou-a, de forma excitante e apaixonada.

— Para cima — ele murmurou com voz rouca, erguendo-a nos braços.

No quarto, Caroline sussurrou no ouvido dele:

— Acha que poderei tirar férias na primavera, querido?

— Hum... O que acontece na primavera?

— Sua mãe acha que sou liberada demais. Ela não aprova...

— Eu não me importo com o que ela pensa. Gosto de você do jeito que é.

— Mesmo assim, poderíamos lhe dar uma coisinha, para fazê-la feliz.

Rindo gostoso, Matthew jogou-a na cama.

— Não sou contra. Até gosto da idéia. Imagine só! Nosso filho poderá ser um grande homem: Faculdade de Ciências Econômicas, pós-graduação em Economia, grande jogador de basquete, senador pelos Estados Unidos. Temos todos os gens certos, doçura.

— Verdade? E se tivermos uma filha, seu machão chauvinista? Sua mãe quer uma neta!

— Carrie, meu amor, há um limite para tudo. Não vou aceitar tanta liberação nas mulheres de minha família e ponto final. Agora, pare de falar e me deixe agir, senão não teremos nenhum filho na primavera.

Sorrindo, Caroline estendeu os braços para ele.

— Quem está falando?

FIM

Agradecimentos:

Alessandra Ramos, Rita Cunha, Talissa, Livros Corações e amigas

JOGO DO AMOR

Laura Hardy

Fria e insensível, Dinah Trevor não era mulher de se deixar vencer por um sorriso sedutor, um olhar sensual e cheio de promessas. Cínico e arrogante, Greg Rondai não era homem de se dar por vencido ao primeiro "não". Assim, um jogo de sedução começou entre os dois, sutil, disfarçado, excitante, capaz de levá-los à loucura. Dinah ameaçava fugir, enquanto o implacável Greg derrubava as barreiras que ela construía e conquistava centímetro por centímetro daquele corpo tentador. E o pior é que nenhum outro homem havia conseguido derreter o gelo que envolvia o coração dela; nenhum outro fora capaz de atear fogo em suas veias...

SUBLIME TENTAÇÃO

Janet Dailey

Seth Talbot era atraente, excitante, o tipo de homem que despertava a atenção das mulheres. E era também o novo pastor da igreja da pequena Eureka Springs. Um verdadeiro presente dos céus! Só que nada nele fazia lembrar um homem de Deus, nem o jeito informal de se vestir, nem o modo sensual de andar, nem o olhar ardente, cheio de promessas... Abbie logo viu que seria impossível ficar ao lado dele sem alimentar desejos inconfessáveis e sem atrair os comentários ferinos da comunidade. Seth era viril demais, rebelde demais, independente demais, e estava numa idade em que também era capaz de pecar...